

FIALHO D'ALMEIDA

---

# OS GATOS

PUBLICAÇÃO MENSAL,  
D'INQUERITO Á VIDA PORTUGUEZA

6.ª EDIÇÃO

---

5.º VOLUME

---

LISBOA  
LIVRARIA CLASSICA EDITORA  
A. M. TEIXEIRA & C.ª (FILHOS)

*Praça dos Restauradores, 17*

1933



203  
263

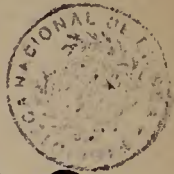
OS GATOS

## DO MESMO AUTOR:

- A Esquina — 1 vol
- Actores e autores — 1 vol.
- Aves Migradôras — 1 vol.
- Barbear, pentear — 1 vol.
- Cidade do Vicio — 1 vol.
- Contos — 1 vol.
- Estancias d'Arte e de Saudade — 1 vol.
- Figuras de Destaque — 1 vol.
- Os Gatos — 6 vol.
- O Paiz das Uvas — 1 vol.
- Saibam quantos... — 1 vol.
- Vida errante — 1 vol.
- Vida ironica — 1 vol.



DECEMBER  
FIALHO D'ALMEIDA



# OS GATOS

R. 122026.

PUBLICAÇÃO MENSAL,  
D'INQUERITO Á VIDA PORTUGUEZA

6.ª EDIÇÃO

L.  
625-35-

---

5.º VOLUME

---

LISBOA  
LIVRARIA CLASSICA EDITORA  
A. M. TEIXEIRA & C.ª (FILHOS)  
*Praça dos Restauradores, 17*

1933

Composto e impresso na

OFICINA GRAFICA, L.DA

8, R. Oliveira (ao Carmo)

— LISBOA —

## SUMMARIO

---

Em Setubal, cidade de banhos e de sardinhas : decrepitude immunda d'alguns bairros e surprehendentes pictorescos d'alguns arredores — Os laranjaes, as quintas e as montanhas — Estrada d'Outão, e paisagens commovidas de Riba-Sado — Da TÓCA DO PAE LOPES á Comenda — Albarquel, casa de verão — Primeiros contrafortes da Arrabida, e scenographia tragica das suas massas — Setubal dos montes ; o golfo e barra do Sado ; a MANCHA de Troia na outra margem — A quinta da Comenda — Oasis da Ribeira da Ajuda — Entrada em Outão : As esplanadas, os carceres, o mar e a torre de menagem — Quanto custaram as obras reaes na fortaleza? — Uma estrada de pedras d'oiro — Descrição do PALACIO REAL improvisado : as BOISERIES da casa de jantar e camara de dormir—TOILETTE Luiz XV d'Oliveira e Costa, suas pinturas vergonhosas, e espelho de cara torta — Casa de banho e sala de recepção — Absolve-se o Chefe do Estado dos desperdicios falsos

que lhe imputam — Tres comedias recusadas no Gymnasio — Os emprezarios e o espirito santo d'orelha — Propõe-se uma caçada aos poderes occultos, como meio de regenerar a comedia nacional — TE-DEUM nos Martyres, 298.º da série, pelas melhoras do snr. Lopo — Por que lhe não fazem antes umas exequias? — Jayme Arthur vendendo senhas — Quasimodo e a marcha do PROPHETA — Allegoria do buxo nos TE-DEUMS — Biographia do Alberto Pimentinhas — Que typos !

*10 de Dezembro de 1891.*

Setubal é, como naturalmente sabem, uma cidade pequena, na margem do Sado, vivendo magramente de banhistas e fabricas de sardinha. Tem quatro velhas parochias, de roda de cujas igrejas se enroscam viellas nauseabundas, dois conventos ou tres, sem maior importancia archeologica — excepção feita ao de Jesus, de que fallarei depois com mais vagar — e como obras modernas, uma extensa avenida marginal sem terraplenos de caes occultando a immundicie da praia coberta de dejectos, alguns desmazelados jardins impasseaveis, e uma estatua a Bocage, vestida de creado d'opera, defronte de um portal gothico, e ao pé d'um chariz secco. Na varruscadella á pressa das ruas, na brunidura módica de certas casitas novas, na ornamentação dos passeios e alamedas suburbanas, uma pelintrice salta, de cidade que se acapitala, sem estipendios fixos, particulares ou municipaes, e a quem a necessidade da clientella banhista impõe no verão, despezas, cujos fructos a penuria do inverno inutilisa.

Nos bairros velhos, como as construcções são primitivas, nullo o conforto, a hygiene um mero acinte, acontece que a podridão dos lares corre nas ruas, descoberta, em jorros negros, cujo fartum humano se intromette ao do peixe podre, e ao dos monturos acogulados pelos cantos. Esta povoação de meias sujas, velha e mesquinha, especie de Ribeira Velha complicada d'Alfama e Cruzes da Sé, alastra-se á beira rio n'um leque branco, circumtornado de pomares e d'arvoredos, para além de cuja fimbria se altéa depois um aro de serras magnificas, com thiaras de rochas e pinhaes.

Estes pomares, laranjaes na maior parte, que a epidemia arrasou em alguns annos de devastações não combatidas, foram por muito tempo em Portugal um oasis raro, tornando o vale de Setubal numa *corbeille*-caçoila, reconstruida sobre desenhos do Eden, e a que parecia estar de guarda, Palmella, a prumo na serra, crenelada e estupenda, com o seu formidavel ar de ninho de dragões. A lorangeira morta, as vinhas phylloxeradas, outras frondes cobriram a argilla riquissima das veigas, arvores novas supriram nos regadios das quintas, os cadaveres das antigas, e o pinheiral desceu até dos pincaros, a povoar as calvas que os agricultores não replantavam. De sorte que o forasteiro sincero, depois que passeado na cidade, se vae desinfectar do seu mau cheiro aos campos, ao surprehender o contraste da obra de Deus com a dos homens, a primeira oração que faz é pedir aos ceus o terremoto, agora que o marquez de Pombal já

cá não volta, com um indulto para o convento de Jesus, para os Castellos de S. Philippe da Serra e S. Thiago d'Outão, para os portaes da igreja do Sapal, e algumas miudezas mais de que este exiguo roteiro não dá conselho.

Foi o que eu fiz em toda a consciencia, depois d'um dia de passeios no Bomfim e gazosas no Lápido, vendo as sécias alemtejanas, com coláres de varina, pavonear modas confeccionadas nos ateliers da rua do João Gallo e becco das Donzellas, sobre fazendas de quatrocentos e quarenta o metro, entrando as guarnições.

Fui-me pr'os campos, e como tinha os ouvidos cheios de sumptuosidades reaes da torre d'Outão, tomei um carro e fiz-me transportar té lá, no decidido proposito d'um inquerito formal sobre as quantias e o luxo esparso naquelle thronicio estabulo de verão.

Ha um macadam de via larga, entre a cidade e o castello, á beira rio (a famosa estrada de cincoenta contos o kilometro, feita em tres mezes, a tiros na rocha, c'os britadores suspensos de cordas, a medonhas alturas sobre o rio), e assim o percurso antigo se abrevia, por maneiras de pôr Outão num arrabalde quasi da cidade. Apenas transposta a casaaria do arrabalde, a poente, e os pomares e jardins da casa O'Neill, começa uma rampa leve a nos fazer subir os planaltos primeiros da riba Sado.

À esquerda o rio alarga-se; pela direita, montes cavalgando, vinhedos, arvores, moinhos: e para traz Setubal, e S. Philippe a cavalleiro. Giboia a estrada em successivos zig-zagues, sem afastar-se de agua um só momento, trêpando sempre de sorte que a paisagem desfructada, da *Toca do Pae Lopes á Comenda*, não faz senão ir duplicando o raio da mais embriagante marinha que olhos *touristes* podem contemplar. A poucos metros da *Tóca*, que é um corredor triangular entre duas massas de sa-lão desagregavel separadas talvez por alguma commoção subterranea, a estrada despega um ramal que desce á praia, parando á porta d'Albarquel, um velho forte de cantaria, quadrado e inoffensivo, collaborando nas antigas obras de defensão do rio, e com algumas peças ferrugentas na plataforma, para enviar descargas á flor d'agua. O forte hoje é casa de verão do snr. Peito de Carvalho, que annexou jardinetes á esplanada, tornando as casernas em residencia confortavel, e envolvendo os canhões numa camisa de trepadeiras cascantes. Anda-se além, e a estrada trepa mais, sobre verdadeiros montes agora internando-se ao de leve, para nos fazer gozar todos os pontos panoramicos do seu curso; e assim, junto á *Comenda*, no mais sobranceiro trâmite do macadam, a duzentos metros da agua, o espectaculo é quanto póde ser d'extatico e magnifico! Tem-se p'ra baixo, á esquerda, esborcinando o olhar da amura de madeira, precipicios, revoluções de terra que as aguas castigaram, varios destacados, ravinas bruscas, quebradas, tudo



d'uma côr vermelho sangue, cortada de verdes bronze, ou sujo, ou mais vivo, ou mais violento, e sobre este casco de gangas ferruginosas, da côr tragica das guerras e dos poentes, pinheiros direitos, decapitados nas cópas, esgalhados lugubrememente nas braçadas, altercando entre si como cruces que se disputam um mau ladrão para um supplicio.

Pela direita toda, sempre a serra, com as suas massas d'argillas fruscas, areias quaternarias, calhaus conglomerados em cabeçorras nuas lá nos pincaros — a serra a despenhar-se sobre o viandante, cheia de cicatrizes dos tiros dos britadores, lascada a prumo por machados de cyclopes furiosos, e curveteando sempre, e desdobrando-se com um extraordinario pictoresco d'agulhas, creneis, contrafortes d'apoio, linhas, socalcos, fustigada da luz, zebrada de nevoeiro, em destaque crueis e escuros rhembrandtescos e d'uma infinita poesia d'ajoelhar e dizer os hymnos d'Eurico sobre o Calpe ! Tal a visão da terra. Para exprimir a do rio, necessario se faz fluidar tintas d'estylo té um inverosimil lance de gradações quasi incorporeas, ter ligeirezas de tom capazes d'exprimir não sensações, mas sonhos de sensações, almas de côres, tão vaporosa immaterialidade se exhala dessa marinha unica de harmonia, embaladora d'idyllo, a entredizer, num murmurio de beijos, como o Hamlet :

*«... Morrer, dormir, sonhar talvez !...»*

— Dormir, sonhar... Oh ! como a bahia ganha, entre Setubal e Troia, tons de saphira e azul fer-

rete, d'uma frescura de mar grego, onde as silhuetas dos barcos põem sua asa nitida e cantante! Atraz de nós a cidade é uma manchinha jovial, entre azues d'agua e verdes d'arvoredos, com as gredas da Saude, amarellas de bilis, contrastando; depois na outra margem do golpho, Troia e as areias brancas, invasoras, palhetadas de mica, avançando a estrangular o corredor d'entrada dos navios, e para alem de Troia o mar intérimo, com gargalha d'espuma em pelotões sobre os bancos d'areia afogados na agua viva, o mar risonho, o mar supremo, com seus mosqueios de chispas causticas, listras claras zebrando-lhe o azul ventre de carpa, e aquelles fundos d'azul pallido, que ao achegarem-se á rocha vem cambiando até ao verde ultramarino. Abaixo de cada ravina ou convulsão violenta das barreiras, um portinho doce, alcatifado de branco, cheio de conchas e algas, onde romancescos saveiros se balançam:— e um tal silencio, um socego, que as mesmas gaivotas caminham com o acento circumflexo das asas, á procura d'uma exclamação mais alta, p'ra velarem... A carruagem internou-se agora entre duas colinas redondas, vinhedos e oliveiras, vêem-se casas, uma capella sem cruz, com as janellas do côro atochadas de mólhos de feno — postes de pedra apoiando latadas já sem uvas, cyprestes e cedros em avenidas entre as cepas, e inda arribanas, e alpendroadas com utensilios de cultura, carros de matto em fueiros, tonneis sem arcos, e alfim, numa pyramide de rochas, entre eucalyptos e abetos, á beira d'agua, a

casa nobre da quinta da Comenda, propriedade d'um conde d'Armand, antigo embaixador francez, em Portugal. É o momento em que a estrada, deixando o estrangulamento entre montanhas, resvala docemente á ribeira d'Ajuda, uma risonha garganta, que enfeixando os caminhos d'agua dos mamelões das serras proximas, abre até ao mar seu largo leito, entre decorações alpinas, e bastidores de piçarra e matto inimitaveis.

A estrada circumtorna a garganta, em ferradura, como se quizesse prolongar ao viandante o angelus da scismadora belleza alli gozada, e aproveita o estrangulamento que os regatos da serra fazem á entrada, p'ra lhes saltar por cima, e proseguir, cingida ao contraforte d'além, té aos baluartes d'Outão, outra vez agora á beira d'agua. Mas que socego! nem um rumor despaysando a quietura unisona d'esse mimoso e gracil paraíso! algum passarito nos medronhaes do matto, a pipiar sem echo, éclogas do tempo em que não havia sétas nem espingardas. No chão da ribeira, fôfos tapizes de herva eternamente verde, fetos mui tenues, iris d'agua e capillarias em pequenos pufs de folhagem. Porticos de granito, com butareus grosseiros, isolados como monolithos de sepulchros, restos da antiga guarnição mural da propriedade, hoje em ruinas. Á direita e á esquerda, montanhas gigantescas, com o peplum d'argillas rôto, e mamellas de rochas, encaroçadas de calhaus, todas á mostra. Depois ao fundo, conicos montes de pinhaes verde esmeralda, penetrados de vapores, as cristas scintillantes, e tão

a prumo na scena, com seus creneis feudaes e veludos verdes nos hombros de reis barbaros, que elles chegam a parecer encantamentos d'antigos genios do *humus terrae* postos de guarda aos valles onde o silencio móra, e ao luar as antigas almas se assembléam. Emfim a torre. Como fixar-lhe agora a configuração irregular, accessivel do lado de terra por uma especie de porta de quinta com fecharias de bronze, ornada de lampeões, e da banda do mar como n'outr'ora, por formidaveis pontes levadiças? A porta aberta, dá-se por um corredor d'abobada, na esplanada do meio, ou da cisterna, e alçando a vista, apercebemos cravada no enorme terraço uma torre de pedra, quadrada e bronca, corpos de construção mais sobranceiros, a lanterna do pharol por cima, e mais á esquerda, escalonadas, como apoiando-se nos contrafortes graniticos da serra, as casamatas terreas, a capella, e outras dependencias razas do baluarte.

Outão é um exemplar d'architectura guerreira de ha dois seculos, hiante á bocca da barra, e co'as baterias na posição de varrer á raza d'agua. Tem fundações de 1390, epocha do mestre de Aviz, que a assentara, dizem, no mesmo local onde d'antes havia umas ruinas d'um templo de Neptuno. Foi excessivamente acrescentada por varios grandes reis da casa d'Aviz, D. Manuel e D. Sebastião mencionadamente, e poucos annos depois da Res-

tauração, o proprio João IV alli mandou fazer concertos. O estado de conservação é perfeito, e a alvenaria tão solida, que tendo os tremores chafrado, de baixo a cima, S. Philippe, jámais a Outão poderam fazer a mais pequena esgarçada. A solidéz é tal, que a fortaleza, com seus terraços, carceres, obras cobertas, melhor se diria uma grande pedra com buracos.

A esplanada ou plataforma que primitivamente seria uma, de nascente a poente, avançando numa especie de grande miradouro em leque, sobre o mar, acha-se agora partida em tres bocados, pela interposição de construcções fortuitas, que foi necessario ajuntar á medida que a torre cahia, de baluarte de guerra, em residencia de verão. O bocado mais extenso fica a poente, grande como uma praça, o plaino de lagedo, circuitado todo de parapeto, e com suas guaritas crivadas de seteiras. Por baixo, carceres terriveis, salitrosos d'abobada, com agua até á cinta nas marés, e onde presos politicos celebres jazeram, Matias d'Albuquerque entre outros, e muitos dos venerandos luctadores de *trinta e quatro*. Para a esplanada do centro rasgam quasi todas as portas das dependencias superiores da construcção, junto das quaes ultimamente se pôz um guardavento envidraçado, fazendo galeria por deante da capella, e d'aquillo que d'ora avante pode chamar-se o palacio real — venho a dizer um pedaço de caçamata, a torre de menagem, e algumas casas novas que por traz desta engerócou um architecto pobre e pouco imaginoso. Quando

no primeiro anno de reinado, o snr. D. Carlos apeteceu residir no castello co'a familia, revestia-se d'um toldo branco este terraço, estendia-se uma alcatifa no lagedo, e fazia-se da peça *hall* para as preguiças da calma, vendo as gaivotas subir o rio co'o vento leste, e ouvindo a maré fluir e refluir contra a muralha.

Para a estação balnear do anno seguinte reque-  
reram os reis obras na torre, e uma adaptação  
quanto possivel garrida, da velha fortaleza, a *vo-  
lière* de groux coroados. Ainda naquellè tempo,  
para se vir por terra de Setubal a Outão, era ne-  
cessario tomar o carreirito d'Albarquel trepando  
outeiros apóz, e palmilhando calhaus na maré baixa,  
para chegar á Ajuda, e trepar depois aos espinha-  
ços da serra, até ao pharol velho (ruina a prumo  
no vertiginoso rochedo sobranceiro á fortaleza)  
d'onde aos tropos-galhopos seguidamente se descia,  
entre mil perigos, té ao postigo da ponte levadiça  
do castello. Por consequência aos aconchegos ou  
preparos do palacio régio,urgia, como comple-  
mento, abrir a estrada no torcicollo de despenha-  
deiros e montes interpostos, o que tudo se fez em  
quatro mezes, porque o rei tinha pressa, gastan-  
do-se na obra approximadamente trezentos contos.  
Foi uma labuta a pêso d'esterlinas, esse capricho  
de rei puindo a miseria do erario estanque, numa  
quadra em que as rendas publicas mal chegam  
para pagar os juros dos emprestimos. Já lhes fallei  
da estrada d'Outão, e como artista não nego enco-  
mios ao personagem que influiu no seu traçado.

É a mais bella coisa de Setubal, essa avenida a través d'alcantis e bosques ribeirinhos, sobrepujante a um golpho d'aguas puras, azul ferrete, e em ceu aberto, entre casitas e creneis tismados de fortalezas e reductos. Ninguem que faça o passeio d'Outão fica disposto a maldizer a famosa estrada de pedras d'oiro, tão esthesiante gôzo infunde o percorrel-a, e tão condensada impressão se traz d'essa paysagem unica, *ethereal*, onde cada coisa prosegue no seu dialogo com Deus, sem lhe importar quem vae passando.

Direi agora das *sumptuosidades* do alcaçar realengo, que de proposito fui vêr com olhos jacobinos, decidido a flagelar os desperdicios da corôa, em phrases cutilantes. Compõem-se duma casa de jantar deitando sobre a esplanada, o *parquet* de rosaceas, madeira a tres cores, claro, preto e côr d'avellã — as paredes e tecto em caixões e molduras de carvalho, com filetes a fogo, guarnições mais escuras e pregaria forjada, aqui e além. No meio do tecto e muros, pintura decorativa em tela, e nos cimos das portas um delicado entablamento d'esculptura, sahindo airosamente da ornamentação commum da *boiserie*. Esta peça está pouco mais ou menos no pavimento das cozinhas, que são corredores d'abobada caiada, pavesados d'asphalto, com cabides de taberna, e mesas de pinho cobertas de zinco. Sobe-se uma escadinha d'alvenaria,

larga d'um metro, tomando por labyrinthos de corredores sem luz, por estucar, caiados a correr, e a espaços suando penduricalhos de salitre, ao fim do que se consegue chegar á sala de recepção. É a antiga sala nobre da torre de menagem, quadrada, alta a abobada em thiara, e quatro grandes nervuras de pedra nascendo-lhe dos cantos, té se entrelaçarem no fecho, em guisa de florão. Este recinto é tudo o que pode haver de menos magestoso, uma só janella de balcão, dando pr'o golpho, e pela direita o vão d'um arco, com ares de capella vazia, sua escaiola barata, e sobre cuja volta o architecto pôz umas armas reaes, guardadas por dragões. A decoração tambem, é quasi réles: ha uma guarnição de carvalho, lisa, emmoldurando lambéis de serapilheira pintada a borra-vinho, com castellos e flôres de lys a oiro e prata: as nervuras da abobada teem sua silva a grizalha, e os espaços entre ellas similam ceu, com suas nuvens; em termos que até como decoração de theatro esta borradela d'artista era chinfrin! Mais escadinhas, corredores partidos em compartimentos de restaurant pobre, por biombos de casquinha sem pintura, e recebendo luz por lucarnas de masmorra. — Eis o *toilette* e o quarto de dormir, diz-nos o guarda. Antes de o abordarmos, uma sala de banho com etruscos macacos, desmobilada, escura, e sem torneiras, e alfim o *toilette* num Luiz xv d'Oliveira e Costa, com asco de *boudoir* de Dama das Camélias, a esfarinhar o estuque e o oiro pelos casacos dos visitantes. Entre duas portas fica o lavatorio, com



pedra branca, as duas *cuvettes* de loiça, em basculo automatico, e o espelho acima, com moldura no estuque e por signal fazendo a cara torta. Tanto no tecto, como nos pannos muraes, decorações a oleo, indecentes de còr, desenho e architectura (e todas as pinturas d'Outão são semelhantes a esta), verdadeira irrisão da mediocridade protegida em detrimento d'artistas verdadeiros. O quarto de dormir é, como a casa de jantar, uma excelente adaptação da *boiserie* moderna às confortabilidades senhoriaes da residencia. Tectos, lambeis, porticos, almofadas, é tudo simples e d'um gosto sério, realçado de riqueza e d'elegancia. Aqui, porém, como nas outras quadras, veio o pintor enodoar a obra do ebenista, e marcar de grotesco a harmonia séria que a casa de jantar e a camara de dormir podiam ter. Em todo o palácio não ha um movel ou um tapete, e como vêem, as apregoadas sumptuosidades d'Outão não passam do arreglo que qualquer remediado burguez poderia ter feito num casarão dos seus antepassados. Custaria isso oitenta vezes mais caro que o razoavel? É o vicio fundamental de todas as administrações do Estado, mas releve-se ao reinante a responsabilidade de haver ladrões meudos no reino, que bem lhe basta o remorso de pregar ás vezes grã-cruzes no peito d'alguns ratoneiros descompassados.

Nos varandins do pharol levanto os braços domino a torre e o mar, topéto quasi os despenha-deiros do pharol velho, e as gaivotas crucitam, sa-veiros á pesca, Troia fronteira, o mar sem fim,

azul no rio, e lá nos confins dó ceu chispando braza... Depois os meus olhos baixam ainda sobre as esplanadas da praça, onde, como Hamlet, espectro do pae podia dizer ao filho «*lembra-te!*». Mas levanto a cabeça anciosa d'ar, coisas brancas ao longe, espuma, vélas, areaes, illusões e nuvens pallidas. Oh como eu quizera ser tudo isto, sem perder a consciencia do que sou!

20 de Dezembro de 1891.

Entre as alcovitices da Lisboa mesquinha, figuram esta semana umas poucas de recusas de peças feitas pela empreza do Gymnasio a escriptores mais ou menos conhecidos. A dar crédito aos cançans que por ahi correm, o snr. Pinto do *Gymnasio*, de parceria com o snr. Leopoldo, e o snr. Borges. estes constituidos em commissão de censura, com as respectivas tezouras, e as corôas de loiro na cabeça, teriam recusado unanimemente uma peça em tres actos ao snr. Campos, auctor d'uma allegoria patriotica, applaudida, *A Torpeza*, dando destino identico a um acto de Lino d'Assumpção, que obsequiosamente lhe haviam encommendado, e ainda fazendo inutilizar tres actos de comedia da snr.<sup>a</sup> D. Guiomar Torrezão, sob pretextos futeis, e isto depois dos papeis estarem tirados, e de ser promettido o trabalho a beneficio da caracteristica Jesuina.

Ora ainda que esta recusa em massa seja insó-

lita, considerada no mero ponto de vista da delicadeza, eu não a censuro todavia, pois os recusantes á uma estão em sua casa, sendo uma empreza particular que orienta os seus negocios, como quer, e á outra, analphabetos, acho que teem para admitir ou recusar peças, tantas habilitações como os policias que o snr. Lopo Vaz investiu da censura dramatica official. Entretanto a expulsão ferozmente systematica de tres peças, umas atraz das outras, d'auctores differentes, nenhum d'elles mal acceite pelo publico, esta expulsão coïncidindo com as palhaçadas que o Gymnasio traz em scena, e que como arte são tudo quanto a bestificação d'uma platéa pôde acceitar de mais deprimente, de mais chalro, e de mais pifio para o recenseamento mental d'uma cidade, esta expulsão revela que não foram melindres estheticos os factores exclusivos da severidade cruel dos tres anabaptistas do Gymnasio, senão que outros matreiros auctores, mais sabidos entrariam provavelmente no *complot*, ensinando o recado aos testas de ferro, e viabilizando a venda do peixe proprio, pelo alvitre aliaz desavergonhado, de calumniarem de podre o peixe alheio.

O acertado é portanto não esgrimirem os escriptores dramaticos recusados, contra a moita d'empresarios que lhes veda a visão do verdadeiro recusador, e haverem suas enghocas por guisa de fazerem saltar a raposa que por ventura se constituiu poder occulto no Gymnasio, ou mesmo trate de monopolizar os mais theatros para a pin-

gadeira das suas disparatadas produções. Porquanto é inquestionavel que esse poder occulto subsiste. Os empregados do Gymnasio estão fartos de saber que enxovalhando os escriptores que lhes levam peças, fazendo alfandega á cupidez d'um ou outro Harpagon de traducções, servindo todos os dias o mesmo *faiseur* aos seus freguezes, não fazem senão ganhar jetaturas na imprensa, intolerancias na critica, e represálias funestas, que sei eu? na opinião. Os theatros que como este vivem da parvalheira publica, e da necessidade de rir sem nexo que teem as populações incultas e mal educadas, os theatros que põem em scena, menos actores do que *jongleurs*, e em cujos espectaculos não ha um traço d'arte arrancado ás bellas lettras, esses theatros, digo não tendo a sua razão de ser baseada sobre as curiosidades mentaes da multidão, só por tolerancia episodica subsistem, e a sua existencia escora-a o reclame que exige o concurso de todos os jornais, escora-a a variedade das facecias, que exige a collaboração theatral de todos os *blagueurs*, e escora-a finalmente a inercia do publico, que fecha os olhos e perdôa, com tanto que lhe não mettam demasiado os dedos pelos olhos, nem o queiram apalermar superiormente ao que elle está. Desfeitear por consequencia escriptores de comedia, que são ao mesmo tempo reclamistas e criticos dramaticos nas folhas, é crear-se inimigos que não deixarão ficar em branco uma desforra, e que pela sua influencia diaria sobre o publico, irão lentamente preparando

a ruina do empresario, para o que terão, querendo, perorações artisticas de sobra.

Estes arrezoados vão direitinhos á seguinte conclusão: os empresarios do Gymnasio, homens de negocio antes de tudo, e dependentes da imprensa mais do que ninguem, não podiam por sua exclusiva determinação interdizer o palco às tres comedias que lhes foram apresentadas: alguem que elles escutam, com quem teem ganho dinheiro, e que elles consideram, por affinidades pessoas ou intellectuaes de certa monta, alguem lhes aconselhou portanto o lance, e no conselho deve buscar-se o movel do dinheiro, o que reduz provavelmente a um meio *politico* d'abiscoitar direitos d'auctor todas as noites.

Postas as coisas neste campo, os escriptores recusados deslocarão seus melindres, d'uma guerra d'empresarios, para uma guerra de collegas, d'uma questão esthetica de proscenio, para uma questão metallica de camaroteiro, e encarando a pendencia apenas no ponto de vista nobre, farão nos seus jornaes minuciosas e artisticas analyses ácerca de qual arte é susceptivel de dar maior prazer ao publico, se a das suas comedias recusadas, se a das aplaudidas comedias do seu competidor, ou competidores; e d'esta interessante polemica sabirão pelo menos duas coisas uteis — primeira, conhecerem-se os taes poderes occultos, e sendo estes escriptores dramaticos, fazer-se incidir sobre as suas obras, uma critica conscienciosa e severa, em vez de cumprimentos, o que naturalmente aju-

dará a evitar que o publico ria sem saber de que — segunda, acabar com os topa-a-todos do theatro, e abrir mercado aos esforços de todos, o que é o unico meio de seleccionar uma arte que ainda entre nós não passou do estado de barbaro.

24 de Dezembro de 1891.

Foi cantado nos Martyres, por encommenda do partido regenerador, Hintze Ribeiro á frente mais um solemne *Te-Deum* em acção de graças pelo restabelecimento do snr. Lopo Vaz. Esta festividade d'igreja, tão caracteristicamente politica e constitucional, a 298.<sup>a</sup> da série, faz parte d'uma *scie* que julgo tenha em vista desacreditar o snr. Lopo, pon-do-o em estadista de palpites milagreiros, amancebado com os santos, e politicamente menos confiante no seu talento, do que no das imagens de pau d'esses altares.

Só assim se explica como, travestindo o jubilo colectivo fórmias d'expressão diversas, segundo os agentes physiologicos e climatericos susceptiveis de modificá-lo, e sendo eminentemente adequadas ao criterio do regozijo partidario que as melhoras do snr. Lopo provocaram, por exemplo, umas exequias, ou qualquer kermesse organizada por com-missões de rolheiros, ou uma ferra de deputados, ao modo dos antigos certamens das casas de Lafões e Cadaval, nas cem legoas de facha portugueza



os 297 cacifros regeneradores, juntas de parochia, misericordias, confrarias, e mais governichos a que o snr. Lopo Vaz tem untado as mãos, só achassem para solemnisar o advento novo do seu homem, uma cantarola de padres com Senhor Exposto no throno, e o elogiosinho historico profanando a igreja pelo raconto das obscenas virtudes do... finado. Esta festividade dos Martyres, com musicos de S. Carlos, e o snr. Costa Pinto, de vermelho, a vender á porta senhas mais baratas do que na casa, retel-a-hei por muito tempo, como um dos mais typicos batuques em que ainda me foi dado vêr degradingolar um vulto igrejaio. Quem viu a entrada do grande estadista na igreja decorada de buxo — a transparente allegoria do seu prestigio — dando modestamente ao rabo, como um valista rheumatico, entre uma commissão composta de coxos, d'ictericos, e de curtos de vista, e isto ao som da marcha do *Propheta*, nunca mais pôde eximir-se a achal-o, para João de Leyde, um pouco gêbo. Direi todavia que de quantos estavam na igreja, naquelle historico momento, o único, convencido de que a marcha de Meyerbeer não era favor, o unico, seria porventura o snr. Lopo. Conta-se que até começara em casa um toilettesinho de *Propheta*, de que o dissuadiram depois alguns parentes, mas tão á ultima hora, que nem tempo teve para tirar o algodão em rama que já metterá nos costados.

Produzido no templo com a giba cervical por descuido deixada entre os hombros, nos á pressa,

de chegar a tempo á cerimonia, a musica solemne, em vez de lhe agigantar as proporções, não fez senão tornar-lhe ainda mais humoristica a figureta. Decididamente não ha como um grande maestro para reduzir a cochicho um tocador de zé pereira eleitoral!

Elle tudo era dar-se na capella-mór graciosos pendores de convalescente, sarah-bernardescos, levando á bôca o lenço de rendinhas, com pequenas tosses de péga dramatica, e olhadellas humidas de machacaz que se quer fingir uma commoção. Apparece por fim um monsenhor Santos Viegas, *chulo* canonico, tonsura romana em cabeça de petintal da Mouraria, que péga de vomitar do pulpito um panegyrico optimista do neophito... benemerito filho d'esta terra, diz elle, politico de primeira plana... e por li fóra todas as carroças de gala que é costume acompanharem os enterros das pessoas que pagam bem.

Eu não faço ideia do que este monsenhor dirá dos santos, quando as irmandades lhe encomendem por duas moedas a nobilificação das suas obras e milagres, mas se a verdade historica d'esses sermões afinar pela do discurso congratulatorio de Domingo, o tal Viegas é um carapeteiro sem consciencia das responsabilidades do que diz. A limpeza com que elle remette á immortalidade um politicante, que só tem espalhado fama do seu

genio, deboxando os serviços publicos, e despachando parochos e escripturarios de fazenda, dá a medida do descredito a que entre nós chegou a Igreja, collaboradora das veniagas politicas, e descendente indigna d'aquell'outra d'onde Jesus tagantou sem piedade os vendilhões. Bem se diz que os homens celebres encontram sempre os pagnyristas que merecem, e já agora que o padre bem provou na arte de tirar do nada, um mundo, ba-de vir cá a casa fazer a biographia do meu burro -- a vêr se a posteridade m'ó acceita por Demosthenes.

É singular como os altos predicados dos homens que o acaso da desvergonha politica talhou em chefes, se acceitam hoje sem móres contraprovas e exames, só porque os garantem sob palavra alguns maráus de voz vibrante.

Toda a gente pergunta porque diabo é primaz o snr. Lopo, e em que consiste a capacidade politica d'este contrarégua eleitoral, cuja vida se não prende a uma unica medída valiosa, e cuja obra não vae além d'uma série de partidas jesuiticas, sem virilidade, d'onde o intrigante salta, mas sem o arcabouço e as nervuras geraes d'um homem de governo.

Nos partidos monarchicos, a allucinação do poder é tal, que até quando lhes faltam capacidades, os governos em dictadura, decretam-nas, e assim se explica haver genios que fóra dos governichos e da burocracia pifia que elles movem, não é possível destrinçar da mais banal mediocridade. A

superioridade estadística do snr. Lopo lembra-me as notas do banco : é a convenção que lhes dá valor, e afinal não passam d'um bocado de papel com garatujas.

«Finda a cerimonia, noticia conceituosamente o *Correio da Noite*, distribui-se uma biographia do snr. Lopo, devida á penna do snr. Alberto Pimentel». Provavelmente o devida á penna, quer dizer, *devida á necessidade*.

## SUMMARIO

---

— Leitor, Bôas-Festas ! — Parenthesis nostalgico sobre os que não teem com quem jantar — As pequenas consoadas — Commove-se o auctor com os cheiros da cabidella do vizinho, e dá-lhe p'ra discretear sobre o principio da familia — Festim de maltrapilhos no Augusto, e lição moral adstricta ao respectivo symbolismo — O relatorio do snr. Julio de Vilhena sobre o “estado d’Africa oriental” — INTERLAND da Lunda e Muatyanvua — O major Henrique de Carvalho e o commissario Dantas Baracho — Do lado de Moçambique : o commissario Ennes : Protestos da SOCIEDADE DE GEOGRAPHIA sobre as concessões exageradas de territorios — Direitos magestáticos ás companhias de Moçambique, Cabo Delgado, Inhambane, Bihé, etc., e regalias e fóros significados por aquelles — Concessões por um prato de lentilhas — O que o Estado dá, e o que recebe — Character avulso dos concessionarios, bisonheria dos capitaes portuguezes, e pouca confiança inspirada por aquelles — Emi-

gração para os territorios das companhias — O que temos feito em quatro seculos d'occupação — Quanto custa por anno Moçambique? — Trinta mil contos p'ra se fazer a colonia, segundo as imposições do tratado anglo-luso ! — Os direitos magestáticos são uma alienação d'auctoridade e soberania — A COOPERATIVA-COLONISADORA-FUNEBRE-FAMILIAR, e civilização por cinco tostões ao mez.

*26 de Dezembro de 1891.*

Leitor, boas-festas! Abre-me um riso. Repara que te não vou pedir coisa nenhuma. De me aturares, fui-me deixando acometter d'uma certa benevolencia a teu respeito, e essa benevolencia é o maximo d'estima que por ti pôde sentir um coração costumado sómente a desprezar. Sei que és hereditario cultor das virtudes simples de familia, e homem de ramerrão, professas a ternura religiosa das grandes datas do calendario. As tuas robustissimas espadoas não podiam ser sómente molhes do porto d'ar onde o teu globulo rubro se renova, mas por força tambem os sustentáculos d'um mundo moral que te ajuda a luctar contra o destino, e que apesar de te fazer ás vezes ridiculo, nem por isso te apeia d'uma superioridade ideal que eu provavelmente nunca attingirei. Razão porque ha no meu desdem por ti, uma ponta de ciume, e porque a sarcastica mysanthropia que me fechou a porta dos gozos simples que te aligeiram a vida, em vez de me talhar em Jupiter, o que fez foi cavar-me de roda do espirito um fosso que me sequestra de

tudo, e nem ao menos me estanca a saúde do que me acostumei a desdenhar. Este desterro péza-me, confesso, porque eu sou essencialmente um animal de ninharia e convivencia, nascido para ter côrte, para se rolar no luxo, e para acceitar sem surpresa que toda a gente faça excepções em meu favor.

Pódes imaginar portanto o que teria sido, nesta immensa cidade de quatrocentos mil habitantes, e seis milhões d'egoismos, a minha vespera e dia de Natal, sózinho entre a alegria insultante de todos, repellido dos fócios d'amor patriarchal como um sem familia perturbador das alegrias consangüíneas, vendo as mais modestas casas de jantar illuminarem-se, as mais desataviadas salas abrirem-se, amigos e parentes felicitando-se, abraçando-se, sem antagonismos visiveis, esquecidos do *struggle*, e apaziguados todos pela banalidade jovial da vida intima — a vida modelada sobre os antigos textos da tradicção, com a igreja d'um lado, o escrivão de fazenda do outro, o policia de guarda, e o *Diario de Noticias* como encyclopédia e breviario.

Ah como eu tive inveja do saloio que parou o burro á porta de uma mercearia da Bitesga, para comprar as duas duzias de brôas da consoada; do pobre engraxador da esquina, indo á praça, com a mulher, de fato rico, apreçar um quarto de Perú; da varina entrando na salchicharia, radiante, a comprar salchichas, ao fim de ter deposto a canas-



tra á porta, rude presépe onde o filho loiro chuchava o dedo, com o ventre de sapo para o ar! Todas essas indoles de povo, roidas de penuria, vergadas de trabalho, primitivas, mas fecundas e convergentes, por uma fatalidade ancestral, á reedificação das alegrias periodicas do anno, se me afiguraram infinitamente superiores á minha friavel indole de janota sceptico, demolindo no ar sem plano certo, negando pelo simples prazer do paradoxo, incapaz d'estabilidade num problema, constantemente á procura de novo, e em cada topo de colina voltando-se, desesperado de só ter achado gosto — ao que era velho. Oh meu pobre coração amortalhado de tristeza! diz como te dóe o isolamento a que uma intelligencia esteril te votou. Conta, não tenhas medo, conta que choraste lagrimas de remorso, quando da janella do teu albergue viste os tres pequenos do vizinho preparando ao seu papá uma emboscada; e o pobre homem entrando, carregado d'embrulhos, e elles de se lhe tirarem p'ra cima, como feras, sedentos de curiosidade e de meiguices, quando já da pobre cozinha da casa o olor da cabidella os chamava para dentro, e os parentes pobres, convivas d'esse dia, as velhas em chita, os velhos em belbutina e saragoça, vinham dar ao seu *parente rico*, as boas festas. Vê como sob o manejo d'uma mulher trabalhadeira, os trinta mil reis mensaes d'esse pobre empregado fazem milagres de riqueza, luzindo na cozinha alegre, na bata da mulher, nos bibes das creanças, e no desafoço honesto de todos esses fo-

cinhos felizes, que marcha para o futuro despreocupados da morte, e acceitando a vida apenas pelo que ella é, o usufructo d'uma agregação temporaria de moleculas. Compara a virilidade hygiénica d'essa vida de ninho, feita de trabalho, de methodo, de defenção reciproca e de coragem, com o desasocego da tua vagabundagem deleteria «d'espírito superior», gestando universos sobre leituras de livros mal escriptos e dyspepsias sobre menus chinfríns de restaurants, e diz-me depois se a crise de solidão moral que te alanceia, não é condigno premio da «vida irónica» que te quizeste dar, toiro com asas, numa epocha em que os toiros só podem ser superiores pelos chavelhos!

..... dia de Natal, eu que conheço toda a gente, não tive ninguem que me dissesse «anda jantar». Vinguei-me sahindo de casa, e engajando os primeiro *va-nu-pieds* eventuais. Dois pobres do asylo, os uniformes sem nodoas, pouco bebedos. Marchamos para o Augusto, e na sala commum, a uma de cujas mezas nos sentamos, houve reboção por banda das meretrizes e irregulares que mais alegres do que eu, alli tinham ido fazer o seu jantar de festa, em *partie fine*. Não descrevo a comida, registando apenas o trabalho gasto em despersuadir os meus dois commensaes de não metterem no bolso os restos de cada prato do festim.

À sobremeza, um d'elles, bebedo, como eu o fitava com uma piedade christã de filho prodigo, confiou-me que estivera quatro annos em Africa, por um roubo, e o conselheiro X. o metterá no

asylo, havia sete mezes. O outro era um velhinho abahúlado, olhos de doido irónico, que fugiam, fallando pouco; mas todo o jantar o suspeitei de scelerado, tanto os seus monossyllabos humildes, e os seus continuos escrúpulos de consciencia, lhe davam o ar d'um homem de bem. Á despedida, o mais velho chamou-me conde, e o mais novo, doutor, sem acertarem, e lá foram cambaleando, a rogar pragas a quem lhes fizera o serviço de lhes metter no craneo a apoplexia. Pobres malandros! Deixei o meu egoismo abusar da vossa fome. Sem vós, eu não poderia dizer, como toda a gente: «Jantei hoje o natal com dois amigos velhos».

1 de Janeiro de 1892.

Os desastres da diplomacia portugueza em Africa, não ensinaram maiormente os estadistas a acautelarem os restos de possessões que a Gran-Bretanha nos deixou, e roubados a occidente d'Africa, pela Belgica, e a oriente pela Inglaterra e pela Alemanha, nem assim vamos cessando de lhes preparar terreno para as derradeiras empolgações. Do lado de Angola, como se não bastasse levar-nos o Estado do Congo, as melhores terras da Lunda, inda por cima estamos arriscados de perder o *interland* vastissimo que a Inglaterra nos quiz reconhecer, porque o governo quiz sustar os trabalhos das duas expedições militares partidas á exploração d'aquelles desertos, em quanto os belgas não cessam de os percorrer e avassalar co'a maxima rapidez. Ora a posse do *interland* da Lunda e Muatyanvua decide o commercio de todo o nosso magnifico imperio angolense, que será belga se o Estado do Congo se apoderar d'elle (visto como assim poderá inundar a região de mercadorias proprias, mettidas pelo Zaire), ou será portuguez, se fôrmos nós os primeiros a chegar áquella quasi desconhe-

cida e perigosa região. Havia só um homem em Portugal capaz de neste momento dirigir as operações da Lunda, em termos de reivindicar para o paiz, sem desperdícios de vidas, de tempo e de dinheiro, o famoso *interland*, das duas bandas disputado.

É o major Henrique de Carvalho, a mais honrada figura d'explorador-diplomata, de quantas nos ultimos tempos teem procurado instillar a civilização européa no continente negro. Pelo seu character diamantino, pela sua cultura scientifica extremamente múltíplice e estudiosa, pela sua admiravel paciencia, capacidade de trabalho, justeza de razão, e inegualavel probidade, este homem impôr-se-hia á attenção de todos os gabinetes como o unico portuguez exercitado para tão espinhosa commettida — á uma pelos predicados excepcionaes que todos lhe reconhecem — á outra pelo prestigio verdadeiramente apostólico do seu nome, nas terras de Lunda e Muatyanvua, que até os estrangeiros exploram, para cruzar esses dominios, impingindo-se aos regulos como parentes ou amigos do nobilissimo portuguez.

Sem embargo porém d'estas razões, desattendeu o governo o puro patriotismo que mandava nomear o major Henrique de Carvalho, demarcador das fronteiras luso-belgas na Africa occidental, e querendo vêr-se livre do snr. Dantas Baracho, que ateimava em se incorporar na missão Ennes a Moçambique, deu áquele engraçadissimo *rigolo* a missão de Lunda, com tal actividade comprehendida,

que o snr. Baracho está ha quasi dez mezes em Loanda a vencer uma batelada de libras por dia, não se sabendo mesmo se chegará a internar-se, porque além de não ter geito, s. ex.<sup>a</sup> não dispõe de saude já para cavallarias d'aquella força.

Pelo lado de Moçambique, a questãõ ainda se está tornando mais complicada e embaraçosa. Comecem as suspeitas de que não valeria talvez a pena dar tantos morras á Inglaterra, e arrancar tão bravamente os escudos do consulado, só para o estúpido consôlo de ficar com patrimonios que agora hão-de ir revertendo á formiga para essa *South-Africa*, de quem dissemos tanto mal. O governo nem ao menos esperou que o snr. Antonio Ennes voltasse, para acabar d'estragar com reformas administrativas, e concessões suspeitas, o que ainda havia d'integridade e cohesão nessas provincias de Africa oriental. «É o começo do fim» diz a *Sociedade de Geographia* no seu protesto, e desconfio que ella desta vez falla acertado.

De feito, vae no ministerio da marinha uma partilha d'Africa, de tal guisa insolita, avulsa, mal regradada, que os proprios contemplados não se cançam de dizer pelos cafés que o ministro concessor endoideceu. Só assim explicam, muitos, a levianidade com que o governo lhes doou, sem cautelas, milhões e milhões de hectares de terra virgem, rios e florestas, aldeias, povoações té qui conside-

radas livres, e cujos régulos algum dia nos pedirão contas de os termos assim vendido, sem a menor consulta preliminar. Em menos de seis mezes, o quadro das cedencias de territorios a individuos ou companhias por organizar, cifra uma área de talvez cerca de dois terços da provincia de Moçambique (a), afóra as concessões que se acham em carteira, e só esperam um momento de distracção, para aparecer. Assim por exemplo, foram ampliadados pelo governo os territorios da companhia chamada de Moçambique (b) com a outorga de direitos magestáticos, que a mesma até aqui não possuia. Organizou-se a companhia de Cabo Delgado, com di-

---

(a) «... e não sòmente, Senhor, não ha exagero neste breve conceito da natureza e das tendencias do processo alludido, como não permitem a atenuação os textos publicados, onde já dois enormes tractos de territorio e d'aguas nacionaes — desde o Limpopo ao Save e d'este rio ao Zambeze — quasi metade da provincia de Moçambique, são desagregados d'ella, e da sabedoria e administração directa da Nação, pois que são entregues sem uma audiencia, Senhor, á administração e exploração d'empresas mercantis, que implicitamente, por preceitos expressos, ou por indeclinavel consequencia d'ellas, hão de substituir-se àquela soberania em muitas, senão em todas as suas funcções principais...»

*Representação da Sociedade de Geographia de Lisboa ao governo, sobre as concessões de direitos magestáticos a empresas mercantis — 24 de Setembro de 1891.*

(b) O capital é elevado a 4.500:000\$000 reis, dividido em 1.000:000 de acções de 4\$500 reis em ouro, 25 francos, ou 1 libra esterlina. As emissões serão feitas por séries, sendo a primeira desde já fixada em 400:000 acções, até perfazer o capital social.

reitos magestáticos e uma dilatação immensa de terras por quasi todo o norte da possessão (c). Organizou-se a companhia de Inhambane, com 118:000 kilometros quadrados de terras, e escondido entre

---

O capital social poderá ser augmentado uma ou mais vezes, por decisão da assembléa geral dos accionistas, sobre proposta do conselho de administração. A companhia entregará 2.000 accções liberadas, com direitos iguais aos das accções pagantes, ao Instituto Ultramarino, creado por decreto de 11 de Janeiro do corrente anno.

Cada administrador deverá justificar a propriedade de mil accções que serão inalienaveis durante o tempo das suas funcções.

A séde da companhia será em Lisboa, havendo um *comité* em Paris composto d'administradores residentes fóra de Portugal.

Os administradores actuaes da companhia, os snrs. Joaquim Carlos Paiva de Andrade, marquez de Fontes Pereira de Mello, e Jayme Agnello dos Santos Covreur, foram nomeados administradores pelo periodo de dez annos. Os snrs. conde de Penha Longa, Carlos de Lima Mayer, Carlos Algernou Moreing, conde de Mendia, duque de Malborough, Edmond Bartissol, Eduardo Pereira Pinto Basto, honourable Eduardo Majoribanks, e Fitz-Herbert R. Despard, actuaes administradores da companhia, foram nomeados pelo periodo de dez annos.

(c) Comprehende uma área de 200:000 kilometros quadrados. Aos territorios que a G. de Moçambique já possuia, foram annexados mais 149:000 kilometros quadrados. O concessionario de Cabo Delgado, depois de pedir ao governo por varias vezes a reduccão do deposito primitivamente fixado, quando este lh'o reduziu à irrisoria quantia de 45 contos, reclamou ainda a faculdade de o fazer entrar nos cofres, ás prestações. E é o snr. conde Daupias. Imaginem os outros!



os fundadores, um inglez cujo nome me escapa, typo suspeito, homem de chicana, que o Transvaal, por negocios obscuros, já uma vez puzera fóra da fronteira. Esta companhia exercerá tambem direitos magestáticos, e a pesca de perolas das suas costas pertence d'exclusivo ao snr. Serpa Pinto, ex-heroe com aposentadoria na casa militar do snr. D. Carlos.

Finalmente ha mais a concessão do Bihé, feita ao snr. Manuel d'Assumpção, ou á companhia que elle formar, e pendente, uma funambulesca sociedade *Cooperativa - Colonisadora - Funebre - Familiar*, que reservarei para o final d'este raconto.

Nas cartas régias de cada uma, concede-lhes o governo privilegios taes, que mau grado o renovar-se em periodos de vinte e cinco anos, receio que esta abdicação do poder central só represente um grave auxilio dado aos inglezes, para a occupação integral de todo o Moçambique. Assim recebem ellas o privilegio exclusivo de construir e explorar estradas, vias ferreas, canaes, portos de mar e portos interiores, caes, dócas, telegraphos, pontes, distribuição d'aguas, e outras obras d'utilidade publica e particular. Poderão fazer ou utilizar a navegação nos rios interiores, exceptuando os que o ultimo convenio anglo-portuguez obriga a deixar livres; poderão exercer ou auctorisar a industria mineira, a pesca do coral, das perolas e das esponjas, a caça dos elephantes e outros «animaes de reconhecida utilidade»; poderão emittir acções, obrigações e fundar bancos, incluindo os de cir-

culação; poderão negociar com os régulos todas as concessões ou convenções territoriaes, mineiras, agricolas, ou de transito; poderão lançar e cobrar contribuições pecuniarias e de trabalho, estabelecer taxas de licença para entrada, sahida, ou simples transito mercantil, regulamentar o commercio das bebidas espirituosas, das armas e da polvora, organizar militarmente forças de mar e terra, compôr para seu interesse o serviço aduaneiro, e até o proprio serviço judiciario, que se ostensivamente fica entre mãos do governo, só poderá ser organizado d'accordo com a administração das mencionadas companhias. E' pois, como se vê, uma alienação absoluta de soberania politica e d'autoridade, que o Estado faz em mãos de parcerias vagas, tornando aquelles attributos em valores de carteira, que todos poderão comprar e vender, passando-os de mão em mão, té aos confins da cubiça colonial de quem melhor os pague. De sorte, que visto coincidir a outorga d'estes privilegios, com a da transmissibilidade expressa dos territorios doados, cada lote de 180 a 200:000 kilometros quadrados de terra virgem, fica assim cosstituindo um reinosinho livre de fôro, com vassallos submissos e riquezas natu-raes de todo intactas, que qualquer rico inglez pôde tomar de trespasse ás companhias colonisadoras que se aborreçam de perder dinheiro, fazendo-se sagrar rei na aringa mais perto, ou presenteando com elle a Cecil Rhodes, caso prefira, em vez de corôa, um modesto galardão entre os flibusteiros do destemido bandeirante.

Ora, em troca de tão extraordinarias regalias, o que recebe o Estado annualmente?

Uma modesta renda de 7  $\frac{1}{2}$  por cento sobre os lucros das companhias concessionarias; a possibilidade de lhe internarem alguns vadios e *fainéants*, tripeiros ou alfacinhas, nas explorações agricolas do sertão; e o desembaraço, iamós dizer problematico e por demasia optimista, dos encargos pecuniarios com que a provincia de Moçambique ha tempos estava drenando o erario publico.

É pouco! Mas contentar-nos-hiamos, se fosse tudo exequivel em curto prazo. Infelizmente porém, innumerós signaes estão revelando o que vae ser a dispersão das terras de Mocambique por mãos d'aquellas irrisorias parcerias.

Vamos á renda dos 7  $\frac{1}{2}$  por cento, primeiro.

A mór parte dos concessionarios que o snr. ministro da marinha acaba de brindar com reinos na Africa, jámais poderiam offerecer a S. Ex.<sup>a</sup>, pela sua iniciativa technica, relações pessoaes, e fortuna propria requisitos sobre que basear segura confiança quanto ás intenções commerciaes e colonisantes d'aquelles cavalheiros.

Alguns serão, quando muito, homens de bem, e dos restantes, valeram-se das intimidades de casino politico para apanhar dominios que dias depois foram a Londres offerecer, ao que se diz, por

todo o preço. É natural que sabendo elles da existencia d'uma companhia dirigida por Cecil Rhodes, primeiro ministro do Cabo, e pelo duque de Fife, genro da rainha, se dirigissem lá primeiro que a qualquer parte, tanto mais que o tratado anglo-luso não deixou contentes os accionistas da *South-Africa*, e que a aquisição dos territorios portuguezes abriria a esta um trajecto britanico todo, ou *britanizado*, até ao mar.

Por este lado, pois, as concessões do snr. ministro da marinha são perigosissimas, mesmo escoradas por paragraphos de *contrôle* minucioso, mas como este senão patriotico não bastasse, eis que outros surgem a lhe aggravar deploravelmente os resultados. De feito, o proprio da insufficiencia pecuniaria, moral ou social dos concessionarios, vae ferir o plano arroteador do snr. ministro, por forma a afastar d'elle o capitalismo sério, para quem a Africa não tem sido manancial fertil de lucros.

Pois como hão-de banqueiros poderosos, casas de commercio firmes, associar os seus milhões á fortuna d'um amanuense ratado que o ministro esmolou com cem ou duzentos mil quilometros quadrados de campinas, ou á d'um ou outro militar cujos desarranjos hystericos originam quotidianas desavenças com preguistas? Por consequência, concessionarios haverá que terão de vêr caducar seus privilegios, faltos de porte que no mundo da finança os credite como organizadores de companhia. E haverá outros que logrando

formar parceria com nomes d'ocasião, chegada a hora d'emittir capital, passem pelo desgosto de vêr as economias dos argentarios pequenos, fugirem-lhes, mercê dos zunzuns concernentes á pouquissima confiança inspirada por aquelles socios... fundadores.

Corollariô d'estes emprehendimentos *manqués*, o fiasco do plano de colonisação africana pelas grandes companhias, a retirada dos capitaes portuguezes d'empresas que a leviandade ministerial tornou suspeitas á nascença, e finalmente Moçambique deserto e inexplorado como d'antes, á espera de que a expansão ingleza pouco a pouco nos expulse dos plainos onde ha trezentos annos o negro geme das extorsões que lá faz o gôvernador devasso, de parceria com o degredado negociante, e com o militar cirrhotico d'aguardente e vicios immundos.

Mas supondo o melhor lado ás concessões de territorios moçambicanos, e admittindo que o amanuense F. e o ex-condiscipulo H. fossem capazes de realizar capital e metter mãos á obra, pergunta-se quantas obrigações e acções ficariam por mãos de portuguezes? Conhecem todos as exiguidades metalicas da nossa finança, mesquinhas a ponto de cem contos de reis serem uma grande fortuna, e todos teem verificado por mais d'uma vez a bisonheria com que os capitaes portuguezes vivem immobilisados nas burras, torcendo o nariz a toda e qualquer circulação intentada longe da vista dos seus donos.

As soviniças da avareza pobre juntaram os nossos argentarios um obsecadissimo espirito de rotina. Quem intenta uma industria passa por doido, e por intrujão quem pretenda aperfeiçoar um fabrico em que seu pae ou avô ganharam dinheiro. A industria iniciada prospéra? Os que lhe vaticinavam ruina, passam agora todos a imital-a, até terem despojado o inventor ou reformador do seu invento. Não ha aristocracias de trabalho; uma casa morre quasi sempre com o fundador, porque os descendentes em se apanhando remediados, fazem-se ociosos. Um rico viticultor do Ribatejo um dia disse-me: — Não quero que meu filho seja um homem ordinario, como eu. Custa-me os olhos da cara, mas lá está no *Turf-Club*.

Ha annos, um fabricante de pannos crús foi coagido, por mexericos da esposa, a acceitar cartas de conde. Pois envergonhado da origem algodoeira, passou a fabrica, antes de brazonar as caruagens, aos proprios filhos recusando a vida laboriosa que era o seu unico galardão.

Eis o ferrete indelevel da nossa pelintrice! Com burguezias pobres com capitalistas risiveis, com instituições bancarias sem iniciativa nem faro commercial, como esperar então que dinheiro portuguez accorra a fertilisar terrenos que necessitam ser alagados d'oiro, primeiro que venham a abrir ao trabalho humano os seus optimos fructos?

O pouco numerario que ha, reclue-se por certo nos pés de meia das economias ganhas soldo a

soldo, e mesmo que o canalisassem para as empresas colonias, seria uma gotta d'agua no deserto; de sorte que em ambos os casos teremos sempre que ir mettendo as concessões obtidas entre mãos d'astuciosos estrangeiros. Esses estrangeiros, inglezes; esses inglezes, emissarios disfarçados da *South-Africa*, directa ou indirectamente relacionados com ella, e com uma mira unica, empolgar o territorio pela maioria do voto e do dinheiro, e inglezar a terra á força de biblias, d'algodões de Manchester, e d'inglez.

Para a obtenção d'estes fins, todos os meios lhes são proprios e seguros, e está-se a vêr a quantidade de chicanas que essa canalha ruiva armará ao pobre e desauctorisado governo de Lisboa, e a cifra de indemnisações a proposito de tudo, exigidas por via diplomatica, nesse meio riso dulceroso com que Sir Peter Glyn costuma entrar no ministerio dos estrangeiros.

De tudo se conclue que os 7 1/2 por cento que o governo tenciona descontar sobre os lucros das grandes companhias d'Africa Oriental, não passarão jámais da escriptura dos convenios, porque nos primeiros annos essas companhias nada lucrarão, e apenas lucrem, facilima coisa lhes será ter duas escripturações, uma para o governo, outra para os accionistas.

A respeito d'emigração, tambem o caso não traveste aspectos mais tranquillizadores. Desviar o colono do Brazil, para os sertões moçambicanos, continuará ainda a ser por muito tempo um êrro

economico de que hemos de pagar caro as consequências.

Á uma, não está resolvida a questão da acclimação, e tirante os planaltos, de que é typo Mossamedes, o resto das nossas Africas são matadouros de gente branca. Nas proprias povoações faltam completamente os mais simples recursos, tudo está por fazer, e o trabalho official de tantos annos d'occupação, apenas se traduz por uma ou outra igreja, um ou outro hospital-barraca, e palacios de governo com apparencias de casinos de batota. Do mais ninguem curou ainda! Nem saneamento de pantanos, nem fabrico de estradas, nem sondagens e balisagens de portos, nem pharóes, nem pontes, nem mercados, nem escolas, nem coisa alguma. Ha tres ou quatro mezes, querendo-se originar uma corrente d'emigração africana, mandaram-se vir do Porto algumas centenas de desgraçados, que foram expedidos aos governadores de Moçambique, Quelimane e Lourenço Marques, sem roupa, nem dinheiro, nem sequer destino certo. Chegados aos pontos de desembarque, vomitaram-n'os em terra sem mais conchêgo, e para alli ficaram na areia, á espera d'offertas que não vinham, e d'alimento que seria necessario pagar a peso d'oiro. Em Lourenço Marques, os que tinham officio lá conseguiram achar collocação; mas os trabalhadores, a gente dos campos, acostumada ás benignidades da vida patria, como poderia ir para as terras labutar sob um clima a que difficilmente resiste o proprio negro? Entre as obrigações impostas ás



companhias colonisantes figura o internamento d'um certo numero de familias por anno, e a dispersão d'ellas pelos respectivos territorios. As condições d'esse internato não são bem conhecidas, mas se o governo deixa aos estrangeiros que necessariamente hão-de predominar naquellas empresas, o cuidado d'acondicionarem o emigrante, sem mór fiscalisação dos funcionarios da metropole, é d'esperar que os martyrios d'aquelles expatriados centupliquem, e que em pouco tempo nenhum portuguez acorra aos convites das companhias concessionarias.

Duas palavras agora sobre as famosas economias a realizar no orçamento da provincia de Moçambique, com a fragmentação d'ella em feudos autonomos, com destino á locupletação de John Bull. Conforme o relatorio do snr. Julio de Vilhena, que no *Diario do Governo* serve de prefacio á sua reorganização da provincia de Moçambique, a despeza ordinaria d'esta é de 970:000\$000 de rs., e a receita 690.

O anno passado porém as expedições scientificas e guerreiras levantaram os encargos a reis 1.414:470\$000, e já nos decorridos mezes de 91, as contas do thesouro registravam estarem gastos 1.060:000\$000 com Moçambique, isto sem contar as despesas da expedição, que com certeza fazem outro tanto. A construcção da linha ferrea do porto da Beira á fronteira ingleza, as estradas, telegraphos, melhoramentos dos portos, saneamento de pantanos, etc., todos os compromissos civilisadores a realizar em obediencia ao convénio anglo-portuguez, de tal maneira exigem milhões ao erario

publico, que as receitas do paiz amontoadas não dariam para levar a cabo, dentro do curto praso que o convénio fixa, tão extraordinarios emprehendimentos.

Entretanto é absolutamente necessario que as obras se façam, que as cidades appareçam florescentes, que os campos sejam arroteados, e se cavem de galerias as minas, e os navios encham os portos, e a colonisação fecunde as terras. Só assim poderemos lutar contra a expansão britannica centrifuga, que nos emperra para o mar, e ter incontestadamente a soberania da Africa Oriental, tantas vezes prestes a escapar-nos.

Esta soberania será com juizo e tenacidade, em pouquissimo tempo um factu ovante «quando o porto de Lourenço Marques, ligado com Pretoria, e transformado das suas condições actuaes, fôr o centro da civilisação e commercio sul-africanos; quando uma linha ferrea ligar o districto de Inhambane, desde a costa até á fronteira interior; quando a Beira concentrar todo o movimento commercial da Mashona e dos Matabelles, por meio d'outra via-ferrea que chegue ao Macequece; quando estiver construido o caminho de ferro de Quelimane, que trará ao nosso porto todo o commercio do Alto-Zambeze; e quando enfim a região dos lagos encontrar uma linha de derivação para os seus productos, que podem vir a Tungue ou a Pemba...» (d). Porém quatro estradas de ferro

---

(d) Relatorio citado.

medindo pouco mais ou menos 1:500 kilometros de percurso, uma extensão dobrada de linhas telegraphicas, e decuplicada d'estradas de macadam, obras de portos, construcções de caes, embarcadouros, pontes, docas, estaleiros, pharolagem, edificios públicos, montagens emfim do aparelho administrativo, judiciario, militar e commercial de tão extensos territorios, juntas a explorações mineiras e agricolas, e a quanto importa á transformação do nosso estado d'Africa oriental, tudo isto é revolução que se não faz com menos de 30.000:000\$000 de réis, calcula o relatorio, e 30.000:000\$000 são mais de dous terços das receitas do reino, e quasi o que o thesouro desembolsa para pagar lá fóra os juros da nossa formidavel divida pública. O governo, pois, entalado entre a imprescindivel necessidade de civilizar Moçambique, e a de, por falta de recursos, não cumprir as imposições do convenio anglo-portuguez, recorre ao systema das grandes companhias, e arrenda a possessão, julgando que assim introduzirá nella os melhoramentos reclamados, e parallelamente lhe irá reduzindo as despezas a pouco mais ou menos metade do estabelecido para os annos economicos normaes.

Espera-se que as companhias de Moçambique e Cabo Delgado sejam os dous fortes nucleos de colonização portugueza, ao norte e ao sul do Zambeze; adopta, diz com graça, «a adjudicação directa», e esperando que as receitas augmentem, não receia o abuso dos direitos de soberania, que será facil

caçar findo o quarto de seculo da concessão, por fórma que essas pequenas potencias nunca alar-se possam a grandes vôos d'autonomia.

Ha-de haver muita gente que lendo o relatorio do snr. Julio de Vilhena, ache coherente as suas dadivas de territorios, sem mais inquérito aos perigos de tudo dar sem nada receber, e sem prévia autopsia moral a muitos dos concessionarios predilectos do snr. ministro. S. Ex.<sup>a</sup> estriba-se em que o processo de colonisar, substituindo-se a acção do estado pela das companhias soberanas, tem já na civilização fóros d'efficacia, com os excellentes resultados que as companhias britannicas do Niger, do sul d'África e do Zamzibar teem acarretado para a metropole, iguaes aos das camaras de commercio das colonias francezas e hespanholas. Mas o caso d'estas é differente.

A mór parte foram organizadas para explorar terrenos onde ainda não chegara a acção official, e não é precisamente esta a nossa variante, pois Moçambique, exceptuando alguns desertos de Cabo Delgado, recentemente adquiridos, está toda pisada pelas auctoridades nacionais. Demais, governar colonias não é declinar deveres e encargos, como o snr. ministro vai fazer, nem valorisar territorios me parece que seja dal-os gratuitamente a patuquinhos que os tomem pela ganancia de os ir vender depois seja a quem fór. Note-se que me não insurjo contra as emprezas d'organização bem definida, recebendo o razoavel e pagando justo o tributo equitativo, promovendo a associação e a

concorrença do trabalho e do dinheiro para as colónias, explorando a terra lealmente, e movendo enfim a colonização dentro d'um plano pacífico e philantropico. O que me espanta é que o Estado retire a acção da sua directa autoridade e direito soberano, de regiões afeitas a acatal-a desde soculos; o que me scandalisa é que o governo abdique assim na exploração mercenaria, sem mór fiança, os seus titulos de suzerano e de senhor, e ainda por cima ousa ter esperança na efficacia d'um systema que não é mais que a transferencia das suas naturais funcções para a auctoridade de parceiros cuja irresponsabilidade lhes permittirá abusarem d'ellas a todo o instante. Disse-lhes que tirante as concessões á companhia de Moçambique, e á do Cabo Delgado, a cuja testa ouvi que se acha o industrial conde Daupias, quasi todas as mais estavam ameaçadas de cahir nas mãos da cáfila britannica, attenta a facil doblez e patriotismo estomacal dos concessionarios portuguezes, e sua completa inappetencia para a exploração d'outra coisa que não seja o nariz, em horas philosophicas. Para lhes dar um specimen dos planos colonisadores d'algumas fogosas cabeças de requerentes a concessões de terras na Africa, exporei summariamente o plano da *Cooperativa-Colonizadora-Funebre-Familiar*, que ha pouco trouxe cobertas as esquinas de cartazes, e a que me referi no principio d'esta exposição.

Os fundadores ou fundador, não sei, da companhia, pedem ao governo mil milhões de metros

quadrados de terrenos, com sua carta de direitos magestáticos.

N'este territorio, quasi um imperio, propõem-se estender as bases d'uma exploração agricola e mineira, cujo custeio lhe não póde ficar por menos de 15.000:000\$ a 20.000:000\$ de réis. Rejeitam elles porém, como bons patriotas, o auxilio de capitaes não portuguezes, e para prover aos encargos devorantes d'exploração tão desconforme, fazem um appello ao paiz, organizando a sua empresa *em fórma de cooperativa*, e contando arranjar capital d'esta maneira: 1.º pelo pagamento das quotas mensaes dos subscriptores, a cinco tostões por cabeça. Há até agora dezeseis, o que dá para o arroteamento dos mil milhões de metros quadrados, uma renda liquida de 96\$ por anno, suppondo que a sociedade não tenha casa de renda e realize as suas assembleias na rua: 2.º por via d'uma fonte de receita, que os prospectos chamam *extraordinarios*, e eu não esmiuçó, posto a julgue lucrativa a mais não para a sociedade. 3.º por via de todos e quaesquer auxilios que o governo se digne prestar á cooperativa, o que tambem a deve fazer engordar supinamente. 4.º assignatura d'um jornal de colonias, redigido pelos fundadores da cooperativa, e assignado por todos os cidadãos «que se prezem de ser portuguezes». 5.º beneficios nos theatros e venda de flôres nos lugares publicos. Hein? Que me dizem a isto? O que vale, mesmo assim, é que o director perpetuo insiste em não receber honorarios em quanto a sociedade não der lucros. Delicioso

---

eufemismo. Ah, mas não servirá de graça muito tempo! Pois os prospectos declaram que as explorações começarão, apenas haja em cofre 2:000\$ de réis. Com 2:000\$ já se explora... muito preto.





## SUMMARIO

---

O Jubileu de Garrett, e coroação do seu busto na presença DI UM PUBLICO ENLUSTRADO — O ALFAGEME DE SANTAREM com bilhetes caros, má musica, MISE-EN-SCÈNE banal e disparatado guarda-roupa — Necessidade de deixar as obras primas ao bolor glorioso dos archivos — Garrett ja-nota e Garrett homem de genio — Conta-se a peça para distrahir os que não vão a D. Maria — Nun'Alvares, BRAVI d'opera — Froilão, boçal piedoso, com entreactos de bobo — Mendo, ou uma alma damnada de lepes — Canções e coros guerreiros no ALFAGEME — Casquilhice da linguagem, e vasio psychológico das figuras — Fernão Vaz, o Arroio popular de 1383 — A história portugueza no ALFAGEME — Papel monosyllabico do povo nos dramas de "Multidão" — Character discursivo do amor, e coisas boas do ALFAGEME — Monumentos litterarios que pintam o bello — Conclusão.



8 de Janeiro de 1892.

A companhia dramatica de D. Maria organizou um festival em honra de Garrett, na noite de 9 do passado mez, anniversario, julgo eu, da sua morte. Foi á scena o *Alfageme de Santarem*, ensaio de drama histórico popular, meio tragédia, meio *vaudeville*, que ha mais de vinte annos não via a rampa, e houve no fim da recita uma especie de coroação do dramaturgo em busto na presença dos escriptores de theatro, contemporaneos, e dos artistas grandes e pequenos da companhia, os dous grupos guiados por maioraes que recitaram versos laudatorios.

Attenta a solemnidade do acto, e porque o *Alfageme* ia em recita unica, platéa e camarotes haviam sido subscriptos d'antemão: de sorte que os pouquissimos bilhetes em mãos de contractadores foram disputados com exorbitâncias de preço, de que me recordo ainda espavorido, e mal disposto. Á uma, os acessórios pictorescos da peça, como a scenographia, o guarda-roupa, e a *mise-en-scène*, nesta recita não haviam sido esmerilhados por

forma a deixar no espectador um rasto d'arte sábia, e de reconstituição local subitamente escrupulosa; á outra do *Alfageme de Santarem*, uma das antigas obras primas do theatro portuguez, evocadas para modelo de dramaturgia historica, não só encaneceu no melhor das suas apregoadas louçanias, como tambem nem já como improviso litterario poderá encontrar, n'uma platéa moderna, enthusiasmo.

Em termos que a ressurreição do drama foi para os verdadeiros garretianos, um desastre, e melhor teria sido deixal-o pulverisar-se na sua antiga aureola de prodigio, por se não averiguar que o genio tambem morre, se por ventura inquinado, como em Garrett, por uma dóse abusiva de dandysmo. Presumo que a gente nova desconheça a carcaça e figuras dramaticas do *Alfageme*, e por isso tratarei de lhe contar a peça, e de lhe dizer os senões que fazem d'ella um producto d'espírito, inferior. Não me abalançaria a tal, se não fôra lêr, nos jornaes que o *Alfageme* excede na litteratura romantica da Europa, todas ou quasi todas as tentativas historicas do seu género, e se não fôra a cegueira dos criticos em ver na obra em globo de Garrett um dos mais luminosos mundos d'arte que ainda em cerebro humano foi gerado. Estes exageros d'encomio, filhos da insciencia d'alguns que só conhecem o visconde pelo busto grotesco do pae Rosa, em vez de exaltarem o escriptor pujante e incompletissimo, que tudo fez ao correr da penna, bem ao contrario, voltam a attenção

dos frios para essa obra desconhecida quasi das gerações contemporaneas, e se bem que immorredora no *Frei Luiz*, no *Camões*, e nas *Viagens*, no resto ficando apenas como uma folhetinagem desenfasiada, brilhante, sceptica, futil por vezes, e outras tantas banal e cheia d'algodão.

A verdade é que sendo Garrett um homem de genio, que absorvera no exilio os leites d'uma theoria d'arte nova, ao trasplanta-la ao seu paiz, a vaidade das primeiras ovações lhe amorteceu o estro e o estudo, e a baixeza intellectual do meio ambiente o dispensou d'amadurecer e castigar as inspirações bebidas no estrangeiro — d'onde resultou o escriptor ficar sempre um casquilho, e esses laureis da gloria, tão facilmente adquiridos, lhe fazerem imaginar que era o bastante sentar-se á meza, para sem mais preparo lhe jactar do cerebro uma obra prima.

O drama passa-se na Ribeira, um dos suburbios de Santarem, praias do Tejo, e é, como disse. uma lucta de aristocracia e democracia, tendo por fundo historico o golpe d'estado do mestre d'Aviz, e as invasões hespanholas, que por morte de D. Fernando ainda tentaram fazer de Portugal uma provincia de Castella. A scena figura as duas residencias de familias entre que se ha-de passar a efabulação de toda a peça : á esquerda, um palacio decrepito, com balcão de pedra e escadaria

exterior, à moda ribatejana, parreiras por cima, e todos os signaes d'uma magnificencia que se esfarela á mingua de recursos : á direita, casas terreas, vastas e successivamente accrescentadas, onde uma população d'artifices moureja, d'entôrno ás forjas e bigornas do armeiro ou alfageme. Vê-se no fundo Marvilla ou a parte alta de Santarem, e as águas do rio deslizando tranquillamente aos pés da ribanceira, com a estrada de Lisboa subindo a Santarem pela direita, e alguma arvore desfolhada, estendendo as braçarias por cima das duas habitações. Na casa nobre mora a familia de Mendo Paes, velha nobreza arruinada em aventuras e louçania pouco attinente ás suas rendas, e que em tempos protegera a meninice d'um Fernão Vaz, moço plebeu, educando-o em tratos de côrte, e preparando-lhe o character para a vida de gentilhomem e cavalleiro. Fernão Vaz porem, viudo do povo, tinha no meio superior em que medrava, a altivez da sua mediocridade genealógica, e a nostalgia das forjas onde seu pae ganhara a abastança de familia, de sorte que abandonou, na adolescencia ainda, a vida fidalga, para se consagrar à profissão hereditaria da sua gente.

Quando o drama começa, a situação moral das duas familias, é a seguinte: Mendo Paes e sua irmã Guiomar, arruinados, devem aos empréstimos e generosidades do alfageme, tres ou quatro vezes os haveres patrimoniaes que ainda lhes restam. Guiomar, mulher ardente, e em materias d'amor, pouco donzella, apesar de solteira, vê com terror

approximar-se o instante em que alguma nova extravagancia do irmão a lance na miseria, e tracta de vêr se prende o alfageme aos galanteios em que annos antes o trouxera encaravilhado.

Vive com elles Froilão Dias, typo de padre jovial, casamenteiro, adorado no burgo, e capellão d'um sanctuario perto da Ribeira, cuja minguada congrua desafoga um pouco a situação periclitante da familia; e á sombra de Froilão, sua sobrinha Alda, afillhada d'Alvaro Gonçalves, prior do Hospital, e pae de Nun'Alvares Pereira, em cujo palacio de Flôr da Rosa o velho gentilhomen a educara como irmã mais nova de seus filhos.

Fernão Vaz adora Alda, e o velho Froilão vê com bons olhos o namoro d'estes dois filhos do povo, educados como senhores, e adolescidos e medrados sob as suas vistas paternaes. Porem, Alda não sente pelo armeiro mais do que estima, embaida como está pelas recordações de Nun'Alvares, seu irmão adoptivo, e pelas juras d'amor que este lhe fez desde os seus brinquedos de creanças, nos jardins do solar de Flôr da Rosa.

Ao levantar do panno, tudo da banda do alfageme ressuma uma actividade alegre e impetuosa: as forjas rêsfolegam, tinem as bigornas, e os serralheiros e raparigas das officinas cantam em côro uma chácara antiga, onde a malicia popular introduziu allusões á mancebia de Leonor Telles, e ao predominio do gallego Andeiro nos negocios do Estado:

«Já lá vem o sol na serra,  
Já lá vem o claro dia,  
E inda o conde de Allemanha  
Com a... (tosse) hum, hum, hum!... dormia».

Entre portas da officina, o alfageme estimula os operarios, acompanhando-os na canção que elles entoam, e na varanda de pedra da casa nobre, Alda e Guiomar praticam sobre a riqueza e galhardia do alfageme, contando esta áquella, o que lhe devem, e de como Mendo Paes, que ha tanto tempo anda a reclamar na côrte o preço dos serviços de seu pae, até'gora não conseguira senão defraudar a casa no resto do que nella havia de mais pingue. Alda, ha poucas semanas na Ribeira, ignora tudo, e Guiomar por outro lado mal suspeitando da paixão do armeiro pela pequena, faz elogio d'este em termos calorosos, não sem evidenciar a ponta de rancor d'uma fidalga reduzida a viver dos dinheiros d'um seu antigo servo. Froilão começa a tardar para o almoço, e n'um dos intervallos em que o alfageme assoma á porta, Guiomar, aproveitando a ausencia d'Alda, tenta mais uma vez exprobar a ingratidão do antigo namorado, que lhe retruca evasivamente que o passado morreu, e fôra irrespeito tornar a erguer os olhos para a filha d'um grande, que além de tudo fôra seu desvelado protector. Aqui vem á bocca de Guiomar o nome d'Alda, e o alfageme elogia calorosamente a rapariga, pondo as virtudes d'ella em contraste com as de muitas senhoras que a não valem, nem em modestia, nem em formosura.



— Se eu me quizera vingar de vós e d'ella, com uma palavra podia, acode a ciumenta solteirona.

— Dizei-a por vossa vida, respondeu o alfageme.

— Mereciei-lo.

— Dae-me o que mereço.

— Ainda não é tempo! E os dois separaram-se, quando, com a entrada de Froilão, as moças saltam da officina, para virem bailar e cantar de roda d'elle:

«Padre capellão,  
Casae-me, meu padre, pela vossa mão,  
Que eu já não tenho nem pae nem irmão,  
E quero casar-me, padre capellão».

Elle tenta livrar-se d'ellas, arremedando-as, acarinhando-as, promettendo arranjar rapaz á feição de cada uma, E a ronda saracoteia-se, de mãos dadas, de roda do velho, n'una desenvoltura pagã que enche a sua candida alma de ternura:

«Viva o nosso padre, padre capellão,  
Que é o nosso santo de mais devoção!»

JOANNA

«Que me ha-de casar».

SERAPHINA

«E a mim porque não?»

## CÔRO

«A todas, a todas, quer queira, quer não.  
 E os velhos também, menos frei Froilão,  
 Que é o velho das moças, velho de feição.  
 As moças donzellas  
 Casa Dom Froilão :  
 Quer feias, quer bellas...»

Vão-se as raparigas, e em scena Froilão e o alfageme, conta o primeiro ao segundo como se apercebeu do seu galanteio disfarçado a Alda, juntando chocarreiramente que sua sobrinha, educada em palacios, e irmã adoptiva de Nun'Alvares, não é donzella para desposar ahi qualquer barbeiro d'espadas... — Que Alda é um anjo...

Fernão Vaz passeia no terreiro, Alda fica debruçada na varanda, e das officinas sempre o marulho dos folles entretendo-se c'ò estrépito dos martellos, e a ameaça revolucionaria das cantigas :

«Assomae-vos, minha mãe  
 A essa janella do mar,  
 Vinde vêr o conde Alarcos  
 Que ahi vae a degolar».

e o côro :

«Conde Alarcos, conde Andeiro,  
 Que ahi vae a enforcar».

Aquellas vozes de morte sobresaltam Alda, que não entende como o povo, tendo ahi tão finas co-

plas, e vilancetés tão gentis, prefira cantar coisas que rezam de catastrophes, e confrangem terrificamente o coração.

— «Pois que ha-de ser? redargue Fernão Vaz. O cantar do povo anda com as acções de seus amos. É como as creanças: quando lhes cheira a guerra entre a gente grande, já vereis os rapazes pelas ruas a cavallo em cannas e arrodellados de papel, gritando arma e guerra, e fingindo em seu folguedo os combates que deveras adivinham. O povo canta de mortes e castigos quando os espera da justiça de Deus, porque vê os grandes fazer por elles».

Mas Alda responde que se dobra o mal, antecipando-o, e timidamente opina que talvez Leonor Telles seja innocente dos monstruosos crimes que lhe imputam: «sobretudo comnosco, pobres mulheres, a quem uma palavra basta para perder, que um volver d'olhos diffama, um dito inconsiderado...»

É o momento do idyllo que se achega, já os dois corações pulsam dobrado, e ao cabo d'um longo devaneio, Fernão Vaz pergunta se ella poderia casar com um homem que não amasse.

— Ama-me elle a mim? quer saber Alda.

— Tem-vos amizade de pae, d'irmão, tem por vós uma devoção, uma...

— N'esse caso, posso.

— E vireis a amal-o?

— Julga elle que virá tambem a amar-me?

— Se não tendes outro amor...

Escandalisada : eu ! . . .

Sem ninguem esperar, entra Nun'Alvares com os seus cavalleiros, e corre p'ra Alda, que exclama — Nuno ! — cahindo nos braços d'elle, sem sentidos.

O alfageme considera o grupo, depois entra em casa a rugir por entre dentes :

— Mais outra que me enganava !

Feira d'armas no terreiro e officinas do alfageme. Os cavalleiros de Nun'Alvarès examinam e apreçam espadas e couraças, beliscando e galanteando as raparigas que lh'as mostram.

« . . . meus nobres senhores.  
feirae, feirae . . . »

#### OS CAVALLEIROS

« . . . feiremos d'amores ».

Quando se retiram, Froilão ajoelhado ante Nun' Alvares, pede-lhe respeite a innocencia e pobreza da sobrinha. Nuno deu já a sua palavra, mas Froilão insiste para que elle explique o juramento de nunca mais tornar a fallar d'amores com ella. Hesita o moço : considerará Alda como irmã, mas melhor fóra poder chamar-lhe esposa.

Pela cabeça do velho passa um deslumbamento subitaneo, que serena logo por um d'esses rechaços da razão plebéa prevendo os desastres d'uma

alliança de sangues, desigual. E eil-o incitando Nuno, o Nuno que elle trouxera ao côlo, a proseguir no matrimonio co'a rica herdeira d'Entre Douro e Minho, que seu venerando pae lhe destinou. Porém o fogoso rapaz impacienta-se: certo, cumprirá a palavra dada ao padre, mas sob condição de que Alda o não acceite por marido. Exige portanto uma entrevista com ella, uma entrevista onde Froilão não entre por conselheiro: e se ella espontaneamente recusar...

— Recusará.

— Hemos de vêr...

Froilão concede, de coração jovial, a entrevista.

— E se Alda acceitar, diz-lhe Nun'Alvares, vós mesmos nos casareis esta madrugada, na vossa capella de Santa Iria.

Ao descer o terreiro, Nun'Alvares, topa o alfageme, e pede que este lhe corrija a espada velha que traz no cinturão. Era de seu pae, não a trocara pelo melhor damasco. — E para quando a quereis? — Para d'aqui a horas, responde o corredor. Esta madrugada saio para Lisboa, com os meus cavalleiros, a servir o Mestre.

Aqui tem logar uma scena cavalleirosa e patriótica, em que depois de fogosas tiradas do alfageme a Nuno, e réplicas d'este ao alfageme, o fidalgo estende a mão ao plebeu, chamando-lhe seu amigo.

— Não sou vosso amigo, responde desabridamente Fernão Vaz. — Mas heis-de sel-o, quando souberdes que nos inflamma o mesmo aneio e

ambos temos o mesmo amor... — Ainda mal! acode o outro, julgando que o corredor allude a Alda. — Eu sou Nun'Alvares, sigo a causa do Mestre! — E eu Fernão Vaz, sigo a do povo! — Mas essa causa é a mesma. — Todos os usurpadores o dizem, quando nos querem explorar!

Apparece na estrada Mendo Paes, esbaforido; vem de Lisboa, traz noticias... «Andeiro, valido da rainha, assassinado no palacio real, ás mãos do mestre... Leonor Telles deposta, o povo em armas, pedindo a coroação d'um monarcha portuguez...» Estas novas circulam já por toda a banda, sobreexcitando os espiritos; cavalleiros e peões cercam Nun'Alvares, que manda a todos se aprestem para partir de madrugada. — E porque não já? contra-vem ciumento, o alfageme. Nuno calou-se: é a entrevista com Alda que o impede. E os vivas e os morras engalfinham-se no ar pezado dos tumultos, quando uma voz accusa de vendidos os vereadores de Santarem. Sôa a rebate o sino das Cabaças. — A elles! grita o povo, com calefrios de massacre pela nuca. Vozes roufenhas precisam então diabolicamente as accusações aos magistrados. Elles substituíram as armas de Portugal, pelas de Hespanha, no pendão da cidade! São uns traidores! E os mesteiraes uns cobardões! As oficinas de Fernão Vaz são invadidas, cada qual cinge as armas que póde, as mulheres ajudam os serralheiros a abroquellar-se nas couraças, feixes d'espadas telintam pelo chão... E o sino das Cabaças tange sempre, annunciando que o senado sae a procla-

mar D. João de Castella, rei de Portugal. Tumultuosamente então a scena esvida-se, o povo corre a Santarem, com o alfageme á frente, e já longe, ainda as mulheres applaudem, acenando com os lenços ao bando intemerato.

No terceiro acto, as forjas de Fernão Vaz estão apagadas, porque os serralheiros só agora vão voltando, extenuados, da refrega. Na varanda da casa, o capellão vê-os chegar com cenho melancholico, emquanto o alfageme, com a acha d'armas nas mãos, toda sangrenta, perora como triumphador soberbo, que venham para cá impôr ao povo de Santarem um monarcha estrangeiro e excommungado! Começa a anoitecer; surge Nun'Alvares envolto numa capa, o chapeirão tombado sobre os olhos, e Froilão desce, quando o armeiro entrega a um dos seus operarios a espada do moço cavalleiro, que deve ser corregida quanto antes. «Ou eu estou já tonto de todo, ou estou conhecendo esta espada», diz o velho. O alfageme dá-lh'a. «E' a mesma! redargue saudosamente o capellão. De Rhodes a trouxe quando lá foi servir suas commendas, meu senhor D. Alvaro, e com ella foi ao Salado quando em suas victoriosas mãos levava hasteado o lenho da Vera Cruz; e com ella voltou triumphante! Mas como veio ás tuas mãos, este thesouro?»

— D. Nuno m'a deu p'rá corrigir.

«Meu Deus, meu Deus! Tenho fé que com esta espada ninguem ferirá sem justiça, ou poderá defender uma causa má e reprovada de vós».

Ficam os dois segredando: Froilão, homem de paz, insiste em que o armeiro, alheando-se dos motins e sobresaltos politicos, todo se consagre ao trabalho e vida de familia; porém o feroso patriota abjura d'esse papel d'inercia criminosa, que o velho padre quer, em nome d'Alda, confirmando que não deixará um só instante a causa popular, e se lançará na guerra, se necessario for, a todo o transe.

— «Era este o homem virtuoso, sem ambição, quebrado das paixões do mundo, a quem eu queria entregar a minha Alda!...» exclama o velho entre soluços. Guiomar e Mendo Paes, na varanda, suspeitando que Froilão proteja os amores da sobrinha com o armeiro, tractam de desencantar manhosamente as artimanhas do padrecão, e eis porque Mendo vem ter com este, e o surprehende a lamentar-se pela sorte miserrima da pequena. — «Que se não amofine, lhe diz; Alda encontrará nos dois irmãos, corações dispostos a adoral-a. O peor é ella não ter dote, que mais depressa com dote encontraria desposado...» A scena escurece mais, bulha de passos: é Nun'Alvares vindo á entrevista. E o velho apazigua aqui os sobresaltos da sobrinha, lembra-lhe a sua origem de povo, e os seus deveres de rapariga pura e pobre. Auctorisa o encontro com Nun'Alvares, vigiará porque nada lhe succeda, e a sua honesta presença, embora na sombra, ha-de quebrar os dentes á calumnia. Põe uma condição, porém: que esse encontro amoroso seja o ultimo!



A voz de Nuno chama-a, cauteloso. — E's tu? — Sou eu. — E a explicação d'amor começa os seus coleios. E' uma coisa de pieguices romanescas, longa, e com escapadas suspirosas no passado. Primeiro chamam-se irmãos, depois recordam os brinquedos infantis juntos da fonte, ao fim da quinta, falla-se num beijo que o galanteador por signal quer repetir na face d'ella; e d'arroubo em arroubo, Nuno excitado, propõe-lhe o casamento, o que a deslumbra um minuto, passado o qual, uma recusa dolorosa gela de vez toda aquella doirada e volitante phantasia. Nuno insiste cada vez mais em lhe dar a mão d'esposo, levanta a voz, perde a cabeça, vociferando que ultrajará o rival que pense em lhe tirar Alda dos braços. — Esse rival é Fernão Vaz, homem correcto, redargue-lhe Froilão, sahindo do seu canto. E o corredor, furioso — «homem grosseiro, cabeça de motim, plebeu gafado, que de mais a mais Alda não ama!»

Alda protesta, e o cavalleiro, possesso, agarra-a pela cinta, leva-a nos braços sem acôrdo, aos gritos de Froilão, que põem no caminho do raptador a coriscante espada do alfageme.

É a famosa *scena da espada*, colhida da lenda popular pelo poeta. Nun'Alvares, tolhido no rapto d'Alda, jura pela durindana do pae que espostejará quem se lhe achegue. A terrivel folha brilha porém nas mãos do armeiro, que acabou de lhe dar o ultimo fio. Ao vê-la, o corredor poisa o seu fardo, leva as mãos á cintura. Inferno! Não tem espada. — Dai-me essa que é minha! — «Era de vosso pae,

diz-lhe Fernão Vaz. Está para vêr se sois digno d'ella». A raiva de Nun'Alvares muge impropérios, os seus olhos faiscam de loucura, e eil-o a correr pela scena, á busca d'uma arma que o desforce, té que afinal arranca uma, das panoplias da officina, e vem postar-se em face ao alfageme, na attitude fogosa d'esgrimir. Na mesma gana de sangue, as folhas tocam-se, espadanando faiscas, e as vozes dos dois sempre aquecendo as coleras dos peitos, com sardónicos apupos de carnagem. «Brigaes contra a espada de vosso pae, senhor D. Nuno, grita-lhe o armeiro, não com o vilão que a tem no punho! E o corredor de lhe gritar «defende a tua vida, por Christo, que já me peza mais do que esta minha!» Nuno é tocado; reboliço entre os assistentes do duello; mas não passou d'um bote leve no hombro, á guisa de lambrete, o que aligeira de todo a situação, e chama o cavalleiro á auto-censura das suas proprias estroinices. Todos beijam então a espada gloriosa, com prognosticos de que ella seja nas mãos de Nuno um symbolo de bravuras épicas, e nunca vistas cavalheirosidades, e para nada faltar á glorificação antecipada do moço, até o alfageme tem a visão instantanea d'elle vir a ser o primeiro homem de Portugal — tudo por causa da espada do papá! Novos osculos na folha, e quando Nun'Alvares vae a pagar o concerto, o alfageme reléga-o, prophético, para o dia em que elle seja condestável.

Horas de partir. E os homens d'armas, sahindo de scena militarmente:

«Partamos!  
Corramos;  
Partamos que a espada  
Por sangue já brada...» etc.

Baile ou orgia em casa de Mendo Paes, vem rompendo a manhã. Guiomar, dita a rainha Ginebra da frescata, é saudada em canções e libações, onde estrebucham por igual a libidinidade e a bebedeira. Mendo que chega em trajos de festa, e como de costume, alviçareiro. — «Está a chegar D. João de Castella a Santarem! Ha dois annos que elle não sabe p'ra que partido voltar os seus enthusiasmos. Ora triumpho o Mestre, ora el-rei de Castella... «e um homem sem saber por quem se resolver!»

Emfim, d'esta vez parece certo serem os castelhanos os dominadores definitivos. Elle, para descargo de consciencia, a ambas as partes tem servido, e com ambas ganhou, mercê de Nos' Senhor.

Quanto ao alfageme e á sua divida, ou vença o hespanhol, ou vença o portuguez, traz alli na escarcella a aniquilação d'ambos os dois. A irmã repugna aquella baixissima trama d'espião e de falsario, e Mendo então recorda-lhe o desdem de Fernão Vaz perante as suas juras amorosas, ou tenta reacender-lhe o ciume pela evocação da felicidade d'Alda, ha dois annos esposa do alfageme... Alli entre as duas hyenas fraternaes, que se injuriam e remordem num conluio de perversidade porca e inconfessavel, fica jurada a *una voce* a perda do

alfageme. Entra o povo em tumulto, subornado por Mendo, a gritar que Fernão Vaz o atraçouo :

«Traição, traição, traição !  
 Quem nos perdeu !  
 Quem nos vendeu !  
 Traição, traição, traição !  
 É não ter alma,  
 Não ter coração.  
 Traição, etc. . . »

e aqui interfere uma porção de scenas complicadas, d'intriga por banda de Mendo e Guiomar, de ludibrio por banda da população, de desforço cavalheiroso por banda do alfageme, muito de proposito escriptas para revelarem a natureza vesga do fidalgo, a incoherencia affectiva da arraia meúda, e emfim o espirito recto e archi-litterario de Fernão Vaz. Como os hespanhoes dominam em Santarem, o povo receoso de castigo, accusa Fernão Vaz de o ter levado traioeiramente para o Mestre, e pede-lhe a cabeça. Alda espavorida, diz ao marido que fuja. Mas o intrepido armeiro o que quer é justificar-se, parlamentar co's revoltosos, e altivo, increpa-os: consumiu a fazenda, apagou as forjas, espargiu pelos companheiros de trabalho as dobras da sua arca, tudo para defender a causa delles — causa que elles nunca defenderam nem comprehenderam, nem honraram, estupidos e incoherentes como são ! Assim, pois que não querem, a rainha, para não servir estrangeiros, forçoso é ser leal a uma bandeira. . .

— O mestre d'Aviz é pelo povo.

—Sim, pelo povo, mas passou por Lisboa aquelle pendão «onde estavam pintados esses dois infelizes irmãos, o infante D. João e o infante D. Diniz, os verdadeiros e legitimos herdeiros de D. Pedro e da corôa d'estes reinos, para depois...»

—Traição ! Traição ! é a resposta. Vozes apupam-no. «O mestre foi aclamado nas côrtes de Coimbra ; é portanto o verdadeiro rei de Portugal». E os mais prudentes : «lembrae-vos que D. João de Castella vem ahi, e com elle todo o poder do reino...» Uns voltam-se para este, ateimam outros em querer o mestre d'Aviz «rei natural». E esta insania de querer e não querer, pueril, voltada ás reviravoltas de todas as monções, confrange á nausea o generosissimo coração do alfageme de Santarem. Agora, até Mendo grita traição com os mestreaes, sem receio das reprezalias do crédor. Redobram os vivas a D. João de Castella, e em dez minutos o povo tem tido tres opiniões de reis, todos differentes. Afinal, depois de muitas peripecias onde babuja a vingança de Mendo, de parceria com a sua indole pusillanime, Fernão Vaz decide-se bruscamente a partir para o condestavel, que está em Abrantes com o exercito do mestre. É este acto resolutivo que galvanisa a inércia das massas, favoravelmente ao alfageme, e os que momentos antes lhe davam morras, seguem-no agora todos com hymnos triumphaes :

«Alfageme, a patria te espera,  
Deixa a forja, leva o coração».

o que faz cahir Froilão d'apoplexia, e prepara um espectacular final d'acto.

O ultimo quadro desfecha *tant bien que mal*, esta catastrophe de patria e d'almas generosas, calumniadas pelo eterno fermento d'ambição, gestador de todas as torpezas. Os homens andam na guerra, continuam ao desamparo as oficinas, e no terreiro da casa, apenas Froilão, paralytico numa cadeira de braços, guarda as mulheres, que alongam saudosamente os olhos para a estrada, sem se atreverem a fallar no que as inquieta. Sentada á porta, Alda embala com o pé o berço de seu filho e a cada instante conchega também o clérigo, repartida entre o velho e a creança, em quanto, acocoradas no chão, as raparigas costuram e cantam, como quando noutro tempo elle vinha de dizer missa, folgueiro, em cata do almocinho...

«Padre capellão!

Casae-me, meu padre, pela vossa...»

Faz um signal de que essa cantilena d'appello o martyriza, e Joanna propõe antes a chácara da *Bella Infanta*, que para mais reproduz a situação moral da pobre Alda, tão suspirosa pelo seu Fernão idolatrado. Joanna diz a voz, as outras o *estribilho*, e á proporção que a ballada vae, o coração da esposa orvalha-se de pranto: que será d'elle? sem mandar novas, tão longe, nas guerras?... Vem Mendes Paes, perverso alviçareiro.—Más noticias? — Para uns más, para outros excellentes... E Alda

em torturas «por Deus, dizei-me quem venceu!» — «os nossos, Alda, os nossos!» — «Quem são os nossos, senhor Mendo?» — «Mas as tropas do Mestre, minha esperta! Olhae que eu não sou como certa pessoa que não queria os castelhanos porque eram castelhanos, nem queria o mestre d'Aviz porque era... não sei o que. Eu sou portuguez leal e honrado, não quero ser escravo d'estrangeiros... não quero!» Todos o cercam em vivorio, jubilosos da nova, pedindo ao malandrim lhes conte os pormenores da commettida, ao que elle cede, pintando bufonamente Aljubarrota, a galhardia indomita dos nossos, e o rei de Castella entrando em Santarem varado de medo, e as galeotas depois, levando-o pelo rio, até á armada. Agora na bocca do povo, o mestre d'Aviz é já *el-rei* D. João I — na de Mendo primeiro do que em nenhum... Segundo este, já se pode fallar, «já temos liberdade», e é em virtude d'ella que aproveitará alguns dos dois decretos extorsionarios que alli traz, um do rei hespanhol, outro do portuguez, ambos ordenando a confiscação dos bens de Fernão Vaz, traidor á patria, a beneficio do patriota Mendo Paes. Movimento na scena. Morras esparsos. Alda quer defender a honra do marido. Froilão mesmo, readquirindo a voz que a paralyisia emperrava, exclama em meio de assombro geral, que o biltre mente. Porém o alcaide vae dar posse, e o povo amotinado corre a casa do alfageme, a destruir quanto alli ha. Provas da aleivosia de Fernão Vaz? Não se conhecem. Mas são as ordens d'el-rei. Hão-de

cumprir-se! Novas complicações delongariam a tragedia, se não fôra faltarem só duas scenas pr'a fechar. A primeira é a entrada subitanea do alfageme, que ouvindo as accusações, arranca o alvará das mãos do alcaide, e despedaça-o. A colera vomita-lhe da bocca insolencias perigosas, vae cahir nas garras da justiça, mas em tão desesperado transe, não lhe fallece o desassombro de contar a sua vida naquelles oito dias de martyrio; por toda a parte denuncia falsas (Mendo conhece-as), detenções em castellos e masmorras, suspeitas, obstaculos... A segunda é a entrada do condestavel que restabelece a verdade, conta a fereza do alfageme na batalha, restitue-lhe a fortuna, e arma-o cavalleiro. O povo que em todo o drama tem um papel de comica ventoinha, dá alternativamente vivas e morras, conforme é preciso, e acaba a peça por uma marcha com versos, que serralheiros e homens d'armas entoam a toda a voz.

Tal a tentativa de drama popular, por Garrett architectada sobre uma lenda da adolescencia de Nun'Alvares. Vejamos agora laconicamente, porquanto o permitem tempo e espaço, se este trabalho finca realmente a garra no coração da historia portugueza, se visiona psychologicamente um cyclo, exprime um estado d'alma collectiva, ou numa palavra, merece a reputação sublime que lhe fazem. Abstraio dos motivos politicos da



peça, que não podem mais entrar no seu computo artistico, e contarei apenas os factores estheticos, apurando se no *Alfageme* subsiste alguma coisa desse *indestructivel* das obras feitas para lançar a arte na pista d'um ideal inédito, e d'um criterio novo e triumphante.

A primeira coisa que choca, é a inverosimilhança da lingua fallada pelas personagens, relativamente á epocha da acção, e por maior fetichismo que se tenha pelo poeta, não ha desculpar-lhe o ter feito de contemporaneos do seculo xiv, uns banaes dialogadores de café, com emphases de deputados cabralistas, e sem a menor sombra de figuras medievas que a chronologia historica exige d'ellas. Compreende o leitor que não era desejo meu vêr authenticada por completo, no *Alfageme*, a lingua coeva de Leonor Telles e do Mestre d'Aviz, lingua tecida com os mesmos escrupulos de restauração com que um bordador restaura, ao ponto da epocha, os desenhos e minuciosos labores d'uma tapeçaria. Seria isso um trabalho d'erudição parcamente interessante para o público, e contraproducente talvez como relevo d'arte, em drama historico. O que eu desejava não era que os typos do *Alfageme* araviassem na lingua authentica de 1383, mas numa outra, litteraria, sobria, ingenua, brutal e engenhosamente poetica, que embora invenção do artista, todavia houvesse sido batida sobre os monumentos litterarios do tempo, em termos de dar ás figuras o forte claro-escuro de que a sua grosseira edade as envolveu.

Essa lingua, verosimil na bocca de personagens de tal ou tal sociedade ou cyclo historico, apesar d'erudita e construida, Garrett achou-a por exemplo para as personagens do *Frei Luiz* onde a forma do dialogo e o relevo nobremente severo das palavras afinam com o aprumo individual dos caracteres, com a architectura classica das scenas, e até com a qualidade da catastrophe. No *Alfageme* é diverso: um historiador sem escrupulos da historia, prestou ás relações de Nun'Alvares, pequenas tiradas borboletantes de folhetineiro mal amanhado, descosidas por vezes, superficialaes, e mesmo ridiculas, á força d'inconsequencia e d'artificio. É vêr o monologo de Mendo a respeito d'Alda e do alfageme:

«... e não se engana, que para eu morrer de amores por ella, para a eu preferir a todas as mulheres d'este mundo, não lhe falta senão essa virtude que todas as outras realça, um dote honesto e decente — Belezas, graças, donaire, tudo me arrebatava na rica priminha. Mas casar... minha pobre Alda, isso agora!... — Virtude... virtude tem ella de mais, e fraca esperanza posso eu ter... — E d'ahi quem sabe? ella não tem dote...», etc. Digam-me se este sarrafaçal do seculo XIV, não lembra antes um caixeiro cynico, que aprendesse a probidade pela biographia do José Julio, e a dança pelos preceitos do Justino, nos saraus da academia *Fenianos*. A entrevista de Nun'Alvares com Alda, as zargunchadas ciumentas de Guioimar, o feitio jocosoparvo-beato de Froilão, são ou-

tros tantos textos onde pascer desillusões sobre o impecavel dramatico de Garrett. Esta leviandade d'estylo tem a meu vêr por fundamento o terrivel vasio psychologico das figuras, que não correspondendo a typos, nem sendo feitas d'impulsos de sangue, luctas d'interesse, não podem *ipso facto* fallar a lingua do temperamento, a lingua reveladora, que não pede á phrase effeitos, e cuja eloquencia unicamente provém d'ella ser toda uma descarga continua de paixões. De feito, no *Alfageme* não ha um unico character definido, uma unica reconstituição psychologica fundada sobre o vivo: as personagens não existem como sêres, mas são banaes pinturasinhas litterarias, sem o menor justificativo dos seus actos, sem temperamento que as guie, sem integridade vesânica, moral ou mental, que as faça conflagrar, mexem-se quando o poeta quer, dizem o que ao poeta lhe faz conta; fantoches movidos por um expositor de habilidade, é certo, mas fallando todos pela bocca do mesmo expositor!

Na figura de Fernão Vaz, aquella onde Garrett quiz pôr maior somma d'impulsos dirigentes, essa moldagem de character do homem energico e probo, não vae além das linhas épicas mais faceis, isto é d'aquellas que ressumbram de sentimentos extremos, e tomam por voz a linguagem discursiva dos oradores. A meia tinta falta por completo, os moveis que dão impulso á alma da personagem, não por tiradas, mas por encadeados d'accções refrangidas d'um nucleo moral que se não revela por phrases, mas que o espectador descobre instante

a instante, a caracterisar o typo, e a evitar que elle se confunda com os outros, ou passe da reminiscencia como ephemero, esses moveis, Garrett pôl-os de banda, evita jogar com elles — em escriptor superficial que só quer ferir pela rama a emoção d'um público grosseiro e irreflexivo.

Mencionarei entre outras molas d'escamoteação scenica, por exemplo o caso dos desmaios e paralysis de Froilão no terceiro e quarto actos, paralysis de que o pobre velho se cura ao fim da peça, por um prodigio de força medicatriz hoje impossivel, e inda a maneira porque é aproveitada a lenda historica, na scena da briga entre o armeiro e Nun'Alvares, e que a sangue frio tem apenas o valôr d'um passe de libreto, bom para ser traduzido em musica d'orchestra. De feito, Nun'Alvares ao querer raptar a irmã adoptiva, encontra pela frente o *Alfageme*, armado da espada de D. Alvaro. Era uma acção infame, de que o puniu Fernão Vaz... pois tanto basta para que, vendo todos no facto da punição de Nun'Alvares pela espada paterna, um milagre de Deus, desandem a vacticinar que o moço será condestavel, e o primeiro figurão do seu paiz. É isto coerente? ha alguma lenda por cujo respeito um dramaturgo seja coagido a jogar com incongruências d'esta força?

O *Alfageme* é um drama do povo, e diz-se ter sido escripto principalmente para metter em scena a «multidão». Esperar-se-hia portanto vél-a agitar-se, barafustar das suas iras, dar a cabeça pelas suas puerilidades, e grande pasmo nos assoma

quando em scena os cavalleiros e homens de guerra de Nun'Alvares, ou as donzellas e serralheiros de Fernão Vaz, toda a sua pujança tragica se reduz á articulação em côro d'uma palavra ou monosyllabo, affirmando ou negando, d'uma copla de *vau-deville*, absolutamente vergonhosa como elucidario de sentimentos ou sensações, ou finalmente d'um fluxo d'opinião sobre tal coisa ou individuo, seguido d'um refluxo contrario, immediato. Por este processo primitivo de fazer fallar collectividades, ainda hoje seguido pela maioria dos dramaturgos europeus, o povo reduz-se a uma massa automatica incaracteristica, a um verbo d'encher, convencionalmente parvo, e nem sequer ao menos scenographico.

Assim como na dialogação não ha um traço de vida antiga, dissemos, assim tambem na summula dramatica do *Alfageme* a historia reduz-se a uma menção de factos sequinha e martellada p'ra filiar num seculo remoto, um *imbroglio* com todos os visos de contemporaneo. Mendo Paes é em toda a peça o encarregado de prender a realidade dos factos á chronologia balofa da epopeia que os ensombra: e seja dito que o faz com uma nudez de professor primario de provincia, agarrando-se ás datas com medo de trocar o nome aos bois. «Vejamos, diz elle para a irmã, no quarto acto: Em 6 de Dezembro foi a morte do conde d'Ourem. Em 8 de Dezembro cheguei eu aqui, e foi... passou todo o anno seguinte; estamos a 8 d'Agosto d'este anno. Ha justamente vinte mezes — ainda

não ha dois annos : é verdade ! Mas o que se tem passadô ! Ora vence o Mestre, ora el-rei de Castella, etc. . . » Como isto é mesquinho, banal, feito de restos, e como se sente o recado ensinado por um jovial cabeça de vento, certo da galeria, a um rufião de 1383 — 457 annos depois d'elle ter morrido ! Tão pouco as coraes e coplas restituem á peça illusionismos ou bellezas que o poeta se dispensou de lá metter por outras vias. O côro dos cavalleiros no fim do terceiro acto, o hymno do alfageme no quarto, a marcha guerreira entremeada de côros no quinto, são acepipes gagos d'opereta, versalhadas sem côr nem sentimento épico, que visto o moderno critério do drama historico, não podem supportar-se senão como facécia. Do amor não fallo : tem apenas o encanto que os actores lhe prestam na dicção ; é uma coisa de carta de namoro, litteratiça, e sem nenhum d'esses estremeções ineditos que fazem calefriar quem uma vez sentiu de perto o femenino. Nun'Alvares, amante, tal como Garrett o pinta, se hoje vivesse, não teria subido a condestavel ; estava mas era alferes da padaria militar.

Entretanto dirão : se o drama é falho, como se explica que o publico ainda hoje acorra a lhe dar corôas ?

È simplicisismo, e pesa-me faltar-me espaço onde largamente desenvolver este incidente. Direi emtanto que, se como obra d'arte o *Alfageme* manqueja das attribulações estheticas que disse, como theatro não se pôde negar a carpintaria magnifica que lhe dá relevo e vida sobre o palco. Será mal

escripto, mas tem *ficelles* que ainda hoje engrolam o espectador desprevenido, e a par d'isto intuições poeticas translucidas, verdadeiras joias vividas no thema, como o episodio do berço que Alda embala, fiando na roca, e ouvindo a *Bella Infanta* ás raparigas sentadas de redor.

Emtanto, mau grado os artificios, cosméticos, e os velhos e embasbacados fetichismos, uma senilidade precoce arrasa o *Alfageme*; não ha conser-val-o mais na galeria dos eternos; a sua antiga estatura gigante, minusculisa-se, desaba em indifferenças a admirrção que outr'ora provocou. E agora essa obra prima de cabello tingido, não passa do avô dos janotas das modernas tragedias portuguezas.





## SUMMARIO

---

Loucura do romancista Guy Maupassant, a sua vida artificial dos ultimos dois annos — A lucta pela voga : caracteres da litteratura contemporânea : prosa condensada e abdição dos seus intuitos de grande arte — Uma revolução litterária por semestre — Grande commissão para o “engrandecimento da scena nacional” — Retratos d’alguns commissionados — RIN-DO... Por Colette, ou de como ha livros de mulheres que parecem escriptos por homens — Os MEUS AMORES, de Trindade Coelho, e campestre sorna dos nossos mais modernos narradores — Quarto ministério de “salvadores” — O tenaz snr. Dias Ferreira, ou de como com cuspo e geito se chega a presidente — Prognostico de que não estão lá muito tempo — Magalhães Lima e os “mestres” — Conclusão.



9 de Janeiro de 1892.

Os jornais francezes dão conta de ter attentado contra a existencia, em Cannes, o romancista Guy de Maupassant. Obrigado pelas exigencias glorificadoras, e mesmo pecuniarias, da voga, a uma producção artistica constante d'um numero de paginas certo, todos os dias, o desgraçado tanto forçou a cabeça, espremeu a phantasia, sangrou a branco a energia lucida das faculdades, que esgotada a nervosidade esthetica, afalcoou-lhe o cerebro o *surménage*, e proseguindo os desesperos do trabalho, succedeu áquella a nevrasthenia, e ao cabo d'esta a loucura furiosa, prenuncio d'uma derrocada mental definitiva.

Ha poucos dias, Guy de Maupassant pôz-se á carteira para encher os trinta linguados da ordem, té ao jantar; mas o filão d'inventiva só deu escorias; nas proprias palavras avulsas começaram a intrometter-se-lhe syllabas estranhas; periclitou a sequencia radical da narrativa; não se lembrava do que escrevera antes, e começaram *ausencias*

de razão para o que havia a escrever depois — té que um relampago de consciencia subito lhe fez presentir a gravidade do ataque, e então viu-se roubado no seu pão do *jouisseur* phantastico, ferido no seu orgulho cerebral em eminencia de cretino — adeus mulheres bonitas, viagens, exercicios de *sport*, festins nos restaurantes a pezo d'oiro! — e furioso como um bufalo, rugindo d'uma colera soberba por aquella vingança de Deus ciumento do seu merito, Guy de Maupassant corre ao *toilette*, abre uma navalha de barba sobre o estojo, e deante do espelho, tragicamente, atirou um golpe de travez contra o pescoço.

Levado á casa de saude, tiveram de lhe vestir a camisola de forças para a cirurgia constatar que o golpe era ligeiro, e a medicina exprimir que a doença encephalica era fátal. Tratam então os medicos de lhe refazer a historia morbida, e vê-se que tudo do desgraçado conspira para lhe afundar o talento, aos trinta e cinco annos, a idade das obras masculas e das funcções vitaes impetuosas, na precoce noite diabolica e vesga da loucura! Os seus antecessores são bebados confessos, hystericas mysticas, e epilepticos com a impulsão do crime e do deboche. Os seus esgotos d'amor, polluccionados nos leitos d'umas poucas d'amantes installadas por elle no *rang* do vicio caro, e onde ha uma negra para as abominações da luxuria oriental, alternam-se com os não menos sugantes martyrios do trabalho, onde seis horas de composição diaria o derream sem repouso, estragando-lhe

as digestões, dando-lhe tics, vertigens, sinalhadas no craneo, cegueiras instantaneas, e allucinações e sonhos suffocantes. Para dormir quatro horas, é-lhe necessario quasi um decigrama de morphina. Fuma constantemente, excita-se a perder, com licores que o envenenam, e onde o preparador todos os dias força a mão no alcaloide que ha-de mantel-o áleria ás horas do trabalho. E os seus exercicios phisicos assustam os amigos : são marchas de leguas, a passo de corredor pelas montanhas, tardes de canotagem, seis horas agarrado a um remo, a escorrer em suor na atmosphaera gelada do paiz : coisas sem repouso emfim, feitas não sob um proposito d'actividade muscular, fortificante, mas impulsivamente, agitadaamente por uma hypersthesia do systema espinhal compromettido. . . . E alta noite, no leito onde tombou quebrado de fadigas, as visões de monomaniaco salteam-no, por toda a banda espectros precipitam-se, acorda a gritar que o assassinam, entraram homens armados no jardim, bandos de ratos correm-lhe por cima, está roubado, o mar invade a casa — e é necessario encher a camara de luzes, sacudir-lhe o pandemonio lugubre da vista, pôr-lhe gelo na nuca, bater-lhe, e emfim lá torna á realidade o desvairado, veste-se á pressa, accende lume no quarto de trabalho, senta-se á mesa, e por um momento tenta concentrar-se. Oh, mas a sua pobre cabeça está vasia, a penna tropeça-lhe, a elocução complica-se-lhe d'incidentes : não acha nada começa e recomeça, e novamente o desespero en-

tra com elle, e o terror da imbecilidade o faz entrar em convulsões!

Tal foi a vida de Maupassant durante os dois annos fechados por elle ha oito dias com uma tentativa de suicidio, e tal deve estar sendo a esta hora no mundo a vida de setecentos ou oitocentos infelizes, sacrificados pelas impaciencias do publico a minusculisarem o talento e o genio em obrinhas litterarias de comprazer e ganha pão. A «actualidade» em litteratura está-se tornando para os escriptores um potro abominavel, que é impossivel soffrer por mais d'um certo tempo.

A voracidade artistica do publico vae-se complicando d'exigencias de lambarice: querem-se *mets* sempre variados, seja o que fôr, mas bem picante, estrombolico, archi-maluco.

As obras d'arte serenas, os livros cristallinamente escriptos para longas leituras da vida repousada, esses perderam a popularidade e foram-se ao olvido. As *Illusions Perdues*, a *Grandeur et décadence de Cezar Birotteau*, a *Bovary*, o *Tarass Boulba*, o *David Copperfield*, e as *Memorias de Burry Lindon*, são para os leitores contemporaneos, pavorosos pesadellos, fastidiosamente longos, e de que só se vão compulsar as bellezas aos boletins bibliographicos das revistas.

Não ha tempo para attender deduições longamente architectadas, para seguir reconstituições de typos á Balzac, machinas psychologicas coleantes, e para ingurgitar o devaneio com as quinze ou trinta paginas da paisagem zolaista. Hoje capta-se

a aura condensando tudo em paragraphos curtos, dizendo tudo em linguagem inaudita, louco-lucida, e incisiva, e perturbante entrando na carne em epilepsias de som, d'emotividade mordente, de vertiginosidade paradoxal e machiavelica. Uma linha de prosa moderna deve conter o sumo de cinquenta ou sessenta paginas antigas: cada imagem deve ser um mundo, e cada notula d'observação uma psychologia humana fumegante. Escriptor que não dê no papel esta transmissibilidade d'acção vertiginosa, que não esteja disposto a dar pedaços da vida em cada volume de 3 fr. e 50, contenha elle embora na omnipotente phantasia um cosmos prodigioso, seja um revelador sinistro como Dostoievsky ou Shakespeare, ninguem o escutará se fôr moroso, e se não possuir no modo de visionar o assumpto, essa especie de delirio agitante dos genios alcoolicos, tão bem iniciado para a arte em certas allucinações de Poe, Henri Heine, e Villiers de l'Isle-Adam.

Ao mesmo tempo a tensão cerebral imposta aos homens de letras por esta litteratura exigentissima, nem dá masculinidade ás creações, nem tão pouco assenta o público numa permanencia d'escola duradoura. Com o ser physiologicamente uma expressão vital da epocha, ella ingurgita-se de todas as desfalencias e saburras contemporaneas: tem o sentimento de mau estar, que é o mal do viver, com zargunchadas dolorosas que a levam ao pessimismo directamente: tem a acuidade analytica, sem saude moral, característica das agrupações

que soffrem da vontade, resultado da convicção da anomalia interior e do destino falho: tem a vaidade suprema, que exagera tudo, e faz de mil autobiographias ridiculas, constantemente assumptos de epopeia: tem o egoismo mesquinho, o dominio dos impulsos grosseiros e dos exasperos animais d'extrema crápula, tem o estylo agitado, a imagem funebre, o delirio das grandezas no modo d'espargir a côr e instrumentar a phrase pictural — e a insociabilidade, a colera impulsiva, a obsessão da palavra technica e preciosa — finalmente, todos os caracteristicos d'uma sociedade liquidante, e duma litteratura escripta por doidos, devassos tabeticos, e facinoras das galés.

Ora como os escriptores não podem deixar de ser a quintessencia dos *détraquements* doentios da sociedade extravagante em que nasceram, resulta que a obra d'elles reflectirá em amplificado as differentes modalidades de desequilibrio que fixei, e essa amplificação descambará ainda na deformidade, se aos desarranjos que poderemos chamar profissionaes, accrescentarmos os resultantes da necessidade de dinheiro, que os força a produzir certo por hora, a produzir á bruta, e a manter o seu *rang* á custa d'uma originalidade buscada a poder d'excitações. D'exagero em exagero, assim a moderna litteratura foi debochando os paladares, desviando o ideal do seu limpido vôo para as regiões classicas do bello, desorientando as sensações, forçando a nota das catastrophes, explorando o caso raro, arvorando em assumpto d'arte a anomalia; e



falseando parallelamente a isto o destino educador e sanitariamente intellectual do seu papel, cedendo o passo aos caprichos da turba, e acceitando por fome a imposição dos gostos grosseiros, e dos instinctos desregrados da canalha! A ponto, que chegamos ao seguinte: a litteratura apeada do pontificado mental das sociedades, industrialisada a *bon marché*, e os seus cultores reduzidos a escripturarios e serventes do público, que lhes dita revoluções litterarias ao semestre, por um figurino grotesco, parallelo ao dos chappelleiros e alfaiates. Finda a estação, a moda acaba, e succede-lhe outra attinente ás inconstancias do clima, ás alturas do sol, e variabilidades da pressão. Neste corropio os homens de lettras, passados a simples entretenedores d'ociosidades doentias. a fabricantes de *blagues* para matar o tédio, os homens de lettras vão re-bentando como esse Maupassant, em meia duzia d'annos de galope atraz do favor de gentes lúteis e maniacas. Alguns cheios de talento, alguns febris de genio, mas sem tempo material para produzir obras pujantes, atolam-se como malditos na banalidade da producção a vapor, da producção exponentanea sem ranhuras, furiosa, accidental, escripta entre lettras protestadas, para fazer com trezentos e sessenta artigos por anno, as setecentas libras necessarias ao prégo e á vida facticia dos restaurantes e dos cafés!

10 de Janeiro de 1892.

Na commissão em que o ministerio d'instrucção pública acaba d'arrebanhar o snr. Perreira Carrilho, o snr. Alberto Pimentel, o snr. Gervasio, o snr. Sergio de Castro, o snr. Brito Aranha, o snr. Souza e Vasconcellos, e o snr. Joaquim Miranda, no intento de formarem um codigo de theatro, e propôr medidas tendentes ao engrandecimento da «scena nacional», preliba-se já a maravilha d'argucia e tacto que serão esses trabalhos d'apuro, filtrados de cabeças que na especialidade são o que a nossa patria conta de mais intellectual e experimentado.

Carrilho é o incomparavel poeta tragico do orçamento, que nem por escrever em cifra, fica menos eloquentemente legivel, nas entrelinhas. As musas devem-lhe no *Economista* artigos de fundo, que Maximiauo d'Azevedo mais de uma vez tem traduzido para o Principe Real, em cinco actos. Alberto Pimentel, o dos cem volumes succulentos e perfumados como uma caldeirada de lulas, com

tomates, Alberto é o faribolista das gazetas que se lêem de pernas para o ar, o *bel esprit* do municipio de Setubal, avoejante pelos assumptos como essas borboletas de suissas que as asyladas bordam nos quadros de flôres, sobre camelias e rosas modeladas pelos trazeiros umas das outras. Sergio, que genio! e como lendo o que elle escreve se acha razão aos que nunca quizeram aprender a lêr! De Brito Aranha ninguem ouse negar a pécha esthética: a communhão d'este homem na arte vem justificada num livro de Romanes, onde experimentalmente se garante a predilecção dos insectos pela musica. De Souza e Vasconcellos, tate! — provou este escriptor pela *Duqueza de Caminha* que se podem fazer dramas com os mesmos materiaes com que os sapateiros fazem sapatos. E quanto ao snr. Joaquim Miranda, o seu diploma de critico fada-o irremissivelmente ao secretariado perpetuo de todas as collectividades theatraes: S. Ex.<sup>a</sup> é uma secretária de mogno com penna de ganso, automatica, e duas asas de *Diario de Noticias* p'ra se colar ás espaduas, nos momentos d'inspiração dramatologica.

Este cenaculo de vultos, caso lhe dê p'ra legislar teso e graúdo sobre a desinvolução d'uma arte onde mais ou menos a pateada os tem colhido, por certo funda um monumento de que será custoso attingir a cúpula girante, e que é pena os não surprehenda já nos seus periodos de facundia litteraria, a vêr o que cada um daria de precioso, dentro da legislação feita á medida dos seus estros.

Estou a vê-los chegar a uma sala do ministerio d'instrucção pública, todos com oculos dramaticos, e guarda-chuvas suggestivos, magnificos d'emphase, repetindo Sarcey e Christovam de Sá, e começando a *obra* pela reforma do Conservatorio, com triplicada prebenda aos collegas que sejam ao mesmo tempo professores d'aquelle asylo de gagos e catracegos. Haverá como sempre controversia doutrinaria entre a escola nova e a escola antiga — entre os garrettianos representados por Vasconcellos, Palmeirim e Brito Aranha, e os gervasicos, defendidos pelos do grupo imberbe e n'guvista. Partindo d'esta divisoria philosophica, que marca phase já agora, na biographia do theatro portuguez, os commissionados tratarão depois de matricular suas obrinhas sob algum dos modelos-typos mencionados (a *Duqueza de Caminha* ao lado do *Frei Luiz*, o *N'Guvo* á direita da *Medicina de Balzac*), aproveitando a vez p'ra se dizerem phrases d'amavio, e se chamarem primeiros uns aos outros, agora que a platéa não está lá p'ros desmentir.

Quando as coisas tiverem chegado a este apuro, noticia nos jornaes de que a commissão, chegada ao fim dos trabalhos preparatorios, passará depois a discutir os pontos technicos, e os pontos technicos consistirão provavelmente em crear o direito de preferencia para os originaes e traducções dos commissionados, em todos os theatros, incluindo os Colyseus, em augmentar os direitos d'auctor na proporção dos fiascos produzidos e em pedir ao

governo um decreto auctorisando os poetas tragicos nacionaes a andarem pelas ruas d'olho fechado, e corôa de loiros no côco, a dar piscanço ás musas... hespanholas.

—O bispo Bethsaida ainda não respondeu sobre se acceita as *Novidades* por orgão. Acceite, monsenhor, que é o d'Olhão.

13 de Janeiro de 1892.

O RINDO... por Colette, de que acabo de folhear os casos typicos, é um memorial romantico de mulher que se recorda dos episodios galantes de que poderia ter sido simultaneamente a ingenua, o pae nobre, e a alma damnada. É um volumezinho de historias ociosas, com trilos d'ave e capricheiras nevroticas d'um infinito e estéril *bavardage*, livro para publico passivo, sem concentração, sem vozes interiores, e apenas recortado á flôr do capricho por um *eu* só decidido a revelar uma modalidade ou duas do seu *eu*.

Isto me desconsola como artista, porque anteujo na hypocrisia estéril da gente nova, uma tendencia para confundir a arte d'escrever, co'a de bordar, e uma tal obediencia aos modelos, uma tal cobardia ante o público, que d'antemão me faz diagnosticar em cada debutante impúbere um liquidado.

Ignoro se isto são palavras com que saudar os astros que despontam, mas na minha selvageria

entendo que as mulheres de talento são homens, e que seria indigno da minha penna enrodilhar na mentira um camarada. Por isso escreverei do RINDO as notas que a minha attenção fôr pondo á margem da leitura, vendo não já se o estylo é guindado, e se as heroínas vestem pelo romance de capa amarella da quizena, que isso seria fazer deshonra á romancista, mas se no livro paira alguma coisa d'inconfundivel e de typico, essa gotta de feminino, mysteriosa como o ovo, causa de tudo, e cada vez mais rara hoje em livros de mulheres.

A primeira coisa que neste volumesito entristece, é o character do amor que elle repinta, e que é quasi sempre uma coisa peripherica, declamada com abundancias litterarias, desprovida *d'ethereal*, e eminentemente vaga para uma diagnose subtil da qualidade. Como todo o RINDO feira d'amores, e parece obsessão da auctora prismar nessas historietas, crises de sentimentalidade ou desdem sentidas num espirito só, que deve ser o seu, presupponho ter entre mãos o tratado d'uma alma, razão porque lhe quero ligar mais attenção do que faria a qualquer litteratura de simples passatempo.

Um semelhante interesse não deve surpreender ninguem que passe dos trinta annos, e tenha assistido ao evoluir de mais d'uma escola litteraria. A gente quando perde com a frescura da tinta, as illusões doiradas da adolescencia, e sobre ter manuseado o amor de todas as marças, ainda

por cima leu os romances de coração de todos os contistas, chega a um estado d'apathia esthetica onde tudo lhe sabe a ferros velhos. Trinta mulheres folheadas dão ao manuseador, no fim de cinco annos, a impressão de ter sido a mesma, em trinta volumes: assim também trinta romances de heroínas litterarias dão ao leitor batido a illusão de ser um modelo unico, copiado por trinta romancistas.

Esta monotonia de critério, a uma certa altura da idade equal para todos, certo provém da embotadura dos nervos analgisados pelo esgoto excessivo das primeiras sensações. De sorte que ao percorrer-se um livro de narrativas, o que cada qual procura não é propriamente o deleite da efabulação enredativa do livro, ephemero para o caso, mas o *quantum* de biographia psychica, d'ingenuidade perversa, de confissão animal, de singularidade ou d'inconfidencia, que dêem do escriptor para assim dizer o *ser em fralda*, o ser sem mascara, nem testemunhas, nem medo da policia, o ser humano como elle é, um inconsciente producto de funcções complementares e humores desencontrados, joguete da chimica e da physica, pensando mal quando digere mal, com ataques de talento se a funcção do cerebro prevarica, com ataques de genio se viver paredes meias da loucura, e normalmente mesquinho, cupido, porco, libidinoso e perverso, como bicharoco nenhum da fauna inferior.

Transponho este critério e digo: o que é que o



RINDO te diz a respeito das tempestades d'alma de Collete? Da sua maneira de vêr os homens, de sentir o amor, de julgar a vida, e de contar a circulação dos impulsos e dos caprichos femininos?

Das suas tempestades d'alma diz-me pouco, esse pouco desconfio que apócrifho e «inventado». Aqui e além uns caprichinhos d'amor mui passageiros, um desejo por este, uns ciumes d'aquelle, remorsos no fim da culpa, lagrimas no meio da posse, apropositos irónicos sobre reminiscencias de typos litterários, e no fundo um vácuo frio, e corpos immoveis, em cujo automatismo se adivinha o ser ausente. Não se póde negar em certas passagens o talento da escriptora, por exemplo no SEGUNDO AMOR e na narração de MARTHA SANDOMIL, bocado fino onde Colette revela estudos de Bourget, para supprir a ignorancia ou a hypocrisia de si própria. Tambem os seus homens se me afiguram pouco interessantes, e ha uma coisa que lhe não perdôo, é a sua predilecção monomaniaca pelos loiros, num país de tão gentis bigodes pretos. Quanto á sua noção de vida, é a que póde ter uma andorinha a respeito d'uma secretaria d'estado. São tudo confortos e ademanes exquisitos, decorações de pelucia e moveis raros, noites d'opera e bailes de legação, luxos um pouco banaes e flirtações um pouco camareras, como as pode sonhar uma provinciana que vê a sociedade pelos *aperçus* da litteratura, e a elegancia pelo juizo critico da modista. Todos estes senões porém são passageiros, e filhos da mysanthropia d'um espirito sósinho, orgulhoso de

si, mas não podendo adivinhar, é claro, o que não vê. Colette é effectivamente alguém que vae fallar; quando, não sei, e seria crueldade estúpida exigir que um romancista debutante, ingenuo ainda de todas as chiméras e fatuidades da adolescencia litteraria, surgisse mestre d'um bloco, tanto mais tendo a limitar-lhe o campo d'indagações, o recato inherente ao sexo e á condição. Por ventura esse recato lhe travará constantemente os passos pelas lettras e já hoje explica o não estar ella nestas historias d'amor, de boa fé. Com a sua preferencia pelos assumptos de blandicia e olhos gaiatos, o que o seu coração nos poderia contar d'interessante, d'original, d'inédito, provavelmente o pudor lhe prohibiu que o revelasse, e é assim que muitas vezes esta hypocrisia imposta dá aos livros de mulher a possibilidade de parecerem ter sido escriptos por um homem.

Esta é impressão da espiritualidade interior do livro RINDO, que formulei, escrevendo, como se diz no *Othello*, para a peor ideia, a peor palavra. Pelo que respeita á factura litteraria, acho-a excellente, inda que não descascada das preocupações da phrase redonda, natural nos abundantes, mas com um senso raro do rythmo, e uma estrella feliz para a dispersão da côr impressionista. De resto, quando outras razões não houvesse para creditar Colette na minha simpathia, a sua origem alemtejana bastava: a gente orgulha-se das glorias da sua terra, e a adoravel mentirosa do RINDO não é dos clarões que menos lustram essa provincia

hegemónica já hoje em todos os ramos d'actividade portugueza.

Vem a proposito de historias, fallar, bem sei que tarde, dos MEUS AMORES de Trindade Coelho, como do moderno livro portuguez que mais juvenilmente fascina o talento de narrar, em polyedros de multiplices aptidões. Os contos dos MEUS AMORES são pela maior parte uma bagagem de vida academica, assimilativa (Trindade Coelho, muito novo, findou ha quatro ou cinco annos o curso juridico) e como tal sahem da penna do escriptor ainda sem uma crystallisação homogénia de fôrma e de processo. Porém na sua factura ondeante lê-se o ascenso d'um espirito buscando a perfeição com escrupulos d'eleito; de sorte que o volume até como auto-biographia se insinua, elle precisando as phases, nótulas, e predilecções litterarias do conlista, e emfim, depois de hesitações, emancipando-o num dos mais delicados microscopistas do coração, das nossas letras. Como é provinciano, provinciano d'aldeia, a natureza contempladora inda por cima, Trindade Coelho captiva-se principalmente dos assumptos bucolicos, pequenas scenas de cabana, tempestades de campanário, pastoraes, vida de povo, e sente-se que o não faça por diletantismo de escriptor avocando de cór dramas lambidos, senão por esse estro de visão retrospectiva dos melancholicos despaisados em terras hostis, e que pro-

testam contra o egoismo ambiente, recluindo-se no passado, como num sanctuario de mumias adoradas. É a tendencia geral dos nossos mais modernos narradores, buscarem na vida dos humildes, especialmente dos campos, materia prima para seus contos e poemetos. Em poucos porém a predilecção se escora na sinceridade e conhecimento prático da vida rústica, e em menos ainda na perspicácia para uma autopse sagaz da natureza psychica e moral do camponez. Grande parte dos que teem posto o povo em scena, contenta-se com recortar-lhe os andrajos n'um scenario de convenção, e com o fazer fallar aos bonequinhos mancos que resultam, aravias mais ou menos inventadas, dum pictoresco sorna, em cuja trama não ha vislumbres d'alma regional, de character profissional, d'individualismo typico, ou de paixão. Se alguma vez tiverem pachorra, mandem vir a collecção dos contistas rusticos portuguezes, e riam á larga das fantasias lorpas que lá virem. Em dialogos amorosos ha por exemplo coisas unicas! Cavadores d'aldeia debitam ás namoradas protestos de paixão, em linguagem que seria preciosa até na bocca d'um pisa-flores do Martinho e da Havaneza. Ellas, de lhes retrucar em phrase equivalente, e de se mexerem em scena com os ademanes que a *Dama das Camélias* consagrou na cachimonia dos auctores, como os mais proprios para mimar o amor que as enxaqueca.

Em paisagens e descripções d'interior, a mesma ausencia de detalhe certo e de visão propria, que

reduzem esses quadros a meras caganifancias d'aguarellistas amadores. De tal maneira que o grupo de *campestres* a quem a arte confia a missão de leccionar aos desregrados habitantes das cidades, os prazeres simples da vida pastoral, em vez de persuadirem os seus leitores, o mais que fazem é pintar-lhes o campo como uma banal imitação da Rua do Ouro, e o camponez como um arreglo grotesco do alfacinha.

Ora, entre os poucos argutos dedicados a perscrutar a essencia da paisagem provincial, e a alma do provinciano e do camponio, Trindade Coelho é dos que mais lucidamente traduzem o seu critério do problema, em forma d'arte, e dos que mais progressivamente vão crescendo á vista do leitor, que não mais lhe perderá de vista as vãos poeticos, e a singular gracilidade irónica dos seus quadrinhos de genero, colhidos em prolongadas estações nas duas mais typicas provincias de Portugal, o Alemtejo e Traz-os-Montes. Ha assim nos MEUS AMORES, a par d'algumas benignas composições representativas da transição critica do rapaz para o homem, e do debutante para o laureado, outras de tal guisa iguaes, sobrias, seguras, que não hesito em as apontar como modelos, e dentro da minusculeria da sua trama, como verdadeiras e encantadoras obras primas. *Typos da terra* e *Preludios de festa*, por exemplo, são duas narrações que mordem fundo a attenção de quem as lê, e que por sua admiravel sobriedade, intuito pictural, e observação ridente sobre o vivo, cuidoo que ficarão mo-

delarmente apontadas, aos colleccionadores de litteratura typica.

Qualquer das peças abrange apenas o folego d'uma ou duas duzias de paginas, deliciosas porém como factura, admiraveis de bonhomia, e d'uma saude moral que faz desejos d'estimar pessoalmente o seu auctor.

Ahi está effectivamente revelado não só um talento plastico e bastante rico em cambiantes, como tambem a pura agua d'um character cheio das mais finas intenções. *Typos da terra* é o quadro satyrico d'uma má lingua d'aldeia, tendo por club a porta da tenda, por scenario a praça pública, e por personagens o pessoal burocratico e elegante da terrola. *Preludios de festa* é um estimulo de festeiros preocupados de qual fará a festa do orago mais sumptuosamente. Os tons são leves, os typos rapidos, a descripção dita a correr, mas no conjuncto ha um tal equilibrio esthetico, a meia tinta é tão fluida, e as intenções ironicas sublinhadas tão de manso, que se adivinha logo um mestre miniaturista, Hogarth com laivos de Teniers, raro de sabor entre os semsaborões que por ahi medram, e certamente fadado a uma supremacia qualquer no moderno romance portuguez.

15 de Janeiro de 1892.

Com a intervenção inesperada da policia nos negocios da companhia real, que o snr. conde Burnay fez saltar, para fins de que ao depois se rezará, resultou a quebra fraudulenta do ministerio Marianno de Carvalho, e a subida ao poder d'um grupo de cavalheiros que os chefes de partido saudaram no parlamento como os unicos e definitivos salvadores da grande patria lusitana.

Este grupo é o quarto investido pela alchimia dymnastica da missão de pôr a direito a coisa pública, e assim o quarto a quem a opinião outorga o merecido titulo de salvadores, para o substituir á sahida pelo não menos merecido — d'intrujões. D'esta vez porém as hossanas geraes teem uma feição que muito desvenda a *bôa fé* politica dos partidos, e um dualismo cynico tão claro, que me parece ser esta quarta salvação pública a que menos tempo ha-de ter para «tirar o paiz do cataclysmo». De feito só por tramoia estudada se comprehende que os chefes politicos no parlamento panegyrisem com fogo os novos ministros, em quanto lhes jo-

gam chufas os jornaes que esses chefes inspiram de bocca propria. E lendo nas entrelinhas tanto dos discursos congratulatorios, como dos artigos trocistas, facilmente se adivinha que ninguem já tem fé em ninguem, e que a missão dos governos está reduzida a isto: ir tenteando.

O desalento apoderou-se, com a falta de dinheiro, dos nossos homens públicos, cujo talento governista era gastar, e a dedicação é letra morta em partidarios só ligados aos chefes pela necessidade de viver com bons empregos. Hoje que o jantar mingua de pratos, os hospedeiros hão-de-se vêr deixados de convivas, e a multidão começa já a resmungar dos elixires de juventude ensaiados pelos messias platonicos, na carcaça dos povos decahidos. O que em horas d'amargura e febre aqui temos dito sobre a podridão physica e moral da familia portugueza, não é nem um dez mil avos do terrivel monturo em que a politica desde 1851 tem feito degenerar toda a nação. Não ha hoje em Portugal um unico homem e um unico partido onde pôr esperança — o republicano peor do que nenhum.

Pelo habito de preferir o merito ao favoritismo, perdeu-se a religião do trabalho, e desde que os dirigentes da sociedade portugueza começaram a não se tirar dos homens de valor, mas dos sobrinhos, os elementos uteis sahiram, para deixar entrar os bachareis. Inaugurada a era da banalidade, veio-lhe fazer cortejo a impudencia: com politicos estupidos, banqueiros sarrafaçoes e costumes pú-



blicos infames. De quando em quando, uma voz : rolamos para o abysmo ! de que ninguem fazia caso, pois os prestamistas inda fiavam. E agora, garrotados, a pedir com o que nos resta de voz um salvador, reconhecemos tarde que os salvadores são todos — bombeiros voluntarios !

Não quero mal ao snr. Dias Ferreira por ter querido fechar aos 58 annos os seus triumphos forenses com a derrota numa causa que empandeirou já todos os *diestros*. Á uma, a sua audacia é-me sympathica, e se não fôsse d'esta, o snr. Dias Ferreira podia perder de todo a esperanza á presidencia ; á outra, já não é a primeira vez que S. Ex.<sup>a</sup> herda dos mortos, podendo ser que da agonia do throno lhe advenha o sceptro da republica. Como este illustre rábula não faz questão de fórmas de governo, e só quer duas coisas, primeira ser presidente, segunda fazer a felicidade da sua patria, sigamol-o até onde estes dois fitos possam caminhar de braço dado, e assista-se de humor alegre aos actos de sequestro que já na camara pupillos seus annunciaram. A disposição geral para este ministerio de força, é excellente, e todos esperam que das medidas coercitivas e economicas promettidas, saia a... revolução porque ha tantos mezes suspiram os que já não podem apellar para outra revalenta.

Nota-se de facto uma acquiescencia geral para

as reduções de despeza violentas que os ministros do snr. Dias Ferreira vão dictar, mas todos dizem que estão promptos ao sacrificio, comtanto que o seu vizinho tambem seja sangrado. Ora esta restrictiva, parecendo á primeira vista filiar-se num egualitarismo puro de justiça, o que realmente encobre é já um fermento de mau humor, que se tornará despeito, intriga, reacção, apenas ache pretextos para fazer guerra ao ministerio — pretextos que nunca faltam, porque se inventam, não havendo — e quando ás differentes classes sociaes egoisticadas por cincoenta annos de bambucha, incapazes de sacrificarem uma noite de theatro ao bem público, quanto mais o pão da sua familia e as commodidades do seu lar — quando ás differentes camadas sociaes doerem as mutilações do snr. Oliveira Martins, e fôrem recolhendo a Lisboa os embaixadores, os addidos, militares, os consules demittidos, e os directores geraes começarem a não poder pagar os vestidos das mulheres, e os ricos a achar o imposto de renda um pouco caro, e os que vivem de papeis o juro das inscrições um pouco reduzido, o côro das indignações será tão alto, e a furia de reprézalias tão escorchante, que nem toda a energia de Bismarck, com toda a astucia de Maternnich, sustariam o ministerio na derrocada, principalmente juntandose-lhe a opposição dos jornais, que é já tão manifesta.

A essa hora afflictiva e suprema, em que as multidões sem pão e sem razão, não tendo mais

a quem chamar, se lembrarão talvez de demolir, o governo terá contra si todas as boccas, a burocracia e o exercito a meia barriga, a grande propriedade e a grande industria oneradas pelo imposto, o commercio fallido por falta de procura, e emfim o povo dos campos impellido pela agonia agricola, e o das cidades faminto pela prolongação da crise de trabalho.

É natural que conflagrando o mau estar de todos, no mesmo instante adverso, *Alguem*, realizando a fabula do cordeiro, venha a pagar as culpas de seu pae, e como o snr. Dias Ferreira tem por folha official o *Seculo*, excellente occasião p'ra se nomear generalissimo, e para nacionalisar no Terreiro do Paço a epopeia do primo Rufino. Foi pelo menos esta a condição dos pseudo-republicanos da Rua Formosa, quando ha um mez o snr. Dias Ferreira lhes foi pedir apoio, e a tal ponto os compromissos de S. Ex.<sup>a</sup> os deixaram contentes, que Magalhães Lima já na sexta-feira deitou artiguinho chamando ao snr. Dias Ferreira, mestre, e incluindo-o na conhecida tabella dos seus explicadores de democracia — entre Benoit Malon e Silva Graça.



## SUMMARIO

---

Os salvadores da salva brava : suas primeiras inercias, tibiezas e empenhocas — Se quizessem fazer economias !... — Vinte e quatro mil empregados ociosos ; as pequenas industrias de secretaria, bois de cartão, peças traduzidas, artigos politicos, e gravatas — Dispensados do ponto — Como a burocracia é uma forma de vadiagem — Economias no exercito : os falsos orçamentos da guerra ; mil contos de réis para despesas vergonhosas — Necessidade d'um vencimento unico para o militar, e probidade e economia resultantes — Commissões desmoralizando pelas differenças d'étape, ou de como os serviços da guerra nada lucram co'a sobreposição de gratificações — Porque ganham os paisanos mais que os militares? — Escolas praticas, lentes, addidos, e generaes com pernas de pau — As embaixadas inuteis, e physionomia d'alguns embaixadores — Os MONSIÚS secretarios — Calote por cartas de nobreza, e sophisma do decreto que interdiz titulos aos que não pagam direitos de

mercê — De como S. M. explora mal a industria das  
veneras — As propostas do snr. Oliveira Martins :  
Dez mil contos d' impostos, depois de treze mil de la-  
trocínios — Os salvadores começam pelo fim — Con-  
vite para não dar real em quanto justiça não fôr feita  
— A conclusão terrivel.

26 de Janeiro de 1892.

O governo, com sete dias apenas volvidos sobre as suas energicas declarações no parlamento, parece que se sente sem força já para cumprir as promessas que nos fez, e eil-o começa d'afalcoar na somnolencia dos seus antecessores.

Cuidavam todos que attenta a periclitancia excepcional da situação, e dado o melindre da opinião pública chocada pelos escandalos dos ministerios transactos, nem o snr. José Dias, nem os seus meninos, perderiam tempo em móres balelas, e entrariam de vez no systema d'amputações, desbridamentos, raclagens, que a afflicção do thesouro está reclamando. Esperava-se que unidos num esforço unanime, esses terriveis capadores que ha tanto tempo acenam ao paiz com o seu programma rasoirante, uma vez creditados nas pastas, immediatamente deitassem mãos á obra, sem mais cogitações preparatorias do que as precisas a Cesar para chegar, vêr e — cortar.

Mas infelizmente não succede assim, e a *furia*

com que o ministerio entrou em campo nem sequer, pelo que se sabe das propostas fazendarias, lhe prolongou o vigor para uma primeira arremetida audaciosa. De feito, começam a tardar os grandes cortes, e ha quem diga que o ministerio já se arrepella de ter fallado em cercear os proventos de certas corporações, e mesmo tratará, *se viver*, de beneficiar outras com quem é perigoso brincar em dias quizilentos. O governo, parte por medo, parte por miséricordia, parte por empenhoca, ameaça pois resignar vergonhosamente a função vitalisante e moralisadora com que propositára travar a roda da ignominia nacional, e como os outros deixará seguir a administração pública á revelia, cahindo quando estiver podre, e reservando á nação o tirar-se ella como poder, do lodaçal em que a metteram. Tal se nos afigura, pelas primeiras inercias, a philosophia da sua passagem pelas regiões do correio a cavallo, e isto estava previsto, á uma pela cobardia pessoal d'alguns dos novos secretarios d'estado, que serão mui esclarecidos politicos de gabinete, mas cuja pratica dos homens deixa realmente tudo a desejar, á outra pela quantidade e qualidade das reacções prestes a refilar o dente á primeira estirpagem tesa d'ordenados. Essas reacções são de tal ordem, que só uma administração estrangeira, apoiada por uma ou duas esquadras estrangeiras, conseguiria por uma vez invalida-las. Dentro do relaxamento das coisas vigentes, impossivel contel-as em respeito, já porque são muitas, já porque ellas teem como em paiz nenhum o ge-



nio cynico da intriga, a purulencia do escarneo, e um desbragamento de pudor recalitrante.

Por exemplo, se dentro da monda dos ordenanos indevidos, das commissões mal exercidas, e de toda a sorte de roubalheiras burocraticas, o governo quizesse manter integralmente a austeridade do programma exposto ao parlamento, no prazo de dois mezes os vinte e quatro mil empregados públicos de Lisboa deviam ir todos para o meio da rua, e exceptuar-se-hia da razzia quando muito um milhar, entre bons e toleraveis. Ninguem ignora que as repartições públicas teem sido sempre o velhacouto de todos os vadios e de todos os estrompados, que a alfandega regorgita de janotinhas analfabetos, e que salvo raros casos, não ha meio d'extrahir d'entre dez burocratas um typo de funcçionario trabalhador e intelligente. O pessoal além de viciado e incompetente, é numerosissimo, e o terço activo bastava para dar conta expedita do serviço; d'onde provém que os dois terços restantes esbodegam em ocios ou trabalhos particulares as horas que o governo lhes paga, á custa d'afflicções. Neste ultimo grupo ha exemplares curiosissimos! Eu conheço academicos que ha dezenas d'annos não põem os pés na secretaria — tres por signal vivem muito distante de Lisboa — chegando o desaforo a gabarem-se de não saberem onde são empregados, e a acharem reles os que de facto amanuensam para ganhar o que elles recebem a exercer o officio de ratoneiros da nação. Ainda ha pouco um jornalista de *sueños*

políticos arguciosos, e orador ápartista com grande fama d'astuto, recebia o ordenado de chefe d'uma repartição apensa á estatística, que por signal nunca se chegou a organizar. Conhecem a história dos *addidos*, isto é de patusquinhos dispensados de trabalhar, sem razão alegada, e recebendo no fim do mez por inteiro, ordenados, e até gratificações? Conhecem a dos que um tio ou um cunhado poderoso expedem, com generosas gratificações, d'uma repartição para outra, e que sem fazer nada recebem d'ambas duas? Indaguem dos que não veem á secretaria por estarem a *escrever uma obra*, a traduzir uma peça, ou a substituir um redactor amigo no jornal. Dos que desfructam, nas repartições chamadas scientificas, ao fim de vinte e cinco annos de mandria, mais um terço do ordenado (ou do ordenado e gratificação conjuntamente) e conseguem assim encher os bolsos, quando cançados e gozadores, menos trabalho válido podem dar. Dos que instalaram nas gavetas da carteira uma officina, serrote, torno, limas, aplainadores de varias dimensões, para ahi fabricar toda a sorte de ninharia e brinquedos, bois de pasta, palacios de cartão, carros de pinho, grudagem de polichinellos e de soldados, que vão depois vender ás lojas de capella. E subindo dos pequenos aos grandes, quantos conselheiros dispensados dos seus logares de primeiros officiaes e chefes de repartição, por serem deputados, governadores civis, secretarios geraes, administradores de concelho, redactores de jornaes politicos; quantos figurões accumu-

lando tres e quatro logares pagos a conto, que desempenham a bocejar na sala de leitura do Gremio, depois d'almoço ou depois de jantar, á porta da Havaneza! (a).

Este relaxamento proverbial ha quasi sessenta annos, vive num perpetuo sophisma de todas as

---

(a) Apontamos a esmo delapidações de burocratas, colhidas nos jornaes da ultima quinzena :

Numa das repartições dependentes do ministerio da marinha ha um empregado que além do vencimento de 45\$000 réis, recebe duas gratificações de 9\$000 mensaes por um só trabalho! O chefe da repartição da caixa economica portugueza recebeu por trabalhos extraordinarios, no mez de janeiro, a bonita somma de 110\$220 réis. Esses extraordinarios eram serões, a que elle nunca compareceu. Parte dos empregados das caixas geraes dos depositos e economia portugueza, que figuram nas relações ha dias publicadas no *Diario do Governo*, com gratificações por serões feitos nos mezes de dezembro e janeiro, ou não fizeram taes serões, ou fizeram muito menos do que aquelles que correspondem á retribuição que se lhes deu.

O snr. visconde Melicio ha perto de tres annos ganha pelo ministerio da fazenda, um conto e seiscentos mil réis por anno!!!

O mais bonito é que durante os tres annos, S. Ex.<sup>a</sup> só foi á repartição quatro vezes, e recebe o ordenado em casa!

Um empregado de uma importante repartição do Estado, a pretexto de ser secretario da direcção de um estabelecimento particular, esteve, durante muito tempo, dispensado de ir á repartição, onde tinha a seu cargo o livro caixa. O chefe não só o dispensava da comparencia, como consentiu que elle levasse aquelle livro para casa, para o escripturar quando tivesse vagar.

peias que lhe tem tentado pôr um ou outro ministro mais escrupuloso, Ha por exemplo em todas as repartições o livro do ponto, que todos devem assignar á hora da entrada official na secretaria, sob pena de lhes serem descontados os dias de retardo ou de gazeta; mas por uma connivencia na burla commum, grandes e pequenos emprega-

---

Como se tolera isto? Como sahe para fóra de uma repartição o seu livro caixa? Nem o chefe nem o seu subordinado mediram o alcance da responsabilidade que lhes poderia advir de semelhante abuso. O empregado a que nos referimos, apesar de não ir á repartição, tinha gratificação por trabalhos extraordinarios. — Um conhecido par do reino, que andou pelo estrangeiro durante 2 mezes, á razão de 6 libras por dia, quando voltou recebeu ainda 160\$000 réis de gratificação que lhe pertencia — se tivesse feito serões.

Naturalmente fez serões em viagem... Estando a passear em Lisboa alguns inspectores de fazenda, que, para nada fazerem, vencem, annualmente, uns 800\$000 réis, e outros 900\$000 réis afóra uma ou outra gratificação, como se explica que seja preciso estar, num dos districtos dos Açores, um amanuense do tribunal de contas, em comissão, para fazer um serviço que devia competir a um d'aquelles funcionarios? Este amanuense, além do seu ordenado de 30\$000 réis mensaes está recebendo, tambem mensalmente, uma gratificação decerto não inferior a 70\$000.

E o testamento do snr. Lopo? E o testamento do snr. Marianno de Carvalho?

Pelas provincias do continente e ultramarinas, a pouca vergonha eguala, senão excede, as que apontamos. De Cabo Verde para o *Seculo* :

«Desde julho de 1890, ainda não foram legalisadas as despesas feitas nos concelhos, ou antes não se mandaram

dos só no fim do mez assignam o livro, que é para uns lá não irem senão no dia da bagalhoça, e outros não terem de lá pôr os pés ás 10 ou 11 horas da manhã. Comprehende-se o quanto ha de deleterio na permissão d'estes focos d'immoralidade e ladroagem. Em primeiro logar teem elles sido e serão o vazadouro onde a politica ministerial põe

---

os recibos aos recebedores das transferencias feitas em documentos de despeza; de modo que figuram saldos enormes em mão dos recebedores, sem elles existirem.

«Desde julho de 91 que se não faz escripturação pública nos concelhos, por falta de livros. A receita eventual é escripturada em cadernos, e nalguns concelhos dizem que é o recebedor quem toma nota d'ellas!! Que escripturação tão bem organizada!

«O governador acabou com um ajudante da escola na ilha de Santo Antão, que tinha 120\$000 annuaes, e leccionava 150 creanças, que lamentam a falta de mestre, allegando elle, governador, que o ministro não approvara na lei de meios aquella despeza; mas continua a deixar na ilha Brava e na de S. Nicolau repartições fazendarias, não auctorisadas na lei de meios, nas quaes só os porteiros, que pouco ou nada fazem, recebem 180\$000 réis!! Imagine-se quanto não custarão as rendas de casas, recebedores, e escrivães de fazenda».

O director da alfandega de Damão, é natural d'aquelle districto e reside alli com sua familia.

A lei manda abonar uma percentagem de 25 p. c. aos que de Gôa vão servir nas praças do norte, não podendo esta disposição entender-se com aquelle funcionario.

Sem embargo, o snr. director da alfandega referida, ha muito que illegalmente percebe aquella percentagem.

E por aqui fóra, uma pilhagem desafortada ao dinheiro do pobre contribuinte!

a comer os galopins que a auxiliam, e os trambo-lhos que só para alcançar essa prebenda mensal lhe fazem guerra. Em segundo lugar são o refugio de todos os parentes de ministros, filhos e sobri-nhos de mandões influentes, que sem aptidões para o trabalho, deixam as suas terras de provincia, os seus logares de caixeiros, agricultores, advogados, para virem madracear por Lisboa á custa da na-ção (a). Em terceiro lugar, florescendo elles e me-drando em plena crise, e continuando a manter-se em plena decadencia de todas as profissões labo-riosas, tornam-se o iman de preguiça pública, e o monumento levantado pela podridão constitucional aos regabofistas que lhe teem applaudido nos jor-naes e nas eleições o *systema corruptor*.

Desafio os companheiros do snr. Dias Ferreira a que sejam capazes de, sem queimarem as mãos, pôr um ferro candente nesta chaga, e convencer os politicos de todos os partidos que a politica não é nenhuma industria hereditaria que suga do or-çamento os dotes dos parentes pobres que não poderam casar ricos, e dos afillhados moimantes que aprenderam de seus padrinhos a regra de parasitar

---

(a) A quando ministro, o snr. Barros e Sá, não tendo mais gente sua que anichar, agarrou na sopeira invalida que lhe restava, e fel-a apalpadeira honoraria, com vencimentos d'effectiva. Os primos que o snr. Lopo annualmente carrega do norte, para o Terreiro do Paço, alfandega e caminhos de ferro do Estado, são tantos, que postos a propagar em Africa, dariam á metropole uma florentissima colonia de lopinhos.

nas arcas do thesouro ! Emprazo-os a que sem tropeçarem na dynamite que os virará de pés ao ar, os illustres ministros fechem de vez o sacco a esses vinte e quatro mil bôa-vidas de bigodes torcidos, que fazem a burocracia gozoza de Lisboa, começando por substituir os chefes gafos, por outros que tenham a energia disciplinar d'organizadores probos e duros, e a responsabilidade d'um certo trabalho num certo tempo — despedindo os vadios de todas as castas, repartições, commissões e governichos, grandes e pequenos, chefes e subalternos, desaccumulando os cargos, acabando com os desnecessarios, e entregando os outros a quem os possa desempenhar condignamente — finalmente aproveitando os empregados validos, laboriosos, sollicitos, honestos, e organizando os serviços com elles, depois de ter feito uma legislação cohibidora de deboches futuros, e ter acabado com as grosas de feriados que o kalendario faz guardar aos burocratas, dias de gala, dias de santo, dias de lucto regioes — mais uma formula de corrupção enfim, galardoada pela monarchia aos seus tinteiros de corno.

Sabemos todos que os 500 ou 600 contos poupados, eliminando do cadastro burocratico, os ociosos, não chegam por si sós para equilibrar o que falta no orçamento ; entanto são elles uma economia que juntar a outras, e ao mesmo tempo uma barragem no rio de preguiça podre que de todas as bandas se avoluma. Porque no dia em que o Estado deixar de proteger os indolentes, a moci-

dade ver-se-ha forçada a conquistar a braço e cerebro, o seu futuro: o contribuinte deixará de ter sobre si esses milhares d'alpacas estereis, d'onde o paiz não tira o correspondente ao que lhes dá; e nos casarões do marquez de Pompal tam pouco ficarão dormindo, como agora, tantas aptidões e energias, d'onde o *struggle* poderia fazer brotar fontes de vida productiva.

Apontamos tambem em como ao governo faltará decisão para pedir ao exercito sacrificios harmonicos co'a estiagem do erario, mas sacrificios fuudados! e em como proseguirá ovante, neste ramo de functionalismo numeroso, a dispersão infecunda de dinheiro, de que arguem por abi os outros corpos funcçionaes! Aqui, como no civil, não é aos militares d'officio que se deve regatear o soldo das tabellas, ou pedir descontos capazes de comprometter a decencia que gentes d'uniforme usam manter.

É ao amanuensado do exercito, aos nicheiros de secretaria e commissões d'engorda, aos inuteis da tropa, que iriamos arrancar os benesses indevidos, sacudindo-lhes dos hombros a indolencia, e advertindo-lhes que para uma espada é deshonra o ser brandida por uma manga de lustrina. Para methodisar os cortes e proceder a uma distribuição equitativa de sacrificios, ponderando que o exercito é uma corporação na generalidade mal paga,



e sem pulso livre para adquirir por outras vias o que lhe falta para supprir as precisões quotidianas, seria bom começarem a raclagem pelo superfluo, antes de fazer amputações no necessario, destrinchando nos militares o que é propriamente *exercito*, do que seja *ministerio da guerra* propriamente. Conservar o primeiro grupo até onde o exigissem as necessidades nacionaes, e extirpar o segundo até onde cheirasse a corrupção e ociosidade. Não imaginem os ingenuos que a cifra de cinco a seis mil contos do orçamento da guerra, seja devorada exclusivamente pelos militares, a quem agora está sendo costume atirar vaías; ha civis na marmita, e não são os roubos lá feitos os peccados menores dos governos rente ao paço. Ahi vae um extracto da despeza geral attribuida á guerra desde 87 para cá :

Em 1887-88. . . . .	5.112:582\$767	rs.
» 88-89. . . . .	4.991:471\$935	»
» 89-90 (despeza ordinaria) . . . .	4.698:541\$184	»
(Despeza extraordinaria) (c) . . . .	420:349\$263	»
Em 1890-91 (ordinaria) . . . .	5.125:749\$069	»
(Extraordinaria). . . . .	333:000\$000	»

Pela lei de 22 de agosto de 87, augmentaram-se

---

(c) Comprehende gastos com obras de forlificação, armamento, viagens ao estrangeiro, etc. Grande parte, inutilidades ou despesas por agora suspensaveis.

os soldos (*d*), sendo natural que os gastos crescessem na respectiva tabella, a partir do anno em que a lei foi promulgada, pois não senhor, diminuiram, e o corolario então é o seguinte: no orçamento da guerra é costume incluir verbas espatifadas por coisas que não teem nada que vêr co'a militança! Viagens principengas, excessos d'obras em palacios e edificios da corôa, philantropia e guarda-roupa de princezas caritativas,

---

( <i>d</i> ) Segundo aquella lei, um general de divisão ficou vencendo de soldo 150\$000 mensaes, e de gratificação. . . . .	110\$000 réis
(Excepção para o da 1. <sup>a</sup> divisão) gratificado com . . . . .	150\$000 »
Um general de brigada, soldo 100\$000 — gratificação. . . . .	70\$000 »
Coronel d'infant. ou cav. 75\$000 — gratif. . . . .	30\$000 »
Tenente-coronel d'infant. ou cav. 67\$000 — gratificação. . . . .	15\$000 »
Major d'infant. ou cav. 60\$000 — gratif. . . . .	15\$000 »
Capitão » » » 45\$000 — gratif. . . . .	10\$000 »
(Capitães com 10 annos de posto teem mais a 6. <sup>a</sup> parte do soldo).	
Tenente, ou 1. <sup>o</sup> tenente de infant. ou cav. 35\$000 — gratificação. . . . .	5\$000 »
Alferes, ou 2. <sup>o</sup> tenente d'infant. ou cav. 30\$000 — gratificação. . . . .	3\$000 »

Os aspirantes, ao acabar o curso, vencem uma diaria de cruzado, e assim podem estar annos, antes d'entrar nos quadros effectivos. Em artilheria, estado maior, e engenharia as gratificações augmentam na proporção da aristocracia scientifica d'estas armas. Para infantaria e cavallaria, a dis-

eleições, missões scientifico-beterrabicas do José Julio e outros podengos porcos ao estrangeiro, despesas com balões dirigiveis e seus sotas, todas as poucas vergonhas emfim do debaixo das saias da monarchia, aqui teem bolsilho p'ra lhes pagar pítanção farta (*e*); de sorte que não é exagero dizer-se que em cada orçamento do ministerio da guerra ha pelo menos um milhar de contos roubado ao exercito, para alimentar as debocheiras do systema monarchico — constitucional e dos seus eunuchos. Conviria pois cessar estes surripios cerce, amputando o favoritismo pulha que os tolera, e assim alliviadas as contas considerar então de perto os artigos da tabella em que parallelamente se podiam ir fazendo economias.

---

tancia das promoções é approximadamente a que segue: em cavallaria sai-se tenente ao fim de 9 ou 10 annos de permanencia em alferes, regulando essa permanencia em infantaria, por 7 ou 8; sae-se capitão, depois de 7 ou 8 annos de tenente para a cavallaria, e de 6 a 7 para a infantaria. De capitão a major medeia um intervallo de 8 a 9 annos, tanto para cavallaria como para infantaria. A retribuição do Estado aos que lhe hypothecam a vida, e lhe consagram braço e intelligencia, é pois, como se vê, sobria a mais não, e pelo facto de não haver guerra tres vezes por semana, não se pretenda assignar á officialidade de fileira a situação parasitaria de que uma ou outra vez pôde ser accusada a outra.

(*e*) Sendo Fontes ministro da guerra, o Juiz da Relação Miguel Osorio, babujou uma peça com o episodio de 1640, e foi lê-la a um serão da Calçada dos Paulistas, a que o famoso Antonio Maria convidára militares e socios da **Primelro**

Esses artigos sejam : secretaria da guerra, estado maior do exercito e commandos militares, inspeccorias, quasi toda a verba de despezas extraordinarias, etc. Nas pagadorias do exercito inda não houve meio d'introduzir a ideia simples, d'uma moral rudimentar, de que sendo o militar um homem que votou a sua existencia ao serviço do paiz, qualquer serviço que dentro da sua competencia profissional e ombridade hierarchica se lhe exija, tudo é uma maneira de se devotar ao serviço do paiz, não se explicando portanto porque a officialidade em fileira haja de ser paga d'um modo, e a officialidade em commissão o tenha de ser d'outro, bem desigual e surprehendentemente escandaloso. Se os vencimentos permanecessem

---

de Dezembro, das suas relações. Era um pastelão talhado em fórma de libello, com quesitos patrioticos, monologos de quarenta minutos, e nem um lampejo de vida atravez de cinco actos odiosamente enfatuados. O juiz, amigo de Fontes, finda a leitura da obrinha, ouve do ministro, promessa que se lhe protegeria a representação, o que effectivamente se fez em récita de gala, no theatro de D. Maria (onde a coisa foi com um maravilhoso scenario de Manini, que fôra a Villa Viçosa e á Sé, esquissar do natural) e com um guarda-roupa feerico, onde as pellucias e velludos eram do mais authenticico e do mais caro, sendo até os forros dos gibões d'explendido setim. Foi a *Sociedade 1.º de Dezembro* quem teve o ar d'esportular os quatro contos de réis que isto custou, mas depois de secretamente os haver dos cofres do ministerio da guerra, d'onde o famoso valido do rei Luiz os mandava tirar, sem mais satisfações.

inalteraveis, com as gratificações, fosse qual fosse o trabalho exigido ao militar, se o desempenho de certos serviços exteriores á fileira corressem escala, em vez de pela paga especial a que estão sujeitos constituirem brindes e sinecuras dadas pelo ministerio da guerra aos seus amigalhaços, bem depressa veriamos as despezas do exercito baixarem a uma cifra honesta e razoavel, alargar-se a educação da officialidade pelo abrangimento da totalidade dos casos em que a sua experiencia professional houvesse de ser posta em exercicio, e emfim ser implantado na comprehensão dos serviços e deveres de classe, um regimen de moralidade economica, que em muitos casos está longe de ser attingido. Este criterio de unificação das pagas sem indagação na natureza technica dos serviços, não constituiria lei só para occasiões de crise aguda: de ha muito que o deviam ter adoptado para as normaes, repellindo o actual por injusto e corruptor. Comprehende-se que ao desempenho de certos serviços apendam despezas extra, que o militar não possa nem deva pagar do seu bolsilho; é razoavel que o Estado subsidie estas despezas, mas não se explica que por exemplo um engenheiro que o governo mantem para servir o paiz co'a sua engenharia, tenha quatro ou cinco espor-tulas differentes, conforme está no regimento, na commissão de defeza, na de quarteis, na de ventilação, em Tancos, ou em serviço appendicular nalgum corpo estranho ao seu. Faça o que fizer, e onde o fizer, esse official é sempre um homem

que hypothecou á patria a sua actividade, e essa, seja de que série fôr, entendo que deve ter sempre o mesmo preço. Por esta medida geral equitativa, que dictada d'alto, nenhum membro do exercito repelliria, desapareceriam por uma vez as monstruosas despezas com que a guerra sobrecarrega annualmente o contribuinte, ella nas gratificações supplementares da escola do exercito, do collegio militar, escola de torpedos, commissão geodesica (*f*), delimitação de fronteiras, inspectorias (*g*), carta agricola, etc., etc., e talvez que até por via d'ella os serviços marchassem mais depressa, não tendo a eternisal-os a mira do lucro que forçosamente deve relentar o trabalho de muitas commissões e

---

(*f*) Custa por anno 35:502\$000 réis. Devem-se-lhe alguns trabalhos excellentes, mas morosissimos e carissimos. E' necessario reduzir estas despezas a metade !

(*g*) Em Gôa, ha tres annos, está um general com o subsidio de 4\$500 réis diarios, sob pretexto d'inspeccionar uma companhia de policia, e outro desempenhando na secretaria da guerra uma commissão que sem inconveniente podia ser exercida por um official reformado. O actual ministro da guerra, quando desempenhava o logar d'inspector da arma d'infanteria, consta que recebia vencimentos que orçavam por quatro libras diarias. Dos factos da sua inspectoria apenas consta que introduzisse no Porto o uso do *bide*, até alli só empregado para fazer ponche nos cafês copurchics da cidade. Tambem por iniciativa de s. ex.<sup>a</sup> se generalisou, dizem, o uso do sabre-baioneta á palitagem dos dentes, mas não posso garantir o feito, visto como outros senhores generaes reclamam d'elle a paternidade.

commissionados. Ideia associada á fixidez dos vencimentos militares, seja qual fôr a natureza dos serviços, é esta de por outro lado se estabelecer correspondencia entre o que o Estado paga a um funcionario civil, e o que vence um militar de hierarquia proxima ou identica. É indispensavel estabelecer entre estas duas séries de funcionarios uma correlação razoavel, sob o ponto de vista do ordenado, porque só assim os descontos exarados nas propostas do snr. Oliveira Martins assentariam n'um criterio base, significando distribuição equitativa de sacrificios. Realmente 'não se tolera que sendo geralmente os empregados civis, de certa altura em diante, melhor remunerados do que os militares, vá o Estado exigir d'ambos uma contribuição de guerra, que mesmo fundada na lei do para maior vencimento maior desconto, a todos se afigura desproporcional e extorsionaria para os ultimos.

Apontamos uma medida de moralidade e economia geraes, sem a qual, dissemos, nenhum pedido de sacrificios é equitativo; vejamos agora onde cortar pelos abusos, nos termos de não soffrer do exercito a parte que é propriamente segurança nacional, e só se dar caça ás odiosas excepções.

A primeira coisa a notar, é que não tendo Portugal razões historicas e geographicas para recear no continente a invasão armada sem uma ameaça prévja d'annos (durante os quaes disciplinariamos tropas e preparariamos a defeza sem mór difficul-

dade) o exercito só nas colonias tem verdadeiramente que fazer, ficando na metrópole apenas como um apoio da monarchia contra o povo, como um auxiliar da policia, e como uma profissão scientifica, nobilissima sem duvida, mas rotinizada pela immobildade, e immobildade pela falta d'espaco e de dinheiro. A não quererem os governos transferir o grosso d'elle para as plagas africanas, installando-o definitivamente lá — que já assim as expedições de Moçambique nos sahiriam mais baratas — não vejo outro meio de se utilizar a porção de braços inactivos que elle conta, senão restituindo á agricultura o maximo de soldados, fechando a escola militar por alguns annos, e reduzindo as promoções até ao strictamente necessario para não pôr de parte os milhares d'officiaes já agora legitima e definitivamente avançados na conta corrente do paiz.

Parallelamente a esta suspensão de vida armada, em face das circumstancias do paiz julgada inutil, ou pelo menos temporariamente desnecessaria, cessariam no todo ou em parte muitas das suas dependencias e officinas: poderiam acabar as escolas praticas d'infanteria e cavallaria, cuja organização não melhorou em nada a educação militar da officialidade; poderia reduzir-se a actividade do polygono de Vendas Novas, economisar-se pelo aquartelamento permanente do regimento d'engenharia em Tancos, alguns contos de réis dispersados nas melhorias de paga dos contingentes a quando destacados lá; e emfim poderia cessar o luxo de tan-



tos generaes inuteis que ahi temos (*h*), todos com pernas de pau e ceus da bocca de platina, o luxo dos segundos commandantes de divisão, d'inspectores d'isto e d'aquillo, de lentes superfluos, d'addidos militares, etc., que são um verdadeiro pulgão voraz na vinha estanque do orçamento.

Tambem os jornaes teem apontado as representações diplomaticas que eliminar, nas capitaes de paizes com quem não mantemos relações quotidianas. Tirando Londres, Paris, Madrid, o Rio de Janeiro e o Vaticano, o resto das legações portuguezas são um luxo de paiz grande, de cujo custeio nenhum beneficio se usufrue. Na mór parte, os encarregados de negocios são cabeças de pau sem prestimo nem tino, barbas-longas cançados do Chiado e de S. Bento, que passam a vida a sacar sobre o thesouro, e a fazer pelo mundo ao paiz uma reputação de preguiça insolvavel e idiotia ridicula, ao tempo que o defraudam no melhor de

---

(*h*) Hoje, ha cinco generaes sem commissão. Supprimindo os logares de segundos commandantes das divisões militares, elevava-se a onze o numero dos generaes que poderiamos dispensar. Contando ainda com qualquer commissão eventual, diz a *Manhã* que satisfazia perfeitamente ás necessidades do exercito o quadro de seis generais de divisão, e dezoito generaes de brigada, do que resultaria uma economia não inferior a dezeseis contos de réis.

quatrocentos contos annuaes (i). A sua inutilidade balofa de monos nem sequer decorativos, justifica-se pela contumacia dos enviados extraordinarios, sempre que tenhamos de tratar lá fóra algum negocio grado. Verdade que a regressão ao reino

(i) Não contando com o que se gasta com o escandalo dos addidos militares e não militares, nem com o que illegalmente se dá aos Navarros, que no estrangeiro gazéam á larga á custa do paiz, as legações custam-nos o seguinte :

Legação junto do Papa. . . . .	15:500\$000
» de Roma . . . . .	10:500\$000
» de Londres. . . . .	14:375\$000
» de Haya . . . . .	6:000\$000
» de Paris . . . . .	12:800\$000
» de Madrid . . . . .	12:000\$000
» do Rio de Janeiro . . . . .	18:000\$000
» de S. Petersburgo . . . . .	6:600\$000
» de Washington e Mexico . . . . .	8:600\$000
» de Bruxellas . . . . .	6:500\$000
» de Vienna . . . . .	6:500\$900
» de Berlim . . . . .	13:629\$940
» de Stokolmo e Copenhague. . . . .	5:000\$000
» de Tanger . . . . .	5:260\$000
» de Buenos Ayres e Montevideu . . . . .	9:000\$000
Ajudas de custo. . . . .	16:000\$000
Subsidios para viagens. . . . .	12:000\$000
Despezas extraordinarias . . . . .	68:000\$000
Empregados na disponibilidade . . . . .	11:253\$330
	257:519\$170

A isto temos ainda de acrescentar as despezas feitas com as missões especiaes, como a de sr. Mattoso Santos, e as que

d'esses pantafaçados Stenbokens traz o mau sestro de termos d'aturar na Avenida o copurchic caixeiral dos secretarios; mas a economia resultante paga-nos bem da embirração, e mal por mal, melhor é termos cá dentro rasga de fantoches, do que lá fóra exhibições de bestas chamarradas. Per-

se fazem com as agencias financeiras de Londres e do Brazil, cujos serviços podiam ser feitas nos consulados geraes.

Estas despezas avaliada a missão do snr. Mattoso Santos por um preço minimo, são as seguintes :

Agencia de Londres. . . . .	23:440\$000
Agencia do Rio de Janeiro. . . . .	23:200\$000
Missão Mattoso Santos. . . . .	15:000\$000
	61:640\$000

Juntas estas duas verbas, temos uma despeza de 319:157\$270 réis, que accrescentada com o que se gastou illegalmente, vae de certo além de 400 contos.

Além dos seus honorarios d'embaixador á Santa Sé, o snr. Martens Ferrão tem vencimentos de procurador geral da corôa aposentado, uns *biscatos* que lhe abona, não sabemos porque, a casa real, e mais os gordos emolumentos derivados da confirmação dos bispos e outros pés d'altar equivalentes. Grande numero d'outros embaixadores está no mesmo caso. A 3 de fevereiro, Eduardo d'Abren, lembrando na commissão de fazenda, ao ministro, as suas promessas de severissima economia propôz entre outras coisas que nenhum encarregado de negocios ou embaixador de Portugal recebesse mais de 6:000\$000 de réis ao anno, entrando n'estes os vencimentos que lhes podessem advir de qualquer aposentadoria ou cargo anterior. Pois amiguinhos, a commissão de fazenda, *rejeitou!*

guntamos se o governo tem coragem para acabar com as legações inuteis, e fazer recolher á patria o estrangeirado pessoal que n'ellas madraceia? Perguntamos-lhe mais se não julga o seu ultimo decreto sobre os direitos por graças e titulos concedidos, uma completa burla á bôa fé da opinião? O decreto preceitua que os titulos nobiliárchicos sejam caçados e as condecorações prohibidas aos portadores, no caso d'estes não entrarem em cofre, até junho proximo, com os respectivos direitos de mercê. É um calote accumulado de longos annos, e que os entendidos avaliam em mais de tres mil contos. Como é que o governo flagella porém esta espécie de tolos decorados, esta cáfila de fidalgos e commendadores, em cuja postiga aristocracia a mudança de nome começa logo por assentar num acto de ladroagem? Prohibindo-lhes simplesmente o uso do titulo ou da venera concedidas, e fazendo publicar no *Diario do Governo* noticias como estas: por calote á fazenda nacional, José Simões deixa de ser gran-cruz, e volta a ser como d'antes, gran p. que o pariu — ou como est'outra — a Guimarães etc. e companhia, é caçado o titulo de *conde de vinhos, aguas ardentes e comer com asseio*, que havió em duas vidas, por ludibriar em quatro contos o Estado, que concedendo-lhe o titulo o que quiz foi ludibrial-o a elle. Digam-me se já se viu coisa mais comica, e se isto não parece passar-se num gran-ducado d'opereta!

Em primeiro lugar, des'que por carta régia fôr concedido um titulo a um patusco, só por morte

haverá meio de lho tirar; amigos, familia, creadagem, quer elle pague, quer não pague, todos á uma lhe continuarão a chamar senhor visconde. Ora, como a carta de nobreza não dá outra *regalia* senão a que resulta da substituição do nome herdado, pela alcunha, e esta, uma vez popularisada, é indestructivel, resulta que o governo com o decreto não apanhará vintem da fidalguia cagada que tem feito, continuando esta a estadear brazões nas portinholas, e a marquezear-se e aviscondalhar-se nos roubos dos bancos, tal qual como se já tivesse pago os direitos de mercê. Em segundo lugar, como interdizer aos agraciados com veneras, o uso das respectivas insignias, dado o cão? Essas chapas não são coisas de trazer por essas ruas, e pondo-se só em actos solemnes, actos de porta fechada maiormente, vá lá a policia arrancar-as das casacas onde o seu brilho disfarça as outras nodoas! Ou chegaremos nós á innovação de se metter uma patrulha da guarda fiscal em cada baile, para discriminar os que compraram ao fisco o direito de trazerem penduricalhos? Evidentemente o governo, com o tal decreto sobre as graças, só quiz illudir cynicamente os contribuintes, proteger a gandaia dos vaidosos, e dar de si um testemunho de servidão aos partidos, reles de subalternidade, e absolutamente exhaurador como symptoma.

Porque emfim, bastava applicar á outorga de honorificos a lei que vigora no pagamento dos direitos de mercê por nomeação de cargos públicos,

para em poucos mezes entrarem no thesouro immensos debitos (j). O governo fixasse para a renuncia das graças ou titulos doados, um praso certo, negando essa renuncia, claro está, ao agraciado que já viesse disfructando a mercê por mais dum dado tempo, e no fim d'aquelle, obrigasse os condes, marquezes, barões, gran-cruzes, commendadores e cavalleiros, a satisfazerem á fazenda nacional a esportula da lei, sob pena de severo arresto nos bens, e cadeia nos costados. Des'que a moral contemporanea inverteu os typos, e são verdadeiramente os nobres que dispensam cartas de nobreza, a prerogativa real de marquezar, gran-

(j) No anno de 1891 foram concedidas 807 graças honorificas, conforme o quadro seguinte :

<i>Grças</i>	<i>Nacionais</i>	<i>Estrangeiras</i>
Dignidades do paço. . . . .	1	—
Condados. . . . .	8	3
Viscondados . . . . .	22	8
Baronatos. . . . .	12	5
Cartas de conselho . . . . .	32	—
Gran-cruzes . . . . .	9	35
Commendas . . . . .	121	165
Officialatos . . . . .	15	8
Habitos. . . . .	213	150
	433	374

Quantos pagaram? Apostar dois ou tres dos mais baratos. Só para o reino, onze parelhas de viscondes e dezeseis de conselheiros. E os trens de praça pela hora da morte!

cruzar e armar cavalleiro, tornou-se n'uma industria do Estado, como para o Papa a dos rozarios bentos, sendo necessario por todas as formas tornal-a lucrativa, nos termos d'uma verdadeira exploração sobre a tolice. O governo sophismou portanto grosseiramente os unicos tramites legaes com que podia chamar a si os 3:000 contos de direitos de mercê sonegados á fazenda, e este jogo combinado com a engulidella dos 30 p. c. d'imposto sobre os juros da divida publica, com as suas deploraveis covardias em pôr na rua o pessoal do ministerio e do conselho d'instrucção publica, em acabar com as inspecções e sub-inspecções escolares, primarias e secundárias, com as reitorias dos lyceus, com as sinecuras do exercito, do functionalismo civil e das embaixadas, em remodelar a jurisdicção ecclesiastica, supprimindo bispados e arredondando muitas das parochias, e em pôr de banda o parlamento, o protectorado dos partidos e as imposições gastadoras da monarchia (*k*), este

---

(*k*) O conselho d'instrucção publica é pretexto para madra- cearem na Arcada lentes d'escolas superiores que ha muito deviam estar com carta de guia para as suas cadeiras. Ex., os de Coimbra. Muito conviria que o governo fizesse optar, ou pelo ensino, ou pelos variados regalos que exerce na cápital essa raça de preguiçosos e chuchadores. O apoio pedido pelo governo ao parlamento e aos partidos, já lhe começou a modificar as primitivas resoluções. É por causa d'elle que os do ministerio d'instrucção publica continuarão a chuchar nos ordenados, pois o snr. Dias Ferreira desculpa-se de os não riscar das folhas de pagamento, pelo receio de que attribuam

jogo revela no animo dos «salvadores» a mesma fraqueza congénita dos outros, a mesma estúpida contemporisação e as mesmas tricas: de sorte que em face dos seus antecessores, o gabinete Dias Ferreira só d'esta fórma póde definir-se — mesmas inaptidões ancestraes, noutras cabeças.

Entram neste momento em scena as propostas do snr. Oliveira Martins, aguardadas com a anciedade offegante d'um milagroso balsamo contra a lepra, e filhas da inspiração de quatro noites de Horeb, durante as quaes se diz que o nobre salvador não fechou olho. Estas propostas precedidas d'um relatorio, de grande luminosidade litterária, repintando á minucia, um pouco impoliticamente, a situação compromettida das finanças, e pedindo ao paiz mais 10:000 contos de sacrificios (25 p. c. das receitas publicas) — tres ou quatro mezes de

---

este acto a vingança politica (puerilidade!): é por causa d'elle que os impostos sobre juros de papeis, contribuição industrial, predial e imposto de rendimento, hão-de ser modificados até onde quizerem os ricos, preponderantes, e é tambem por causa das imposições realengas que a lista civil deixará de soffrer descontos proporcionaes aos dos outros empregados, e que a verba dos palacios ha-de decuplicar a sabor das capricheiras dos reinantes. No orçamento, essa verba é de 360 contos de réis; pois declarou o snr. Ferreira Castello Branco na camara, que ha muitos annos se não gastam menos de 700, 800, e mesmo 1:000 contos!



pois d'alguns ministros o haverem defraudado em 13:000, com que escoraram companhias de gatu-nos, bancos fallidos, e empresas industriaes de que elles proprios eram directores!

D'aquella immensa cifra necessaria ao equi-líbrio annual do orçamento, 8:500 contos calcula o relatorio provenham de reduções de juros da di-vida, descontos a funcionarios, e impostos de na-tureza varia sobre o zé pagante, arranjando-se os 1:500 que faltam, com os impostos de fabrico d'alcooes, phosphoros e oleos, e com os sequestros d'empregos e commissões indevidamente exerci-das nos differentes ramos anarchicos do serviço publico. Com «sacrificios tibios não debellariam o mal», palavras do relatorio, o governo, sem pri-meiro vingar a opinião de tantas e tão monstruo-sas ladroagens, esquecendo que a crise não é só de dinheiro, mas de caracteres, da cachexia moral não cura, e só brutalmente exige que todos empenhem a camisa e mingúem de passadio, para lhe darem os 10:000 contos que ninguem sabe ainda se levarão o destino dos 13:000!

De feito, o que de chacinas militares, burocrá-ticas, diplomáticas, etc., nos cantaróla o relatorio, á uma não passa de promessas confusas, e á outra, pela escolha avulsa das primeiras victimas, não nos parece que obedeça a um plano de saneamento geral, unico eficaz na crapulosa anarchia em que tombamos. Vê-se por exemplo que subsistem e subsistirão as accumulações d'empregos e as sine-curas infames dos grandes empregados, sendo até

agora os pequenos os unicos incursos em penalidades rigorosas. Vê-se que nos descontos exarados no artigo primeiro da contribuição de guerra que o snr. Martins propõe, e seguem progressão igual para militares e funcionarios civis, se não buscou dar a esta ordem de sacrificios uma base uniforme, equiparando os vencimentos duns aos doutros, pois tratando-se de dedicações forçadas, não ha razão para taxar cidadãos desegualmente. Vê-se que o governo, antes de lançar mão das excepçoes medidas constantes das propostas fazendarias, não deligenciou averiguar se pelo exercicio d'uma escrupulosa economia e stricto cumprimento das leis, lhe seria possivel equiparar o haver co'o deve, cortando legações, potris, coios inuteis, subsidios de luxo, commissões de madraceira, reduzindo os vencimentos militares a um typo fixo para cada arma, fosse qual fosse a natureza, a importancia e o logar dos trabalhos a cumprir, distribuindo os impostos a todos os cidadãos, na percentagem da lei (l), por fórmula a não escapar ao fisco um ceitel da materia collectavel, e se evitarem os roubos de milhares de contos em que o favoritismo defrauda annualmente a fazenda nacional, e só depois de limpos os nichos de santões, o orçamento de ratos,

---

(l) Avalie-se por isso o resto : o conde Burnay trafica por anno milhares de contos ; pois só paga de contribuição industrial, conto e oitocentos ! A mór parte dos grandes contribuintes, uns não pagam, e outros pagam só uns tantos por cento da taxa que lhes compete.

e as recebedorias de compadres, não chegando as migalhas poupadas, recorrer então aos expedientes d'invasor.

D'est'arte os processos de salvação do snr. Dias Ferreira e seus pupillos, começam pelo fim, que é o mais facil, reservando-se S. Ex.<sup>as</sup> fazerem justiça só depois do imposto de guerra açambarcado, e se o tempo o *permittir*, como se diz nos cartazes das toiradas. É deploravel, e não valeria talvez a pena, para tão pouco, fazer tanto barulho. Se aquelles senhores mandarem a um pobre capitão d'infanteria, toda a vida na fileira, se desguarneça da gratificação mesquinha que a lei lhe outorga, em quanto houver no ministerio da guerra generaes arrumadores de papeis, vencendo forragens p'ra dois cavallos, muito embora sabendo-se que são os cavallos que lh'os arrumam? Nada de maroscas! O dever de todos é despojarem-se pela patria, mas sob clausula d'ella não ser o Terreiro do Paço, e do dinheiro do povo ser só pr'ó povo! D'outra maneira, nn... ão!



## SUMMARIO

---

O clima novo e os Mastodontes da finança — Porque se dispersam as grandes fortunas — O conde K., industrial-gentilhomem: suas paixões d'arte, recepções, e estylo de conviver — Os que lá iam, e os que lá tocavam — Galeria celebre no mundo — Gregorowich, rival de Joachim, e violinista do czar — Musica suggestiva, e sua perniciosa influencia sobre as almas — Como a chalaça portugueza se abrigou na Bôa Hora : piadas do snr. delegado, do snr. juiz e do snr. reu — Dois mezes de cadeia a quem tem genio ! — As aguarellistas do Gomes, ou de como o conselho de hygiene deve mandar um chocho ao Casanova — A pinturice, substituta da pianice — Já se póde dormir ! — S. M. a Rainha, com um dedo sujo, funda a aguarella de senhoras — A aristocracia converte-se á democracia, por via dos guarda-portões, e explica-se — Pasteis do rei, tão bons como os do Rosa Araujo — Os lapis da Rainha — Mas então os principes inda não pintam? — Roque Gameiro, o defunto Hogan, e o seculo-

dezoitista F. de Serpa — Piedade d'uma dama por um asylado — As aguarellas San Romão, e o ANNEXO da Snr.<sup>a</sup> Duqueza — Demissão do Ministro na Haya, e salgalhadas correlativas — Pequena fabula sobre as corôas de loiro, e sua “moral evolucionista” — FINIS, LAUS DEO, ou basta de massadas !

6 de Fevereiro de 1892.

A dispersão de fortunas que a crise financeira em todo o mundo está fazendo, com a fallencia de tantos banqueiros, fabricantes, e opulentissimos *desoeuvrés*, quasi se pôde tomar como instrumento da providencia na obra de nivelação social, ha tantos seculos em carteira. São os primeiros effeitos do *clima novo* que modificará a face do universo, creando flora e fauna novas, e extinguindo por inadaptabilidade, ou lenta ou bruscamente, as castas aggressivas, como por exemplo essa dos mastodontes da finança.

Em Portugal, semelhante dispersão está a fazer-se, sem mór acato á origem laboriosa d'alguns d'esses *magots*, e sem mór respeito á qualidade ás vezes *sympathica* das victimas, d'uma maneira deleteria e brutal, que bem revela as ascas da vingativa adversidade, subindo a escada no dia seguinte ao da fortuna. Especulações de fundos mal guiadas, emprezas de tabaco inexperientemente tomadas por alto preço, e subito

diminuidas nas receitas por causas geraes confusas e irremessiveis, caminhos de ferro atirados, á tóa, em regiões sem vida nem commercio, vicios particulares, como o luxo dos cavallo, dos palacios artisticos, das quintas de prazer, dos jantares e dos bailes, dos bric-á-brac disputados aos colleccionadores estrangeiros, num vortice de contos, jogatina, volupia, eis os factores principais da vertiginosa liquidação geral porque ou já está passando, ou em breve ha-de passar a maior parte das modernas, e mesmo das antigas fortunas de Lisboa; e esta liquidação não representaria por fórma alguma um prejuizo, antes seria na generalidade um bem, se ella, entornando o ouro d'esses depositos, o fizesse ainda por mãos de portuguezes, em vez de o lançar no regaço da usura estrangeira, hiante sempre á bocca de todos os nossos desperdicios e desastres.

Entre os fulminados pela terrivel clava da ruina, alguns me merecem, por certas predilecções d'espirito, essa porção de ternura que as consanguinidades da arte fazem nascer, mesmo de longe, entre pessoas irmãs no gosto e nas tendencias; por isso é occasião d'avivar na memoria das gerações, julgo eu, perfis d'alguns d'esses sem sorte, taes como a minha sympathia ou antipathia os viu, nos dias gordos, entre os prestigios da voga e as auriflammas da riqueza, reis d'uma festa ou d'uma emissão d'emprestimo rendosa, e tão impertigados nas botas, que pareciam eternos — sendo afinal de contas tuberculosos.



## CONDE K.

Industrial atilado, com a face multiplice dos intelligentes modernos, que põem uma mascara para cada occasião typica da vida. Negociante das nove horas da manhã ás quatro da tarde, disciplinador d'operarios á franceza, e com uma ponta de secura concisa, numa ponta de bizzarria calculista, eil-o travestindo fóra das suas funcções de fabricante e de patrão, para a sociedade polida onde se move, os ares d'um grande senhor affeito ás recepções palacianas, e desenvolvendo nellas um tacto de mestre a fazer da sua residencia uma estancia de convivio, das mais ambicionadas.

Essa residencia, hoje celebre na Europa pela galeria de pintura moderna que a decora, posto acolha ás suas reuniões, mundos mesclados, actores, banqueiros, politicos, mulheres de theatro e mulheres de raça, sabe todavia acolhel-os com uma sobriedade picante e internacional, de sorte a constituir uma roda onde todos se surprehendam d'estar juntos, e onde nenhum podesse arrepende-se ou censurar-se de ter vindo. Isto tornava os serões do conde n'uma especie de paraizo neutral onde todas as individualidades podiam confundir-se, sem mór inquerito aos precedentes umas das outras, e onde as proprias mulheres honestas

achavam delicioso passar por *cabotines*, e aos mais graves cavalheiros não era desagradavel acotovelar do seu *fauteuil* o braço nu d'uma bella mulher, mesmo previsto o caso de não ser a sua.

Nas festas K., raro dançar-se: o conde detestava cordealmente a *sauterie*; então reunia a pretexto de fazer musica, de debutar no seu salão uma cantora inedita, um violinista de passagem, ou inaugurar-se um quadro novo na galeria, ou no gabinete de trabalho uma esculptura recentemente adquirida... Todas as celebridades musicas vindas a Portugal iam alli receber a sua benção paterna, á volta da Ajuda — a sua benção, que tinha o dom de transformar notas de musica, em alfinetes e *aigrettes* de brilhantes — e era certo que elle, n'alguma noite branca de S. Carlos, as mostrasse tambem ás suas visitas, escolhendo quem mais honra podia fazer ao artista, e preparando de surpresa um programma raro, rapido, fino, uma d'estas coisas de nada, feitas de tres instrumentos, duas arias, meia duzia de versos, uma sandwiche e uma taça de Champagne, d'onde a gente sahia purificado, bem com o mundo, amando as graças da vida, e até muita vez pensando em se casar, o que era o peor d'aquellas reuniões.

Helena Sanz, Sophia Menter, a Essipof, Rey Colaço, alli debutaram, da primeira vez que foram vistos em Lisboa. Raras estrelas do elenco lyrico deixavam de lhe offerecer uma noite de concerto, a pretexto d'uma chavena de chá na galeria, e ainda ultimamente lá fôra a Patti, e a Tetrzini alli

cantára a Ave-Maria do *Othelo*, na festa d'anniversario da condessa, ha poucos mezes fallecida.

Das obras d'arte que lhe enchiam as salas, em moveis, tapetes, bronzes, cristaes e louças velhas, não ha visitante que não exalce a escolhida e aristocratica qualidade, e a nobre disposição decorativa, feita num ponto de vista d'adorno, d'onde as preocupações de museu eram banidas, e de cujo todo jámais sahia uma nota discordante.

Passava-se á galeria de pintura, que era a riqueza da casa, e como disse, em arte moderna, uma das primeiras colleções particulares da Europa actual. Alli tudo era solido, d'um gosto fixo, que as evoluções da moda raro fanavam de rugas prematuras: d'estas telas sérias, definitivas, synthetizando cyclos e escolas, que teem nos catalogos do mundo o nome feito, a designação do proprietario, e a cifra do valor metallico, immutavel.

Não posso agora mencionar por detalhe e methodicamente as obras primas d'esse radiante e magico museu: mas é celebre em toda a parte o seu *Detaille*, o seu *Meissonier*, os seus *Delacroix*, os seus *Tryon*, os seus *Drubigny* e os seus *Rousseau*, escolhidos com tal amor, que os scepticos nas horas de malquerença, duvidando das competencias estheticas do conde, riscavam-lhe o nome d'artista, para só verem n'elle um especulador amadurecendo pacientemente o seu espalhafatoso leilão no hotel *Druot*.

Devo suppor que fosse injusta e gratuita esta má lingua, e que o sentimento do bello na alma d'esse

portuguez-francez fosse uma quintessencia de cultura, propria d'um homem moderno, rico desde o berço, e instado sem cessar por sensações raras e puras. Darei um exemplo. No inverno de ha cinco annos, não sei que doença prohibia ao conde K. o ar da noite, e d'ahi uma magua invencivel, o seu camarote em S. Carlos, ás noites de musica, unica coisa, dizia elle, porque ainda Lisboa é supportavel.

Transportar a companhia lyrica para o seu palacio, era loucura; mas esta ideia de ter musicos só para si, a principio chimerica, foi pouco a pouco a ganhar a viabilidade, a ponto que sete dias depois as salas do Calvario enchiam-se d'amigos, e a pretexto d'annos d'uma neta, inaugurava o conde os seus concertos de camara, com Gregorowich, um violinista russo, de dezoito annos, bello como Apollo, primeiro premio de Vienna, hoje rival de Joaquim, e segundo violinista da orchestra do czar, com Valejos, o rabequista hespanhol bem conhecido, e Angelo Rubio, outro hespanhol ainda novo, que dava esperanças de grande pianista. Os admitidos a essas delicadas *soirées* lembram-se ainda das noites d'uncção que alli passaram, recolhidos na galeria de quadros, com as lampadas baixas, e uma voluptuosidade mystica fluctuando. Ao fundo da peça, a figura de russo, com a cabeça enorme e os seus olhos profundos de vidente, fazia as cordas do instrumento, boas conductoras do amor, dizerem a elegia das almas que se buscam no deserto das ligações convencionaes, sonhando liberdade

que as ressurgja outro vez á luz da sensação: e era uma embriaguez de som por toda a quadra, um magnetismo de culpa terna, desligando os maridos das mulheres, e estas do thalamo, com effluvios de corpos transfiltrando-se em começos de mancebias dolorosas... O violino entanto, d'uma meiguice diabolica de mau silpho, continuava a fazer na penumbra as suas perturbadoras confissões; e a vertigem, d'accelerar os hálitos e os cerebros, de perder mãos entre mãos desconhecidas, numa flôr de mysterio inebriante, flôr divina, flôr perniciososa, espargindo sementes d'adulterio, de primeiro amor, de vicio... «O instante delicioso do amor, dizia-me ha pouco um Paschoal devasso que eu conheço, é aquelle em que a mulher, depois de mil pecuinhas, rebelliões, caprichos, coquetices, subitamente vencida, amollecida, terna, se aproxima do homem para lhe permittir... o resto». Felizmente findava o numero de musica, as lampadas ganhavam outra vez luz fulgurante, e o cerceiro d'arte emfim, subito esparso, deixava, aos convidados do conde lucidez para não irem mais além.

8 de Fevereiro de 1892.

Em quanto as preocupações da vida embrute-  
cem os homens, as peças do theatro gottejam de  
tristeza, e a má lingua dos cafés arma a cavaqueira  
moça em necrologio, a graça pura, volatil, portu-  
gueza de lei, vae-se refugiar, quem no havia de  
dizer? na Bôa Hora.

Pela secção dos tribunaes lida no *Seculo*, vejo  
as audiencias decorrerem numa troca de piadas, do  
banco dos reus para o ministerio publico, da beca  
dos juizes para a bocca de sino das testemunhas,  
que é uma pena serem aquelles theatrinhos de  
comedia tão pequenos, não custarem oito tostões  
os *fauteuils* d'orchestra, annunciando-se os julga-  
mentos por cartazes. Esta feição paternal e emi-  
nentemente ratona da justiça, e este bom humor  
dos reus tornando sota e az aos seus algozes, são  
predicados especiaes do nosso tempo, bem reve-  
lando quanto na ideia d'ambos o criterio da pena-  
lidade começa a deixar de ser um principio puro  
de direito, para se tornar numa *reprise* do habito,  
a cujo rotineiro artificio poucos já prendem som-  
bra d'emoção.

De feito, a sociologia moderna e os estudos criminaes dos medico-legistas, tanto teem categorisado os delinquentes entre os enfermos, e descoberto na consciencia dos bons, fermentos de maldade, que a sangue frio um magistrado íntegro tem sempre escrupulos em condenar um criminoso, ua dúvida de se intimamente será bastante puro p'ra julgal-o, e se dadas as circumstancias do crime, no caso d'elle, não teria feito inda peor.

D'ahi, como a desigualdade das castas, em certos pontos dá privilegios inexpugnaveis aos seus membros, mesmo que fosse cega a justiça, não haveria meio d'ella manter para todos os culpados o mesmo estalão d'integridade, havendo ladrões de pães que hão-de por força ir para a Africa, e ladrões de bancos que hão-de por força ir para a Ajuda: d'onde resulta que os magistrados, coagidos, por este hierarchismo fatal do nosso tempo, a fechar os olhos ás culpas dos grandes, refazem a sua pureza d'alma, coitados, espargindo tambem uma pouca de bonhomia sobre as escorregadellas dos pequenos.

É pelo menos este o criterio que me permite applaudir o tiroteio de humor que ha tres semanas se fez na Boa Hora, e animar os senhores gatunos, os senhores bebedos e os senhores homens de carroça, a manter do banco dos reus, com os meretissimos juizes, os jogos de humor e batalhas floraes em que tão aseculo-dezoitadamente os vejo destrellados. Entre os pequenos casos de tribunal, trufados de chalaça, detalha o *Seculo* o d'um

carroceiro trazido ao banco, por haver espancado o seu cavallo.

Diz-lhe o juiz — bateu então no animal?

— Se eu estava com pressa...

— E já esteve preso alguma vez?

— Ná, não senhor. Nunca bati em mais ninguém.

Aqui refere o *Seculo* que o juiz tornou, *sorrindo* — como o reu confunde as espécies! E acrescentara: pois olhe que se distinguem bem, pelas orelhas...

À parte, o delegado:

— Felizmente para algumas pessoas que eu conheço.

Pondo agora em parallelo as tres piadas, reconhece-se na do reu uma agilidade d'espírito bem digna d'um juiz, na do juiz uma conselheirice de humor mais propria de delegado, e na do delegado emfim uma obtusidade de remoque, só adequada a carroceiro. Não é verdade?

Pois meus amigos, vae-se ao ajuste de contas, juiz e delegado ficaram-se a rir, e fol o carroceiro quem apauhou dois mezes de cadeia.

— Oh como a sociedade é madrasta para os genios!



14 de Fevereiro de 1892.

Na rotunda interior da livraria Gomes, a pretexto de beneficencia, reuniram algumas pessoas da sociedade uma collecçãosinha d'aguarellas e pasteis, de seu particular fabrico, que muito me apraz citar entre as curiosidades caseiras de Lisboa. Acho-me embaraçado quanto á craveira por onde tenho de medir tantas varinas, guerreiros, damas orientaes, e vistas de campo e mar d'este certamen, porque em verdade, mesmo excellente, a aguarella é na pintura mais uma nota de *carnet*, do que uma preocupação séria d'artista. Entanto por outro lado, o encanto leva-me a acquiescer no facto da moderna educação ter prestado á sociedade um beneficio, qual o de retirar dos pianos mãos a que os pinceis vão dando outra senhorilidade e outro preceito. Lá isso, mesmo que a aguarella não tivesse mais prestimo, este bastava: dar socego á vizinhança — para burguezes como eu lhe felicitarem o ascenso entre as prendas que todos os filho-familias ricos devem ter.

Certo que ella não marca por em quanto uma

crise nova d'ideal entre as jovens senhoras e cavalheiros pinturilantes: n'essas aguarellas é visível ainda, como ha doze annos, a dyspepsia de sentimento que fazia os pianos gritar como possessos, dos beliscões que seus gentis carrascos lhes ferravam: mas é já uma habilidadesinha mais discreta, que se não mette á cara das pessoas, que vive no seu cavallette, como uma abobora de corar no seu alpendre, e só lá muito raro descendo a solicitar os emboras do público, e os reclames dos jornaes.

Posta pois a aguarella n'este campo de prenda mansa, substituta da pianice, felicito sinceramente os expositores e expositoras da livraria Gomes, cuja nova orientação artistica vae emfim deixar dormir a gente e cumprimento o professor Casanova, pelos serviços que presta á hygiene da cidade, inscrevendo a aguada entre os labores d'uma fina educação.

Que verdadeiramente, é S. M. a rainha a pessoa a quem mais se tem que agradecer a divulgação d'esta mania, que o professor Casanova só depois foi chamado a classificar, com o respectivo receituário *d'atelier*. S. M. aconteceu-lhe ter uma vez um dedo sujo; mandou buscar cartão *gris-perle*, e passando o dedo, com um movimento ondulado, sobre a folha, produziu assim uma coisa que o secretario declarou ser a mais admiravel vista do Castello dos Mouros, que era de vêr. Chamados peritos, confirmaram-se as previsões do secretario, sendo coagida a princeza a expôr no Gremio Artistico a famosa dedada paysagista. D'ahi por

deante, tudo quanto S. M. tem produzido em nodos, acha o mestrado digno de molduras, e ahí está como, por imital-a, toda a bôa roda desandou a revelar-se artistica, vestindo os trintanarios de cavalleiros de Luiz XIII, as titis *d'incroyables* e de *soubrettes*, os porteiros barbados, de Vascos da Gama, e esfuriando-se a retratal-os a todos, pelo processo do dedo sujo, sobre cartão previamente humedecido.

A exposição da livraria Gomes conta assim uma fartura grande d'aguarellas, por onde, á uma já se pôde registrar a feição d'escola, que o professor Casanova imprime ao mais insignificante lavis do seu elegante discipulado, e por onde á outra se vão diagnosticando os progressos da democracia, no espirito de castas até'gora rebeldes á comprehensão sociologica da egualdade.

Dentro de pouco, dado que a aguarella continue a ser o jogo de paciencia das meninas da sociedade, teremos a dita de vêr os partidos radicães avolumarem-se, pela cooperação politica dos melhores nomes da aristocracia portugueza, velha e novissima, mercê da plebe, que constituida em predilecto modelo das aguarellistas, pouco a pouco irá misturando os seus destinos aos da raça preponderante e gozadora. Porque se o facto d'uma filha de condes tomar por modelo o seu porteiro, pôde explicar-se por um mero capricho de nervos, filiado talvez na bella barba veneravel do bom homem, a agravante da patricia, o vestir primeiro de fidalgo, navegador, doge ou monarcha, cons-

titue para a plebe uma tal honra, que cego seja quem não vir nisto uma estrondosa victoria da ideia republicana sobre a velha intransigencia aristocratica. Emfim congratulemo-nos pensando no picante do barrete phrygio sobre todas essas cabezinhas frivolas de pintoras!

Cegado o horto d'abrolhos, vejamos se ha nas suas moitas alguns chrysanthemos frescos a colher. O snr. D. Carlos tem a pastel um navio phantasma, n'um ceu de gemma d'ovo, nada mal feito — o diabo é se com os pasteis lhe acontece o mesmo do que com os discursos da corôa. Nada mal feito! e melhor seria, se a mão que passeia os ocios na nobre arte do Rosa Araujo, primeiro se tivesse adextrado a assignar o indulto dos perseguidos de Janeiro.

Á primeira vista, que pontos communs entre a clemencia e a pastellaria?

Mui pouca coisa. Quem desenha navios precisa não ter durezas de consciencia; sabido como foi um vapor que trouxe o imperador do Brazil ás nossas costas.

A rainha honrou a exposição, produzindo a lapis apuntos de collegio Froebel, onde a caricatura d'um tal D. Jayme Bragança, que é uma flagrante troça aos parentes illustres de seu esposo, e o retrato d'um azulejo, que é um reclame ao volume de contos do Pindella. Como oiço elogiar por toda a parte as aptidões estheticas dos principes, muito me espanta não vêr no logar de honra, cueiros seus, com — aguarellas.

Algumas deliciosas coisas entretanto.

Roque Gameiro tem uma margem do Tejo, com terras d'areia, seu moinho, saveiros voltados, charcos e ceus de nuvens fôfas, que é a mais linda pagina d'album que a um artista pôde inspirar uma natureza imaginativa e tenra, como aquella.

A tinta é franca, contempladora a factura, socegada, e dá-se na vista não só a fidelidade physiologica dos logares, o que é um dom gravativo da retina, mas assim a poesia d'elles, o que é um tãmis de luz da alma.

Tambem o seu retrato de mulher, muito agradavel, a cabeça mimosa, e sollicitudes meigas no tratamento das mãos, no rosicler do olhar, e em certos infinitamente pequenos das cercanias nasolabiales. A exposição de Hogan, morto em Setubal na flôr da vida, fecha o cyclo de labor do colorista perspicaz que a sepultura não deixou passar d'uma promessa. Tem um portal d'igreja antiga, pedra gasta d'Arrabida, alternado de pannos de sombra e placas de claridade, lembrando um pouco, pela expressão intensa dos contrastes, certos effeitos scenographicos de Manini; á frente um terreiro com gente acorada; nas quinas do portico, grupos de mulheres agitam-se em pequenos ranchos, azougadas; é galantinho, intenso, revelando o buscador apaixonado d'effeitos, e supprindo com particularidades o que ainda no estylo lhe falta d'amplidão. A sua rua de Setubal faz realçar, como o portal do convento, a mesma graciosa e doce phantasia. O pictoresco arrasta-o, vê-se o instincto do

emocional reportando a atenção para os bocados velhos da cidade, dando voz ás ruínas, poetisando architecturas decrépitas, dando o primeiro lugar «á multidão».

Tambem o snr. F. de Serpa está nos melhores logares da exposição. O seu espadachim de costas, em velludo avellã, botas coladas, arranca da catana com uma esgrima de gestos, decidida; não se vê a dama por quem rompe, mas não ha negar que elle pugne pelas habilidades distinctas de quem no fez. O cavalheiro de verde, que observa o quadro, encostado á bengala Directorio, é outro elegante estudo de roupagem, bem postado na scena, e d'essa espirosidade chic que já noutros certamens frisou as predilecções de modelo do aguarellista. O snr. F. de Serpa parece um seculo-dezoitista intransigente, pela amorosa graça com que aquatinta esses bons gentishomens de cabelleira *à frimas*, *jabot de dentelles*, e casaca de matiz. Tem talvez razão: a vida era tão frivola, o humor tão scintillante, a arte tão maluca! Que lesto fidalguito, atreito a seguir as côrtes d'amor das bellas adúlteras do tempo do cardeal La Châtre «dont la chasuble devait être faite d'une jupe de Ninon» ousaria hoje tomar rapé, mesmo d'uma tabaqueira de brilhantes? Actualmente mudou tudo — que tempo — até as barrigas das pernas acabaram!

Talvez por os nobres terem perdido o encanto,

se explique, como disse, a predilecção das senhoras pela plebe.

A snr. D. M. da Camara tracta por exemplo um velhito d'asylo com tal solitudine, tão religiosa piedade, que logo se adivinha uma alma branca propensa a lavar na tela a elegia infantilmente funebre da velhice. Se este velho d'asylo é um retrato, como esse pobre se deve sentir superior, de assim ter feito vibrar, co'a sua antiguidade, a celeste commiseracção d'uma mulher! E não me dizem porque é que as pinturas d'oleo encham as exposições de rabanetes e caçarollas, em quanto as d'aguarella insistem em só tratar assumptos d'epopeia? O contrario é que era logico, sendo a aguarella, como de facto, um processo d'arte mais ligeiro. Nesta observação porém não vá melindre ás aguarellistas de guerreiros, que eu se ponho a relevo o contraste, é por significar que em pintura culinaria, a oleo — só o atum.

O snr. San Romão não é, pelas excellentes provas que assigna, um pinturilador qualquer de lindezas d'album. Desenha com graça, e as suas paesagens são dadas num simples lavis, *the stained drawing*, sustentado algures, me quiz parecer, pelo trabalho da penna, e reforçado nas partes claras do ceu e agua, e assim nos primeiros planos, por alguns relevos de côr viva. Adora as tonalidades médias, e os seus horizontes teem uma vaporosidade brumosa que os assemelha aos de certas gravuras inglezas coloridas. Quanto mais se repara nas aguarellas marcadas com os n.<sup>os</sup> 57, 57 e 59,

mais se lhe descobre por entre o convencional inherente a este genero de pequena pintura, o senso visual do *plein air*, e a aptidão de reproduzir, á côr, muitas das imperceptiveis deslocações de linhas do modelo. A sua factura é trabalhosa, meúdinha, dispondo os differentes planos com uma nitidez d'illuminura ; por toda a parte um cuidado, uma diaphaneidade chlorotica de tons claros, e uma conjugação d'elegancias tão *mièvres*, que as proprias arvores teem um ar de bôa roda, e a gente chega a admirar-se do burro da aguarella 58 não trazer por exemplo, sapatos de verniz. Outra qualidade dos seus passatempos, é a saltante espiritualidade d'algumas figurinhas, que teem assim um ar *travesti*, uma esbelteza garota d'opera comica, que certamente as farão amar pelos colleccionadores do grévinismo occidental.

Está em moda o annexo, e os aguarellistas da livraria Gomes teem o seu. São tres bronzes originaes da snr.<sup>a</sup> duqueza de Palmella, que entretem os seus ocios patricios vitalisando a materia sob o influxo d'um cinzel já consagrado. Os bronzes captam-me — pois se ha tanta falta de metal! — especialmente a mulatiuha, cuja humoristica risada tem o ar de dizer :

— Aqui está o que vossês vão fazer á Africa !



*16 de Fevereiro de 1892.*

A reacção dos jornaes contra a demissão do ministro em Haya, visconde de Pindella, mano do secretario particular de S. M., é já o primeiro signal da reacção que ha dias prognosticavamos contra o gabinete, mal este começasse a dar de mão nos funcionarios perniciosos, e a limpar o orçamento das despesas simplesmente improductivas.

O snr. Vicente Pindella foi demittido, dizem, por pedir, mas o governo ter-lhe-ha provocado o pedido d'exoneração, enviando o nosso ministro em Londres, Luiz de Soveral, a negociar com os prestamistas da Hollanda sobre as reduções da divida externa portugueza. Claro que sendo a legação da Haya uma representação diplomatica habitualmente morta, e indo á Hollanda um negociador extraordinario, precisamente no instante em que havia lá alguma coisa que fazer, a utilidade da legação portugueza em Haya fica assim officialmente posta em dúvida, e o snr. Pindella confirmou os seus creditos de cavalheiro intelligente, reclamando a exoneração pelo telegrapho. Ao de-

sapparecimento do ministro, seguir-se-hia o da legação (é o que esperamos) acto coherente, pelo que o thesouro evita um desembolso certo de seis contos ao anno, afóra extraordinarios. Porém os jornaes representantes dos *grandes partidos* — esses grandes partidos ignominiosamente exhautados da governia publica, por tantos ferretes de corruptella e baixa ladroeira — os jornais receberam ordem dos chefes para começar a batalha de lama contra as medidas economicas do governo, e então invalidam pelo descredito alguns dos seus impulsos salubres, e explicam por subserviencia ao jacobinismo, todos os coercitivos d'abusos que do conselho de ministros vem baixando ás columnas do jornal official. Como supprimir a representação diplomatica na Hollanda é um acto de moralidade economica entre os muitos imprescindivelmente impostos pela opinião — de resto decidida a só pagar aos que realmente lhes prestarem serviços — aquelles jornaes não na discutem, mas o seu mau humor reverte todo, puerilmente, contra o laconismo do decreto que dispensou o snr. Vicente Pindella do seu *rien faire* pelo estrangeiro.

Acham esse decreto grosseiro e optam que por dever de bôa roda o snr. Costa Lobo só devia retirar ao snr. Pindella os seis contos da Haya, quando em troca lhe pudesse offerecer os quatorze de Berlim, ou os dezoito do Rio de Janeiro.

Ora quanto a nós, o problema deve para a consciencia do gabinete ser posto nestes termos: ou o encarregado de negocios na Haya serve, ou não

serve. Se não serve, demitta-se, e este foi naturalmente o pensamento do governo, enviando o snr. Soveral a tractar á Hollanda com os possuidores de titulos de divida. É claro que fossem quaes fossem os termos em que a demissão do snr. Pindella lhe fosse dada, S. Ex.<sup>a</sup> nunca ficaria contente. É physiologico. A redacção do decreto é pois um caso ephemero, que não pode pezar nos destinos do ministerio, e servirá quando muito para açular os latidos da cañçada jornalenga mais desacreditada do paiz.

Fallido o ministro da Haya, ao governo cumpre fechar immediatamente a legação, isto sem invento de qualquer nicho que restitua ao snr. Pindella os proventos que a exoneração de ministro lhe retira — aliaz as apregoadas economias seriam uma caçada nua e crua! O governo não tem pois que prender as pernas nas aboizes parvas das *Novidades*: exonerou um funcionario que lhe não servia, essa exoneração correspondendo a desejos do interessado; se não folhetinisou o decreto com periodos patheticos quanto ás excellencias do demittido, de duas, uma: ou o ministro da Haya não tinha serviços, ou o dos estrangeiros entendeu que cumprimentos lamechas eram incompativeis com a sizudez d'um documento official. Inquestionavel que o snr. Vicente Pindella possui qualidades d'um verdadeiro gentilhomem, tradicionaes nos seus, todos o sabem: mas ha mais quem possua essas virtudes de graça, e não são ellas um argumento para a legação da Haya continuar.

Este caso do decreto «indelicado» chama a atenção para um detalhe de costumes, divertido. Nunca na politica portugueza houve *souteneurs* maiores do que hoje em dia, e não obstante, nunca a susceptibilidade attingiu maiores escrupulos na observancia das fórmulas exteriores. A canalhice refila na proporção em que se requinta a pragmatica. A polidez das palavras, que é das hypocrisias, a mais odiosa, sempre que não reflecta o altruismo nas espelhadas intenções, a polidez das palavras tornou-se a obsessão quotidiana d'esta sociedade liquidante, divorciada da honra, e porejando egoismo por todas as costuras.

Ouvir por exemplo, os bons jornaes: «o snr. commissario dirigiu-se a casa do digno par, convidando S. Ex.<sup>a</sup> a deixar-se reter por alguns dias, no Limoeiro, em quanto durarem as averiguações. A isto condescendeu, com a maior urbanidade, o digno par, que tem sido visitado por quasi toda a camara alta».

Quasi toda a camara alta, hein? Falta só que S. M. lhe mande saber da saude ao cagarrão. Eduardo d'Abreu pronunciou ha dias na sala dos deputados a palavra «malta». Estiveram para se atirar a elle uns dez ou doze, e agora, ao discutir-se a prisão do Mendonça Cortez, suspeito de falsario e ladrão em dois processos, um praxista das duzias, que tem feito reputação parlamentar sobre moti-

vos do modo de propôr, verbera nos pares o não se ter «respeitado o regulamento» mantendo o tunante á solta — naturalmente para lhe dar tempo de fugir. Nesta dispersão de blandicias com que os soltos pretendem talvez tapar a bocca aos catrafilados, é consolador vêr um simples moço de café dando lições d'attitude á sociedade. Ha quatro dias vem ao Martinho um portador do Limoeiro, pedir almoço para o digno par. Resposta do Valentin :

— *Num xe póde. O xerbicio é de prata.*

18 de Fevereiro de 1892.

(PEQUENA FABULA)

Metto a mão na algibeira... depara-se-me um ramo de loiro, restos da corôa que da provincia me fôra remettida, p'ra soccorro d'algum poeta sem trabalho. Andei a vêr se entre os genios da quinzena algum faria jús á conquista do meu brinde, mas ai de mim! tão prosaicos os tempos, que o pobre loiro só já tem procura no escabeche.

Guardando como disse a corôa no bolso, fui-me contar os argentarios da Rua dos Capellistas, a vêr quantos restavam soltos, desde a vespera: e os directores dos bancos revistavam-me os bolsos, certo, mas nenhum se lembrou de pôr a corôa na cabeça. Venho ao ministro da guerra, Jorge Candido — a corôa não lhe serve — corro a S. Bento, e não sou mais feliz, porque o orador José Julio está servido e o sr. Oliveira Martins comprou, em segunda mão, uma d'espinhos.

D'alli para a Academia: Bulhão Pato não está, Eduardo Vidal só de perpetuas, e quanto ao laureado Thomaz Ribeiro, (que macaca!) emprestou a cabeça para umas figuras de cera de Tondella.

Eu pelas tabacarias, com a corôa estendida, dirijo-me aos ingenuos, fallo em nome da gloria, digo o supremo bem d'ir pelas ruas com a fronte enramada, a alma pairante, os pés na via lactea, sonhando os tropheus da fama postera. Mas todos esses degenerados sorriem d'egoismo: corôas, só as de côco, em feltro inglez — e oh mundo ingrato! onde depôr este symbolo divino, que se me está a murchar nas mãos suadas? Rumor de trens, D. Maria flamba: talvez alli apanhe uma cabeça devoluta! É peça nova, sem duvida o dramaturgo aceitará tocado os loiros que lhe devo. E entrando em scena, de todas as bandas palmas e alaridos, que talento! que genio! é maravilhoso, prodigioso, é o monumento da Batalha em cinco actos! Já o aspectô nobre do grande dramamifero calefria d'arte o meu peitinho: oh como a musica tragica lhe irriça olympicamente os cabellos dos ouvidos! Como elle é grande, e como deita os pés p'ra fóra! A sua calva recorda-me Sophocles; e também um pouco a Travessa dos Ferreiros á Estrella — calva magnanima, calva synthetica auro-ral, sororal. . E vou de rojo a seus pés, com a corôa em bandeja, deante do publico chorando á face d'este peito enternecido. O dramaturgo illustre agarra-me nos loiros, desata a comer d'elles — e passados tempos restitue-me a gloria em pés de burro.

Moralidade: nunca dizer bem das peças originaes.





## SUMMARIO

Trasladação dos restos de **Guilherme de Azevedo** e **Teixeira de Vasconcellos** — Os ossos vindos de Paris serão os verdadeiros? — Traços biographicos de **Guilherme**, e seus debutes na vida — De como Santarem lhe chamava o **DIABO COXO** — Figura, saúde, e indole requintadamente amorosa — Causas physicas do seu humorismo — **APARIÇÕES** e **RADIAÇÕES DA NOITE** ; character apathico e falta de sinceridade na poesia lyrica de **Guilherme** — Vinda para Lisboa — **Guilherme** prosador e chronista : **LANTERNA MAGICA**, **ANTONIO MARIA**, **ALBUM DAS GLORIAS**, **DIARIO DA MANHÃ** e **OCCIDENTE** — Analyse da sua prosa e processos de trabalho — A factura dos "Ditos", e methodo artificial de os embutir — **A CARTEIRA D'UM VIAJANTE**, livro prodigio dos dezoito annos — Vida litterária no tempo de **Guilherme** — Casa de hospedes da Rua dos Retrozeiros, **MARTINHO**, **HAVANEZA**, e os camarins — Necessidade de ser bello, e exemplos da história contemporanea —

Infortúnios amorosos e tristeza inherente a pagar caro e ser mal servido — Pequenos ridiculos da vida enfermiza, e susceptibilidades d'orgulho, mal feridas — Ser côxo! — A ALMA NOVA, a VIAGEM Á RODA DA PARVONIA, e o ROZALINO — Entra em Paris: O encanto de Paris, projectos de trabalho, e revivescencia instantânea da sua prósa — Caça á mulhersinha, e vazio da obra sobre o joelho — A primeira syncope — Entrada na casa Dubois — Agonia e morte — No cemiterio de Saint-Ouen.

*20 de Fevereiro de 1892.*

Por lembrança d'amigos e pretendidos admiradores de Guilherme d'Azevedo e Teixeira de Vasconcellos, vão ser trasladados de Paris os restos d'estes, para dois modestos mausoleus, nos cemiterios de Lisboa e Santarem. Ideia delicada, reaver para a patria individuos que d'alguma forma a nobilitaram; ideia piedosa, porque até em esqueleto um pobre diabo deve sentir-se hostilizar na terra estranha! Como qualquer dos dois falleceu ha muito tempo, ignoro se será possivel trazer-lhe de França os ossos verdadeiros, pois volvidos cinco annos d'encerro, e não se tendo renovado o contracto dos covaes, possivel se faz que os esqueletos tenham resvalado á promiscuidade do carneiro commum, onde a podridão e a chuva os irão delindo ignobilmente. Reservarei para outra occasião fallar de Vasconcellos; ficar-me-ha na pedra Guilherme d'Azevedo, que julgo curioso estudar sem artificios d'estima, no seu modesto cyclo de poeta litterario e de humorista. As minhas notas não.

agradarão talvez aos adoradores de deuses idos, atreitos sempre a fazer da canonisação um acto obrigado, *post mortem*, mas resignar-me-hei a passar sem parabens, confiado na justiça que me assiste de dizer sem reбуço o que ao meu espirito traz chancellas de verdade. Guilherme d'Azevedo era filho d'um ~~escrivão~~ <sup>escrivão</sup> de fazenda de Santarem, Felicio José Chaves, e d'uma senhora Azevedo, de quem o rapaz adoptou o appellido, para fecho do nome, isto pela ingenua vangloria de contar na linha materna alguns verzejadores que tinham dado lustre á geração. Nasceu rachitico, escrophuloso, e como ninguem curou de lhe combater a mazella hereditaria por uma activa hygiene d'exercicio e d'alimento, aconteceu que o rapaz cresceu difficilmente, accusando em todas as phases da idade, essa cachexia triste, inimiga das expansões de força, e essa indolencia adunca, que desde cedo produz mysanthropia, e predispõe o organismo, puerilmente, para as grandes hemorragias de sensibilidade.

( Chegado á adolescencia, e vendo o pae que o seu varão difficilmente conseguiria trepar a bacharel, porque era cabula, e não havia meio de reagir sobre um organismo flebil e queixoso, resolveu-se fazel-o interromper o curso dos lyceus, e integral-o na burocracia logareja, sollicitando dos poderes a transmissão do cargo d'elle, Felicio Chaves, para o seu herdeiro. Guilherme d'Azevedo, ou Guilherme Chaves d'Azevedo (como elle assignava os seus primeiros versos, no *Almanack de Lembran-*

ças), fez pois o debute na vida, em escrivão de fazenda, cargo antipathico ainda hoje na provincia, onde os agentes do fisco são alguma coisa como os algozes do povo que trabalha. Como a familia gozasse em Santarem d'uma pequena mediania, Guilherme, com os proventos do emprego, aliaz rendosos, alli viveu sem maiores faltas de conforto, e até desenvolvendo entre o dandysmo da terra, umas galhardias de traje, que miserabilisavam mais ainda a sua pobre carcaça d'aleijado. Na terra, era antipathico, chamavam-lhe o *Diabo Côxo*, e comprehende-se. Antipathico por ser feïssimo, por ser côxo, por ser mordaz, por ser poeta, e por ser escrivão de fazenda. A sua figura sem mocidade, sem frescura, sem sorriso, sem olhar, sem musculos, sem hombros, sem calor e sem aprumo, era uma d'estas sophisticações horriveis que a natureza alira ao meio das raças, ou por cansaço ou por escarneo, ás horas de negação da sua obra, aliás augusta, esplendissima. Tinha a cabeça dolicocephala, mal feita, alta de testa, muito deprimida nas temporas, e pendulando sobre um pescoço de velha, encordoado. Os olhos eram fundos, myopes, sem chamma, as orelhas exangues, despegando-se em ansa, como se o seu craneo fosse um vaso, e nas maxillas de prognatha, dentes podres simiescamente acavalavam-se, tendo um hirsuto bigode, sem remiges, por docel. O tronco estreito sem torax, claudicava bastante para a esquerda, deslocando a symetria dos hombros a cada bordo que elle, na marcha, jogava, com a perna coxa

d'esse lado. Essa perna era o seu desconsolo trágico e o seu espectro, mais pequena que a direita, com o pé contrahido e cambado para dentro, flectindo mal, deslocada do osso da bacia, e neste ponto fistulas d'escrophula, incicatrizeis chagas babando detricos d'osso liquifeito: miserias emfim d'uma raça estanque, em cuja gafa vergontea o sarcastico destino dera em enxertar um amoroso espirito de poeta!

Com esta figura lúgubre de morto, mãos sempre frias, pelle sempre livida, cabelo sem espiral nem torvelinho — como o desses mendigos velhos, mortos de fome nas estradas — pensem nas torturas que soffreria o orgulho d'um homem voluptuoso e ardente como Guilherme, orgulhoso do seu nivel cerebral, numa terra pequena de burocratas e officialitos d'artilheria pouco lidos; passem-lhe em revista depois as susceptibilidades continuamente contundidas, os desdens das mulheres, o desprezo insultante dos sadios, e explicado terão como na alma d'esse verzejador platónico que era Guilherme d'Azevedo aos vinte e cinco, parallelamente ás flebilidades da queixa lyrica, começaria a babujar o travo da má lingua, unico desforço do invalido, e que feito litteratura o transformou depois num ironista.

Elle não podia consolar-se de ser defeituoso, e sem se queixar, evitava todos os recochetes de palestra d'onde pudesse sahir allusão á sua deplorabilissima invalidez. Que exaltação lhe causavam as bellas mulheres, por esse tempo! quantas de-

clarações amorosas sustadas, pelo pudor de ser escarnecido ! e que de desalentos, quando algumas, depois de lhe apanharem versos, e lhe terem feito a cabeça andar á roda, subitamente, por uma crueldade felina de pécoras estupidas, quebravam o encantamento ao pobre diabo, mandando-o gargarejar co'as lavadeiras !

Na povoação da Ribeira, rente ao Tejo, havia uma que elle teimosamente catrapiscou, quasi dois annos. Todas as tardes vinha, fechada a repartição, ás Portas do Sol, d'amigo ao lado, e alli cigarreando noticias, Guilherme entretinha da palestra o necessario para ter o camarada distrahido ; e julgando, em dois annos de piscanço, que o paciente companheiro por nada desse, tirava do bolso um oculo medonho, desenrolava os cilindros com mão tremula, assestava-o com modos d'astrologo d'almanack, e eil-o abstracto, a olhar a pêga, até que a pêga, massada, se recolhia do mirante sem lhe rir. Num dos seus livros, sob o titulo de *a E...* deve-se estar esboroando a alegria d'este namoro ao telescopio, verdadeiro amor de canudo, d'onde a menina sahiu casada, com terceiro. Por esse tempo a litteratura de Guilherme d'Azevedo era para assim dizer toda poetica, e a sua poesia, gorgçada de superficialidades sem arranco, ajanotada e romanesca, não conta tumultos d'alma, inquietações d'espírito buscador, nem interroga Deus sobre os mysterios do além, e com o seu vocabulario pobre, a sua imaginação vacillante e sem arrojo, reduz-lhe a obra a sequencias de banalidades do-

ces, ditas a namoradas, a invocações á musa em tom grandiloquo, a desalentos sem causa e scepticismo sem philosophia — coisas emfim bonitinhas, tristinhas, lambidinhas, como as escrevem por ahi os madrigalistas que o ILLUSTRADO expõe na sua secção de *Poetas Novos*, e são os aposthemas rimados que todo o portuguez necessita d'expellir, p'ra ter saude.

Abrem-se os seus dois volumes d'esse periodo, *Apparições e Radiações da Noite*, á busca de sentimentos, *sine qua non* da poesia, e apenas se lhe encontram rythmos, e esses mesmo pouco originaes. Não ha uma creação viva e fulgente, uma instinctividade dos *dessus* reconditos da vida, uma scentelha d'eterno, qualquer crise d'alma emfim, spectralisando a dôr á labareda d'uma eloquencia larga e passionante. O verso official, o verso anonymo dos que fazem poemas co'a cabeça, o verso engommado, sem occultismo psychico, sem infinito, de todos os sedentarios da poesia, que amam, crêem, negam ou evocam, exactamente pelo receituario das aulas de synthaxe. E é isto para mim a negação quasi total do seu valor, como poeta lyrico. Como é que este ser desprezado se não queixa? Quasimodo, se tivesse para vibrar a lyra, uma garra, a quando batido, não despregaria das cordas endeixas, mas trovões. O verso de Guilherme é bem educado de mais p'ra ser sincero: e como posição, deshonna-o. Prefiro então acreditar que as suas maguas da vida não explodissem por falta de grande estro, e que as suas endeixas fossem



uma d'estas habilidades que nos asylos se conseguem dos mudos, á força de paciencia e de trabalhos.

Mas emfim, podia não ser um genio, e todavia ter ficado entre os canóros pequeninamente originaes: «Em poesia, nomear um objecto, diz Mallarmé, é supprimir os tres quartos de gozo do poema, que é feito da felicidade d'adivinhar a pouco e pouco. Suggestir, eis o supremo afan da nossa arte!» Pois nem dentro d'estas formas minusculas o pobre moço poisa entre os primeiros. O seu verso é directo quasi todo, feito de séries d'apostrophes á pessoa ou coisa mencionada; falta-lhe a nuvem, o mysterio ondulante, e como não é a voz d'uma ancia, não ha nelle nada que interrogar: á propria musica das syllabas falta esse *charme* perturbante com que certos cantorinos, embora tratando themas banaes, evocam na alma do leitor a esphinge erratica do *au delà*.

Por morte de seu pae, Guilherme liquidou os pequenos proventos da legitima, fechou a carreira burocratica sem saudades, e porque se julgasse, como todos os homens de letras de provincia, incomprehendido na terra, e fadado a supremacias d'arte em maiores meios, transferiu a residencia de Santarem para Lisboa, onde os cafés lhe deram relações, e os jornaes chamados «elegantes» lhe procuraram captar a collaboração de chronista.

Era já um homem de trinta e seis ou trinta e sete annos, frio de tracto, fallando pouco e difficilmente, mas gostando d'ouvir, e sempre preocupado em não deixar partir os interlocutores sem um dito do fim, da sua lavra.

Para Guilherme, esta preocupação do dito resumia tudo: muita vez os conversadores não lhe attentavam no dito; Guilherme deixava a palestra repisar o incidente que lh'o motivára, e em occasião azada repetia-o, como quem não quer perder uma coisa que lhe deu muito trabalho (a). Nunca se apaixonou por um assumpto, nem coisa alguma, por mais artistica e suprema, lhe fez golfar da bocca, nalguns d'esses febris momentos de meridional, fluxos de sympathias que se assemelhassem de longe a uma torrente. A chave d'esta placidez era a seguinte: Guilherme d'Azevedo, quando chegou a Lisboa, não estava já na idade

---

(a) Ahi teem uma amostra do seu feitio d'espírito: Antes de precipitar de vermelho, Magalhães Lima teve a fortuna de ser proposto á vereação de Lisboa, pela lista progressista. Vivia ainda com Guilherme d'Azevedo no terceiro andar dos Retrozeiros, e todos os dias ao almoço, Guilherme correndo os jornaes, dizia áquelle: cá estou sondando a opinião, por teu respeito! Vejo que a imprensa nem te é hostil, nem favoravel. Apenas um jornal te chama conspicuo; verdade é que um outro te chama patarata. Tu, que decides?

Na volta para o jantar, ia-lhe ao quarto (Magalhães Lima, d'ordinario deitado) e elle, com a mão em espatula, increpava-o: andei sondando a opinião por teu respeito. Posso agora affirmar que és tolerado. Segundo os calculos mais approximados, podem-se-te garantir na eleição... uns vinte votos.

assimilativa: a adolescencia passára-a em Santa-rem, a azedar-se da embirração que alli gozava, a soffrer os cabaços das mulheres, e a tanar a delicadeza no exercicio das pequenas tyrannias fiscaes do seu emprego. Era além d'isso ignorantissimo, para elle a bibliotheca não ia além d'alguns livros d'Oliveira Martins, dos dictionarios, e do ultimo romance de Zola ou de Feuillet. Sobrelevando a isto, ainda outra coisa dolorosa, e vem a ser a sua limitada comprehensão do mundo interior e exterior. Se o puzermos agora num cenaculo de cavaqueadores algo adextrados, ou familiares sequer, numa questão, já se adivinha que

---

Dia seguinte, ao almoço, a mesma sécca: cá vou sondar a opinião por teu respeito. Tu, vinte votos, tens. És popular!

Chegava-se ao jantar: acabo de sondar a opinião, etc. Fui á Arcada, á Rua dos Capellistas, ao Gremio Litterario... A opinião cota o teu nome em... quinze votos. Caminhas, não ha que vêr!

Dia seguinte: anima-te, anima-te! Sabes quantos votos te dão hoje? Uns nove e pico. Estás sendo cada vez mais conhecido.

— Aqui ha nove annos, a colonia portugueza estudiosa de Paris costumava reunir-se às noites numa certa BRASSERIE BAS RHIN, do Bairro Latino. Guilherme d'Azevedo ia lá pouco, mas uma noite appareceu com um *Rappel* na mão, fazendo grandes gestos, direito á meza onde eslavam os nossos pensionistas d'arte, reunidos. Os jornaes d'essa noite davam a lista das graças concedidas pelo jury do *Salon*, aos expositores. Os do grupo portuguez não tinham visto; Guilherme trazia-lhe pois a *primeur* d'essa noticia. E qual o espanto, quando entre as menções honrosas foi lido o nome de Heitor, discipulo de gravura de Panemaker, e um dos mais assiduos

se elle guarda silencio, é porque ignora, sendo além d'isso timido como todos os invalidos, e se procura o dito para fecho da parlenda, é que orgulhoso, e tendo o sarcasmo como grito do seu mau estar interno, não lhe soffreria a vaidade o conservar-se inteiramente estranho ás glorias d'ella.

Neste periodo, Guilherme d'Azevedo imprime aos seus desabafos litterarios uma feição mais pictoresca. Deita-se á prosa, é o chronista do dia mais gostado, e com alguns mezes apenas de Lisboa, logra a gloriola de ser um momento o genio implume onde os «velhos mestres» põem esperança, desejosos de passar o sceptro a mãos que lhe não façam com o bico, artigos de fundo, ou memo-

---

companheiros da banca portugueza do BAS RHIN. Muitos não acreditavam na bôa fortuna do rapaz, quizeram vêr o jornal. Guilherme d'Azevedo mostrou-lhes o numero do *Rappel* que trazia, e effectivamente lá estava, na secção de gravura, a mençãosinha honrosa ao bom do moço, que não cabia em si de prazenteiro. Acercaram-se todos, veio reforço de camaradas francezes para a banca, e o agraciado, fazendo da penuria, riqueza, celebrou a distincção do *Salon*, pagando á sociedade o que havia de melhor na *brasserie*. Ruina para dois annos, vamos ! No dia seguinte, corre a certificar-se da graça, á secretaria competente, e ninguem lhe dá noticias d'ella. Seria engano ? Chamam-se os peritos do jury de gravura ; mesma negativa, havendo então certeza de que o portuguez Heitor não obtivera nenhuma distincção. Fôra Guilherme d'Azevedo que fabricára á penna, no fim das graças concedidas aos gravadores, o nome de Heitor, imitando não só a lettrâ typographica, como tambem a desbotadura da tinta, por forma a illudir, á luz do gaz, os mais espertalhões.

riaes d'amanuense. Acham-se artigos seus na *Lanterna Magica*, no *Antonio Maria* e no *Album das Glorias*, folhas estas satyricas, que o genio de Raphael Bordallo revestiu de caricaturas faiscan-tes; e assim na *Gazeta do Dia*, no *Primeiro de Janeiro*, nos tres primeiros annos do *Occidente*, e no *Diario da Manhã*, onde as suas chronicas *Cris-cris* e *Cartas d'um birman* lhe valeram successos de café, muito agradaveis. Por todos esses bocados reconstroe-se um espirito borboleteante, mas varrido d'essa exhuberancia que é o defeito e o dom dos temperamentos meridionaes, e com uma unica receita d'ironia, o dito pelo contraste, que em parte era um desforço d'escarneo, proveniente da perna côxa, e em parte lhe derivava das leituras assiduas d'Ortigão. «Veio do estrangeiro e foi posto á venda um vistoso sortimento de lenços baratos, contendo no centro d'uma corôa d'algodão a effigie do sr. presidente do conselho (Fontes) enramada de louros. Como era d'esperar, esta consagração politica tem dado logar aos commentarios mais ruidosos dos narizes que hoje se degladiam na politica militante. E caso estranho! a ira e o regosijo dos adversarios teem-se manifestado por uma fórmula completamente identica, derramando os narizes conservadores sobre o dito lenço todo o seu affecto e todo o seu rapé, e os narizes avançados toda a sua colera e todo o seu defluxo. Como é triste o destino do homem d'Estado em Portugal, e como são mesquinhas e tantas vezes comicas as consagrações que os contemporaneos lhe reservam! Depois das mais

terríveis luctas, dos mais arduos combates, só consegue ir para a gloria, indo ao mesmo tempo para a lavadeira».

É do *Occidente* a amostra que traslado, do *Occidente*, onde Guilherme escreveu chronicas té á sua investidura de correspondente da *Gazeta de Noticias*, em Paris.

Lendo estas paginas, um dos seus grossos d'obra, tem-se a sensação d'um *racommodeur de restes* polidinho, curto de folego, brilhante: o estylo claro, sem grandes curvas melodicadas, deixa escorregar phrases que não mordem, e afloram apenas a intelligencia da materia: não ha uma opinião firme sobre qualquer coisa, e aquelles tres annos de *Chronica Occidental* não deixam aperceber da vida lisboeta senão quatro ou cinco themas episodicos. Lêr por exemplo uma chronica, é saber todas: lá vem um começo de symphonia litteraria sobre o calor ou sobre o frio, allusões ao Chiado e á Havana, seguidamente ao que, pequenos avoejos sobre pequenos factos da semana, sempre os mesmos... o capitão Boyton, S. Carlos, quem morreu, o que vae na Trindade, onde está o gato? etc. Raras vezes se sabe o que elle pensa, tem uma maneira ratona de se furtar ás opiniões, passando-lhes ao lado, como os clowns, em fugas de banalidade humoristica, manuseando imagens molles dos tempos de madrigalista santareno — descamações d'estylo, frisando unicamente a molestia de pelle litteraria. Raro qualquer assumpto lhe consegue tomar quarenta linhas; é uma concisão pathognómica

d'impotencia, e agora explica-se: escrevendo elle no cerebro, antes de as entregar ao papel, as suas chronicas, natural que não pudesse ter de cór grandes tiradas. Assim a sua factura carece d'exponenteidade, mas sente-se todavia na força do methodo uma harmonia d'effeitos, que ainda hoje se lê por benevolencia, sem interesse, mas sem canceira, diga-se tambem.

O processo lembra ligeiramente o de Ramalho, menos colorido e d'uma ironia menos larga — essa ironia biliosa dos que soffrem do peito, e não podem dar gargalhadas sem tossir. Querem uma amostra da sua critica litteraria a sério? *O Primo Bazilio* d'Eça, entrando de braço dado com o *Helenismo e a Civilisação Christã* d'Oliveira Martins no pobre mercado portuguez, faz-nos lembrar um leão de *boulevard*, traz-nos á ideia Brummel indo passear a uma succursal de deserto, em companhia de Vacherot. Dos dois livros e dos dois escriptores, havemos d'occupar-nos, etc.... Uma pergunta ao leitor: Já leu a *Carteira d'um viajante*? Se não leu, tenha a bondade de lêr quanto antes, considerando no seguinte: o autor, G. Lobo d'Avila, tem 18 annos apenas (b), segundo confirma unanimemente toda a imprensa periodica, e neste ponto acho-me disposto a concordar com ella; e coisa

---

(b) ... Devia S. Ex.<sup>a</sup> já nesse tempo ser bastante velho, porque tendo nascido centenario, começou a fazer os annos para traz.

rara e que poucas vezes me acontece: seguindo eu quasi sempre o *systema* quando se trata de prodigios, quer no *theatro*, quer na *litteratura*, de ter uma opinião inteiramente opposta á do jornalismo do meu paiz, d'esta vez acho-me d'accordo com os louvores tributados ao auctor d'este livro, em que vejo antes de tudo, uma revelação brilhantissima.

A *Carteira d'um viajante* impõe aos que a escrevem aos 18 annos, uma obrigação tremenda: a de pelo menos aos 28 já terem escripto uma «obra prima».

Ao cabo de se lerem dez ou doze chronicas, comprehende-se a razão porque não poderiam ser condensadas em volume. A monotonia é insupportavel: mesmos assumptos voltam indefinidamente a chronicar-se em identicos modelos de humorada... S. Carlos e a sua estrella em *ini*, o capitão Boyton, o gato, o livro da quinzena, que o chronista não leu, e sobre que faz dois ditos que o não tocam, tudo isto de luva branca, mirando a generalidade, sem uma farpa directa, insignificante, sem phantasia, sem alegria, com um visionismo d'arte, diffuso e uma philosophia de pontas de cigarro.

A vida litteraria no tempo de Guilherme, era pouco mais ou menos o que é hoje; *misanthropias* azedas sem vintem, accessos de mau humor



com pretensões paradoxaes, ceias baratas, hespanholas, redacções, Martinho, Gremio, casa Havana, e os camarins d'algumas comicas mais puxadas. Guilherme d'Azevedo vivia de republica numa casa da Rua dos Retrozeiros, o terceiro andar que olha pr'o Frade, com Junqueiro, no esplendor então da sua verve demoniaca, com Luiz d'Andrade, Magalhães Lima, Marçal Pacheco e não sei quem mais.

Quasi sempre na rua, da uma da tarde ás tres da madrugada, percorria a via sacra dos cavacos, *ouvindo coisas*, provendo o sacco, e nestes giros elaborando cerebralmente a sua copia, guiado não pelas correlações e desinvoluções episodicas que o assumpto poderia suggerir á sua verve, mas pelo effeito a tirar do dito do fim, que nalgum cavaco lhe chispára avulsamente. Arranjar prosa d'engaste para esse dito ironico, fazel-o valer por expontaneo, num fecho de periodo, eis no que elle cuida, durante os seus periodos de vadiagem pelas ruas, d'abstracção silenciosa á porta do Martinho e da Havana, quando encostado á parede, perna côxa em repouso, a bocca aberta, carantanhante a face, e a bengalinha correndo ao longo do anel formado pelo pollegar e o indicador da mão direita, assim se impassibilisa horas e horas, vendo a turba correr, amigos fallazarem, e as suas flammantes gravatas attrahirem para o seu fascias de *morgue*, o olhar das mulheres, todo piedade. De quando em quando, copinhos de cognac: Guilherme vasava-os lentamente, e erguido o calix,

estendia para elle o beijo inferior, num momo horrivel, gostando de sorver assim o cognac gota a gota, por que estas se espiritualissem na lingua, e alli á banca, acororado quasi ao pé do calix, lembrava um macaco a tractos c'uma noz.

Devo reïnsistir nas desillusões que ao seu temperamento amantetico trazia constantemente a sua quasi repulsiva invalidez? É uma caravana tumbal tão dolorosa de correr!... Eis o *noli me tangere* d'aquella mysantropia continua, a fistula por onde fermenta em pús toda a contundida impressionabilidade poetica da sua alma! Para os artistas ser bello é uma exigencia professional tão impreterivel, como para as prostitutas, ser tentante, e miseraveis d'aquelles cuja figura não póde servir de guadamecim decorativo á grande missa pontifical da sua obra! Pois sendo filhos dos deuses, como admittir que seres d'Olympto não tragam na fronte a deslumbradora chancella da sua origem sobrehumana? Passem em revista as silhuetas de poetas e musicos que mais irresistivelmente teem fetichizado as gerações: Mozart aos vintes annos, o seu perfil sublime, imberbemente altivo, loiro de sol cendrado, os olhos azues de Seraphitus-Seraphita, em cuja estranha luz hesita o sexo, como a significar que os genios são hybridezias d'amor, não propagantes: Ricardo Wagner, vicioso-casto, a grande testa pallida d'insomnias, a bocca sphingica de Jupiter androgino, e a terrivel pupilla de tigre, verde e azul, singrada de catastrophes: lord Byron, por cujo pescoço jaspeo, num collarinho aberto, as

mulheres suspiram, lendo *Child-Harold*: Dickens, o da divina bocca humoristica, que as americanas pediram para beijar depois d'ouvida em New-York a sua primeira conferencia: Henri Heine, Theophilo Gauthier, Cezario Verde... Dizer os transfigurativos psalmos do amor lyrico, evocar, prosternado, em rimas d'ouiro, os serpentinos transe da posse, apar do leito onde Aphrodite nasce, em espumas de renda: ser um impeccavel Brummel da ironia, com a intangivel graça flirtante do espirito plasticisando um conceito sobre cada fina aresta d'um assumpto — fazer d'isto uma immortalidade e uma legenda — eis o que não é possivel sem a adolescencia loira dos cavalleiros do cyclo d'Arthur, e a viril belleza plastica dos soldados dos *Lusiadas*, no episodio da Ilha dos Amores. Para cantar as paixões, saber exprimil-as não basta, soffrel-as é pouquissimo; só da possibilidade de as inspirar deriva para a arte o encanto absorvente. Guilherme, com a sua figura de phariseu de quadro gothico, plebéa, rastejante, e inda por cima cambaia, cheia de carie e d'anemia, não podia attrahir a si musas radiosas: os seus desejos d'amor varava-os o escarneo até das femeas omnibus, que lh'os faziam pagar decuplicado, exigindo, brutaes, contactos rapidos, e pondo-o na rua aos trambulhões, inda com sede.

D'est'arte sangrava constantemente o seu pudor de macho, expulso das olympiades da carne, como um velho leproso mirrando-se de continencia: e pouco a pouco a ulcera da perna, na litteratura

fonte do seu *humour*, começou a lhe ser também na vida origem dos mais pequeninos desaires e insuccessos.

O que numa natureza como a de Guilherme mais cutilantemente revela a dôr de ser grotesco, é esse mutismo feroz da sua obra, no relativo à deformidade. Não ha a mais pequena allusão, sequer velada, a esse infortunio, em prosa ou verso: na vida intima tudo são cautellas, ronhas, disfarces pueris, para que ninguem lhe desconfie da perna pôdre.

Na casa de hospedes, ao deitar-se, fecha primeiramente a porta á chave, não vão os amigos surprehender-lhe sobre os moveis, pachos velhos. Faz as abluções locaes devagarinho, cantarolando, para se não ouvir chapinhar a agua de vegeto: tem os medicamentos na mala, a sete chaves; e quando ao fim d'um dia de mais exercicio, o pús do quadril lhe atravessa os fios, misturado com sangue, até manchar a fralda, Guilherme d'Azevedo, para que nem a propria lavadeira suspeite, rasga em tiras a parte manchada da camisa, fazendo de todas essas porcarias um embrulho, que pela manhã leva comsigo, para o engeitar na primeira escada sem ninguem.

Na lytographia da *Lanterna Magica*, o servente era côxo; uma vez, estando Guilherme lá, Raphael Bordallo que entra, e não reparando no amigo, perguntou para a officina, referindo-se ao servente, se o côxo já tinha vindo. Então, voltando-se, viu Guilherme d'Azevedo muito pallido, numa angus-

tiosa suspeita de ser tratado assim na ausencia: e durante dias, não houve rebater-lhe a funebre impressão! O segredo da sua mysanthropia, do seu frio tracto, do seu rigido egoismo, é essa perna cõxa, essa figureta rachitica, essa tez cõr do lodo, e essa completa ausencia de graça physica, que em sua consciencia lhe compromettem os successos de poeta, e o põem mendicante á porta de todas as festas pagãs da vida destra.

Não está bem perante um homem valido: a saude dos outros affigura-se-lhe um insulto proposital á sua cachexia: olha na rua um rapaz bem posto, e sente-se roubado — consequencia d'isto, procurar vingar-se, mettendo-o a ridiculo. Esta alma ossuda de paria, anquilosada de desprezo, e sequestrada da ventura brutalmente, conserva todavia sensibilidades especiaes, muito paternas, e se occultamente odeia o que pelo contraste a hostilisa, compensando, é terna para quanto a não en-sombre, *verbi gratia*, os miseraveis e as creanças. Guilherme d'Azevedo tinha sem ostentação o culto da esmola, que espargia á socapa, voltando atraz por um pretexto de cigarros ou d'objectos expostos nas vitrines, e nunca um pequenito passou rez-véz da sua myopia, que elle não parasse, embeve-cido na infancia, como num começo d'obra prima (c).

---

(c) A par dos dispersos que disse serem a obra de Guilherme, durante a sua permanencia na capital, tenho a citar em volume o livro de versos, *Alma Nobre*, a *Viagem á roda da Parvonia* (revista de theatro em collaboração com Guerra

Em 18... a *Gazeta de Noticias* expediu-o a Paris com effectividades de seu correspondente telegraphico e litterario. Eram mil francos mensaes, sem prejuizo do que pudesse tirar da collaboração para jornaes de Lisboa e Porto. Guilherme via assim realizado o ideal d'estes folhetinistas que se desculpam com a estreiteza do meio, de não fazerem obras pujantes.

Viver num grande emporio d'arte, ser uma cellula do encephalo do mundo, roçar o luxo inédito, conhecer de perto os dirigentes da litteratura de sete tostões que tamanha adoração produzia nas cavaqueiras sábias de Lisboa, banquetear numa palavra o espirito por entre os aperitivos d'uma civilisação requintada e absorvente, não era coisa que um homem de lettras recusasse, Guilherme o noctambulo *viveur*, mais que nenhum. Partiu sem saudades d'isto (para mais, muitos dos seus

---

Junqueiro) e a comedia em prosa, *Rosalino*, feita por Joaquim d'Almeida, no pequenino e hoje destruido theatro dos Recreios, no antigo parque da casa Castello Melhor. Cumpria criticar aqui estes trabalhos, mas da Bibliotheca Publica, á casa dos amigos, vergonha dizer, não me foi possivel topar um unico exemplar. A *Alma Nova* é o volume de poesia onde Guilherme pompêa mais galhardamente, mas diga-se a verdade, pouco ou nada vale. A *Viagem á Parvonia* não passou d'uma tentativa de satyra dialogal, menos humoristica do que azeda, e julgo que mal acceita pelo publico.

*Rosalino* um ensaio de theatro comico sem brilho, nem caracteres de resistencia que o recommendem.

amigos viviam lá tambem) decidido a installar-se, a trabalhar honradamente num *entresol* do *boulevard* Saint Germain, que lhe arranjam mesmo defronte do theatro Cluny, e a preparar no seu cantinho tépido, sob os bafejos da grande civilização, a obra definitiva, pousada e forte, que o devia fazer ficar entre os primeiros da raça nova.

Encantava-o sobretudo o anonymato da vida pessoal, naquella enorme cidade onde ninguem repara nos defeitos dos outros, onde os requintes da voluptuosidade é uma questão de pagar bem, e o homem mais celebre tem feito a fortuna de circular desconhecido por entre o *tohu-bohu* das multidões. Revelam as suas cartas para a *Gazeta de Noticias* que effectivamente para alguma coisa Paris lhe entrára n'alma e na cabeça: o estylo não tem mais sangue do que em Lisboa, mas a visão das cousas é mais certa, e quanto ao recorte do periodo, ganhava em turgencia, o que pouco a pouco ia perdendo em ironia.

Para certos assumptos mesmo, é ultrapassado o limite das quarentas linhas de Lisboa, o descriptivo fluidesce e corre, e com treze annos de menos Guilherme d'Azevedo teria dado, sob o influxo da grande Méca do chic, um prosador ligeiro do melhor grão. Mas não se tem debalde quarenta annos, e com começos viciados, n'aquella idade, todo o progresso litterario, é uma modalidade nova dos defeitos anteriores. Além d'isso o escriptor, mercê da sua desorientada satyriase, dos seus habitos de café, das suas vagabundagens sósinhas,

té deshoras, em Paris, como em Lisboa, jámais consegue methodisar a copia té ao requinte, de a fazer perfeita pela polidura morosa da fôrma, pela concentração do espirito sobre o assumpto, e por todos esses infinitamente pequenos da redacção cristallographica, escolhida, torturada, sem os quaes nenhum prosador se poderá gabar d'escrever bem. A sua composição mental, auxiliada, como disse, por uma retentiva prodigiosa, permittia-lhe escrever as correspondencias na cabeça, antes de realmente as fixar nos linguados d'imperial. A' sahida dos paquetes, faltando só quatro ou cinco horas para a mala fechar, Guilherme sentava-se á banca, punha o relógio defronte, e d'uma assentada, com calligraphias magnificas, sem hesitações de palavra, nem um borrão, nem uma paragem, nem uma linha riscada, despejava a cabeça nos linguados, terminando justamente quando, fechada a posta geral, só havia tempo para ir de carro á gare d'Orleans, lançar o manuscripto. D'esta maneira, a sua prosa tinha apenas o encanto da primeira leitura, em quanto os factos tinham novidade: nem isto perante a critica se póde chamar a obra d'um escriptor, tão perto ella está da tachygraphia neutra dos reporters. Apesar d'isso ha páginas frisantes: a carta sobre Offenbach é quasi bella, e a do enterro de Blanqui grava a impressãõ com lucida energia. Mas foi o seu canto do cysne; a projectada obra prima nunca passou de sonho obsedante, e a semana esgotava-a Guilherme a fabricar de memoria, Deus sabe com que custo,



a sua pobre carta para a *Gazeta*, e a sentir a parisina, ou alcaloide toxico de Paris, a poder de deboches e indigestões gafar-lhe o sangue, manietal-o á cachexia dos seres sem resistencia hereditaria, e delil-o em pús pela chaga escrofulosa do quadril. Ao cabo d'annos de residencia em Paris, a pouquissima energia physica levada de Lisboa, começou docemente a esvaír-se por todos os esgotos mil da vida artificial do homem só, que para mais tem a desgraça de ser libidinoso, de descurar a hygiene nos seus detalhes d'asseio corporeo, os mais solemnes, e de se nutrir com os *bouillons* falsificados d'uma capital onde a verdadeira carne é só pr'os ricos. Livros que o illustrassem, apenas lia um ou outro romance, tendo preferido nas letras constantemente o brilho á profundeza, e produzindo a opinião grotesca de que os artistas devem ser ignorantes, afim de manterem a individualidade illesa e sem mistura. Erguia-se tarde, passando o dia nos cafés, e a noite nos *boulevards* e theatrinhos onde vão mulheres de leito. A mulhersinha continuava a ser o seu vicio absorvente; arrastava-se traz d'ellas, sem energia, deixando-se explorar como um pateta, e soffrendo no orgulho de homem a humilhação de, por exemplo, mulheres de luis lhe exigirem pela noite, cem, duzentos francos, allegando-lhe na cara as faltas d'aceio, e os nojos animaes da sua carcassa inseputa e claudicante. A satyriase tornara-se-lhe numa espécie de signal de degenerescencia affectiva, d'onde toda a ideia de desejo intellectual fôra abolida.

Tinha perdido quasi o instincto da belleza, a ponto de só lhe apetercerem as mulheres gabadas pelos outros. Passava uma. — Explendida mulher! dizia alguém. E elle, surgindo, com um arranco afflictivo, da somnolencia habitual, reaccendia luz nos olhos cavos.

— Bôa, hein? Achal-a bôa?... e d'alli a bocado partia ás furtadellas, para a basofia, já por fim platónica, de vir passar com a magana rente ao grupo d'onde partira o elogio. Gloríolas d'estas custavam-lhe a ruína, e não obstante sempre nas suas contas pôz escrupulos d'um verdadeiro homem de bem. Para os mesmos intimos, as susceptibilidades do tocante ao mysterio de que pretendia envolver seus males physicos, tinham, tiveram sempre um cunho de pudor feroz, quasi maniaco. Levára de Lisboa uma quantidade de botas confectionadas pela deformação do pé esquerdo, e estragadas que foram pelo correio pedia mais — o que não obstava a que em Paris adquirisse calçado symetrico, dando á medida o pé sadio; como a persuadir de que o aleijão fosse tão leve, que nem os proprios sapateiros davam por elle.

Em março de 82, indo a porteira prevenil-o da visita d'uns amigos, topou-o cahido em syncope no gabinete de trabalho. Chamou para o corredor, os amigos entraram a levanta-lo e, procurando frascos num desvão jacente ao quarto, acharam numa prateleira, novas em folha, as botas do pé doente, desirmanadas dos pares adquiridos pelas sapatarias de Paris, e immensas rumas d'*Evéne-*

*ments* e *Gaulois*, lidos em segredo, com pedaços de chronicas marcadas, revelando as leituras profissionais, estudiosas, d'esse chronista que se jactava de não lêr.

O desmaio fôra o primeiro aviso da morte ao gozador estanque d'energia. Ia em seis mezes que o pobre começara a sua *toilette* de cadaver, espececendo sem causa revelada, perdendo musculo, locomoção, coragem, e appetites, vivendo de gelados e ovos crús, sempre a queixar-se do estomago, de canceira, vertigens, dôres erraticas, e sem nunca revelar ao medico, um portuguez, amigo dedicado, a occulta causa de toda aquella progressiva empestação. Levado à cama ainda sem accordo, reconheceram ao despil-o que todo o quadril esquerdo, era uma ulcera atonica, com depressões já gangrenosas, e platós de rebentos cicatriciaes, babosos de sanha; e então se explicou tudo, a sua progressiva cachexia, as más disposições, a dyspnea, o cansaço, a côr de palha, e o fetido putrefacto e morno que exhalava.

Quando volveu a si, vendo os amigos, teve um repellão de terror, seguido de revolta. Estava descoberto e parecia-lhe a elle que a gravidade do mal não derivaria tanto da doença, como de se haver divulgado emfim o segredo ridiculo da sua vida falha, origem de tantos fingimentos, fermento de *mysanthropia* — e co'as lagrimas em bagádas, as mãos implorativas, esse que nunca chorára, corria o olhar de redor dos rostos tristes: então já sabem? então já sabem? — e inconsciente do mais,

só via perdição no facto d'esses amigos intimos saberem !

Veio uma enfermeira : Guilherme agora, agarrado á vida, tudo era perguntar se haveria gravidade. Insistiam com elle a entrar numa casa de saude, mas a ideia espavoria-o, e como ia crescendo a febre, e a ferida successivamente tomando uma côr mortificada, uma manhã, Lino d'Assumpção fallou-lhe brutalmente : e o pobre em face da morte, aniquilado emfim na esperança ultima, deixou-se conduzir á casa Dubois, com Lino d'Assumpção, Eduardo Garrido e Raphael Bordallo. Era um abril de Paris, dia sem sol, nublado e melancholico.

A casa de saude, d'um silencio angustioso, fez impressão lethal na ideia do doente. Um cheiro a phenol, a suor de febre, e a caldo rançoso, enau-seava. Enormes corredores de tectos rectos, sem pintura nem estuque, pavesados d'asphalto, recebiam da esquerda as portas das camaras dos enfermos, e da direita as dos laboratorios, installações de cirurgia e de pharmacia, amphiteatro, e casas de desinfeção e rouparia. O quarto para Guilherme era o N.º . . . , de paredes caiadas, a camilha branca em tom de esquiife, janella sobre a quadra, uma poltrona de marroquim, e um pequeno tapete usado aos pés da cama. Cahindo do tecto, sobre o leito, á altura do braço, uma argòla de ferro suspenza d'uma corda : e era isto a nota desolada, aquella argola pairando, como a dizer que não teem outro amparo na morte os sem familia. Gui-

lherme ao entrar cahiu um instante na poltrona, suffocado, e esteve assim pedaços, a correr com a vista inquieta a mortuária brancura do recinto. Sobretudo, o silencio horrorisava-o, as enfermeiras de negro e touca branca, marchando nos bicos dos pes, faziam-lhe suores; e ergueu-se um instante, apoiado á bengala de Garrido, foi á janella, e o pateo da prisão, paredes brancas, com essas esguias arvores de Paris, lembrando metempsychoses de tísicos onanistas, deu-lhe uma tal ancia d'ar livre, uma nostalgia tão desesperada de patria, que supplicava o levassem p'ra longe, fôsse para onde fôsse, pois não chegaria ámanhã sentindo-se alli só. Desgraçadamente pedia um impossivel e então curvou a cabeça, dizendo: já d'aqui não saio! em quanto suffocados d'angustia, os tres camaradas nem tentavam sequer desviar-lhe a prophecia.

A 6 d'abril do anno de 1882, Quinta-feira d'Enfermeças, Bordallo que entrára na casa Dubois, foi subitamente detido pela enfermeira, que o avisou d'estar Guilherme d'Azevedo agonisante. Escusado dizer que a prevenção se tornava inutil, dada a camaradagem artistica dos dois homens: de mais, outras visitas leaes vinham chegando... Lino d'Assumpção, que na ausencia de Guilherme se encarregára da correspondencia da *Gazeta*, e fôra a Londres antecipar de vinte horas uma noticia de paquete afundado nas costas da Catalunha, com passageiros do Brasil... Eduardo Garrido, o alegre socio das noitadas de café e d'opera comica, que todos os dias vinha duas vezes, saber do seu

amigo... Juliette, uma *petite amie de la jeunesse qui soupe*, e cuja diaphaneidade d'alma evocava a de Mussette, sua similar nas *Scenas da Bohemia*; e emfim passados estes, os amigos mais vagos, admiradores e patricios simples, por quem a má nova correra, e alli vinham prestar ao pobre chronista agonico, os seus disvellos. Consultado por Bordallo, Germain Sée dissera, dias antes — tem infecção purulenta; é uma questão de dias, de meses, ou d'annos. Ignorava ainda a profissão litteraria de Guilherme, e ao dizerem-lh'a não pode reter a surpresa de que um cerebral se deixasse morrer por porcaria. Effectivamente, de porcaria foi que Guilherme d'Azevedo allim morreu. A ulcera, que hygienicamente pensada, nunca talvez lhe viria a ser fatal, entregue ao desmazello aprofundou-se, e dada a fraqueza congenita de Guilherme, a má alimentação dos restaurants, os esgotos do prazer e as noites sem dormir, tanto a esqueceram, que acabou por lhe infectar a economia. Á entrada na casa Dubois, a immundice era tanta, que houve de se lhe arrancar dentro do banho, com espatulas e pinças.

Entraram os amigos; effectivamente agonisava, e pelo quarto o fartum da gangrena, que se pega á roupa, e se não vae da narina, e nunca esquece, e teima em acompanhar a gente a toda a parte, o fartum da gangrena empestava o ar, e transvertia em nausea a magua, e a saúde de o vêr, numa especie d'ancia de que elle acabasse quanto antes. Ainda os reconheceu, e já sem forças, fez um inu-

til gesto para lhes estender dois dedos mortos : tinha as pupillas dilatadas, na pelle um visco frio, o pulso filiforme, uma sêde na goela, que nenhuma agua fartava, e lhe fazia arrancar gemidos d'aflicção. O transe durou assim cerca d'uma hora, ao cabo do que, já frio o corpo, Raphael Bordallo lhe tirou a mascara no gesso, depois de vencidas as formulas impostas pelo regulamento policial, em casos d'estes. Era, como disse, a Quinta d'Endoenças, e pelo uso francez, só no seguinte sabbado se podia dar o corpo á sepultura.

Este enterro foi a mais triste coisa que se pôde imaginar. Chovia, e os amigos do morto eram tão poucos ! De sorte que no cemiterio o prestito cerrava-se, fazendo-se ainda mais pequeno, por que se não perdesse naquella terra estranha esse calor de patria que vinha dos corações batendo d'anciedade. Cada qual lhe lançou então na cova a pá de terra, consoante os ritos de amizade, e ouvia-se a voz do visconde de Faria dizer fanhosamente :

— Eu cá sempre o tive por uma pessoa ordinaria : tres annos em Paris, e nem sequer um cartão me foi deixar ao consulado ! . . .





## SUMMARIO

---

Segunda exposição do GREMIO ARTISTICO nas salas da Academia Real das Bellas Artes — Duzentas e setenta e cinco peças de processo — Gloria em cedulas — Os quadros de Malhôa, desde o marquês de Pombal até ao burro — Para fazer pintura historica, é necessario... — A arca de Noé e o diluvio — Silva Porto e os romances-folhetins — A INFLUENZA na paisagem — BARCA DE PASSAGEM EM SERLEIS e CABEÇA DE CAMPONEZA — Antonio Ramalho, o gordo, e José Queiroz, o de Villa Viçosa — Salgado e os gelados de virgindade — João Vaz e Marques d'Oliveira — Paysagens d'escarlatina, com molho d'aurora boreal — A rapariga do ESPERANDO OS BARCOS — Pintores novos : D. Carlos de Bragança, Baeta, e Ezequiel Pereira — A exposição comica — Centro dramatico, por uma couve, e trinta mil réis por uma pescada ! — Catechese d'uma donzella aos coelhos da senhora sua avó — Pede-se o dr. Charcot p'ra tres bananas — Resenha critica da

exposição — A pintura inexpressiva ; suas causas — Parallelo entre a evolução do livro e a evolução do quadro — Hugo, similar de Delacroix : Delavigne, colaço d'Ingres e Delaroche : Gerardo de Nerval, projecção do orientalismo de Marillac — O naturalismo, suas causas depressoras no papel da imaginação na obra d'arte — Os que pintam ao palmo, e os que não sabem o que pintam — Alviçaras a quem achar um genio — Conclusão.

14 de Março de 1892.

Nas salas do antigo museu da Academia de Bellas Artes abriu o *Gremio Artistico* uma exposição de pintura, gravura, e esculptura, constante de duzentas e setenta e cinco peças de processo, perpetradas por setenta e cinco pessoas d'ambos os sexos, com a aggravante de serem todas maiores, e muitas exercerem no continente e ilhas o mister d'artista, segundo de seus livretes pude colligir. É uma accumulção de trabalho que muito honra as brechas nacionaes, e que como factura revela progressos notabilissimos, comparando o certamen de hoje com os que ha vinte annos fazia, naquellas mesmas salas, a Sociedade Promotora de Bellas Artes.

Como nenhum dos expositores pretende, com os paineis patentes, fazer avançar d'um fôlego a arte universal, e quasi todos se julgarão quites co'a gloria, se do comprador recolherem os tostões no catalogo assignados como remuneração do seu trabalho, cuido que haverá meio de fazer a todos justiça, sem maiormente lhes esfolar as lombas da

vaidade. O caminho é longuissimo, e as minhas notas um pouco desconexas. Não façam d'ellas pois roteiro de via sacra, e considerem-nas apenas como uma especie d'extracto dialogal, ouvido de passagem, estando nas salas da exposição, homens serios e *blagueurs* — meio por meio.

JOSÉ VITAL BRANCO MALHÔA: physionomia correcta, barbicha loira, ar cortezão, sublinhado de força laboriosa. É este anno o audaz do grupo expositor, procurando romper a mediania commum por investidas ardentes pela pintura em grande, com uma coragem que é a explicação principal do seu triumpho. Não esteve lá com meias medidas: agarrou em cinco metros de lona, e atirou-lhe pr'a cima uma prodigiosa quantidade de tintas, de côres varias, chamando *O ultimo interrogatorio do marquez de Pombal*, á resultante historica d'esta salada. A scena parece ter-lhe sido inspirada, conforme a citação postada no catalogo, pela narrativa que Pinheiro Chagas do caso faz na sua historia. Vêem-se juizes á esquerda, togados e com cabelleiras de pós, traz d'um bufete; no centro de honra do quadro, o marquez de velludo amarello, entre duas filhas, d'estatuas dolorosas; occulta c'o espaldar da cadeira do reu, uma dona de negro, que dizem ser esposa: depois do que, pela direita, nos planos vagos da tela, dois famulos trocam entre si algum recado urgente.

As figuras são talvez maiores do que humanas, e ha no ajustamento d'ellas á synthese dramatica, uma porção de labor que é respeitavel. À parte o grupo de juizes, que não é feliz, nem como desenho, nem como côr, havendo apenas uma certa intenção no olhar do que escreve, e tem uma passavel cara d'esbirro, todas as mais figuras são decorativamente postas no tablado, e foi sobretudo no trio do marquez e das mulheres ajoelhadas que a sollicitude da pintor concentrou mais bellos charmarizes. Ahi se vêem estofos violentos, festivamente improprios, me quiz parecer, da scena tragica que o artista evoca, produzidos com um brilho de gammas estridentes, azues celestes, amarellos de metal, vermelhos de morango, tudo excellentes pinturas de processo, bem nuançadas nas pregas, justissimas de tom, e trabalhadas com uma predilecção entusiasta por esta ordem d'effeitos, que sendo a parte facil da empreza, é tambem a que mais vivamente fascina o colorista, e chama ao successo o olhar spasmodico do publico. Em tudo quanto diz respeito a accessorios e detalhes, ha nesse quadro uma riqueza de seiva que faz honra a Malhóa, e nos demonstra estar elle completamente senhor do *métier*.

A distancia, os mais pequeninos pormenores saltam da tela, com um brilho de coisas verdadeiras: por exemplo, o bufete é maravilhoso, os papeis e cofres por cima d'elle, os cartapacios cahidos pelo chão, a almofada de velludo onde o marquez poisa o sapato, a meia de seda, e o tapete persa que

veste o chão, enrodilhado numa das pontas, o brocado branco da mulher que está de costas, tudo isto são fieis e flagrantes ressurreições decorativas, d'uma fogosa belleza scenographica, que Malhõa esgotou, e d'onde imagino se não possam tirar muito maiores successos picturaes. Entretanto, qual deve ser a mira esthetica d'um quadro tendo por titulo: *o ultimo interrogatorio do marquez de Pombal?* Expressir, com a maior somma de dados psychologicos a agonia d'orgulho, d'intellectualidade superior e de grandeza social que foi essa retractação do marquez, penitenciando-se de culpas que historicamente fazem a gloria do seu reinado, e de que elle não podia ter responsabilidade juridica, attento o facto de as estribar na auctoridade do idiota regio, de quem se dizia sempre humilimo servidor. Pôr seguidamente em contraste essa grandeza resvalante d'ex-ministro, com a mesquinharia de juizes, seus inimigos pessoaes, encarregados de o arrasar; suffocar numa palavra o leão decrepito, terrivel ainda, numa atmospheria de banalidade crapulosa, de beatice besta, todo o expresso pela contractura physionomica e pela mimica d'algumas figuras humanas, todas fóra de si, entre o strictamente necessario d'accessorios para precisar o local da scena, sem distrahir do proposito dramatico inicial.

Conseguiu Malhõa approximar sequer os seus esforços d'artista, d'este criterio indispensavel a quem põe em scena typos anormaes? Nem um instante! O seu marquez de Pombal é velho ché-

ché de trajos peralvilhos, cabelleira d'estopa, perfil de latinista, com uma cara onde em *cold-creams* d'actor vegetam *soupons* de carmin de velha *duegne* — e gestos tão vãos, pose tão neutra, que nessa decadencia não ha um só traço revelador da alma d'excepção; por maneiras que em vez de julgado por crimes d'estado, o que o nobre ginja parece é fazer exame de doutrina christã, deante de tres curas, entre companheiras d'escola pesarosas de o vêr titubiar nos peccados mortaes. Todo o estudo de physionomias é morto, e os gestos automaticos, cheirando ao pintor inconsciente da resultante emotiva, desinteressado da psychologia, incapaz de viviseccões na alma historica, e vendo apenas nas catastrophes antigas, pretexto para magicas d'estofos hilariantes, moveis de preço, e immobilisações d'actores em quadros vivos.

Não vale confranger d'esta franqueza. Os defeitos que aponto não dizem exclusivamente á arte de pintura, mas são chancellas das gerações pensantes actuaes. Todos enfermam d'elles, historiadores, actores, dramaturgos, caricaturistas, architectos, louceiros e musicos. Além do que, Malhõa tem por companheiro d'infortunio, o extincto Lupi, cujo quadro da Camara Municipal não é superior como sonho historico, á grande tela que a Pomba-leidade acaba de lhe dar.

Iniciando a resenha por personagens d'importancia, venho a cabir do marquez de Pombal, no rei D. Carlos, de quem Malhõa produz um retrato de generalissimo, com mais medalhas do que a

carroça do Conceição Silva, das bolachas. Painel para o tribunal de contas, diz o catalogo, e logo se vê pela emproada attitude, cambando sobre a esquerda, pela brasa do olho e o ar legiferante, que é pintura para infundir respeito aos conselheiros. Na pála do capacete, o reflexo do verniz, num traço a branco, põe uma ideia de nastro de ceroulas. Historicamente, a allusão chispa verdade: é o nastro das ceroulas o elo que na casa de Bragança sempre tem prendido a ideia de guerreiro, á ideia de monarcha.

Tambem nos estudos de paysagem o sympathico pintor não fixa uma maneira sua, inconfundivel. Por exemplo, *A regra dos alfobres*, recorda Sousa Pinto, sem o aleijão do pé esquerdo da mulher. *O almoço para o pae*, o *Gritando ao rebanho* e as *Primeiras tentativas*, são variantes da tela que Manuel Henrique Pinto expoz o outro anno, naquelle mesmo logar, sob o titulo d'*A caça aos taralhões*; e quanto ao *Crepusculo*, é um *pot-pourri* do *Angelus* de Millet, com menos unccão religiosa, e mais batatas.

Não é isto dizer que o primeiro recémvindo pinte o que alli está, nem depreciar tampouco o trabalho de quem, se borbolotea pela pintura dos lados, é que ainda não topou maneira que lhe quadre. Na *Regra dos alfobres*, toda a execução do quadro é correctissima: nas *Primeiras tentativas*, a anatomia da rapariga deitada, não deixa absolutamente nada a desejar; e todavia teem um ar neutro ambas as telas, falta-lhes esse *quid* que é



a scentelha do talento apercebendo um recanto inédito da vida: a gente inda as não viu, já as calcula, e ao interrogal-as o coração não bate, porque nessa pintura bucolica, sem por baixo, tudo se limita á banalidade da copia do modelo. A *ultima gotta* é uma telasinha de genero, inspirada num motivo de miseria popular, mui captivante. Representa, num recanto de cabana, uma creança nua, sorvendo, ao pé do lume, as ultimas pingas de caldo d'uma tijella. No primeiro plano, á esquerda, um par de chancas e uma tenaz: junto á creança uma jaqueta velha de saragoça: o caldeiro ao centro, na lareira, por entre cujas cinzas se avermelha o olhar da brasa. A nudez do pequeno, com a pelle suja, e a carne molle e tenra da infancia medrada a brôa, é um bocadinho d'observação dado o character: o rebordo da omoplata avulta-lhe sob a gordura do hombro erguido, e a trunfa loira de milho, quasi lhe cobre o lobuloso da orelha mal lavada. *Tanico* é uma repulsante hirsutez de farrapeirão desymetrico de cara, de mendigo ophthalmico, cariado nos dentes, e pavoroso d'escoria social. É uma pintura d'esforço, fiel ao ponto de se lhe sentir o fartum de bicho a monte, e tão desagradavel á vista, que se lhe diz de mau humor: não póde ser! Onde na residencia ponderar tão repellente criação? Na sala, largaria piolhos. Na escada, não convidaria a subir... Mas ahi temos *Pensando no caso*, estudo da infancia estudiosa d'um burro, d'orelha murcha, e o ar de concorrer á cadeira de philosophia do lyceu. Não comprehende os apontamentos do Pedro

Monteiro, vê-se, e por outro lado, com as reformas do Valbom, perdeu a esperança d'ir 'lá p'ra fóra em secretario de legação. É assim que neste paiz se compromette o futuro da mocidade. *Retrato de S. A. Real o principe D. Luiz*, por acabar. A carita do pequeno, uma deliciosa fusão do queixo orleans, c'o a testeira bragantina, tem os mimos da infancia dealbada no luxo dos palacios, como uma divina perola entre os recatos d'uma concha. Malhóa não se poude furtar ao chic de todos os pintores de presumptivos, sobre cuja paleta está imminente o habito de S. Thiago, mas ha nesse preciosismo de tintas diaphanas alguma coisa do miguelismo d'um bom vassallo, e a gente até num retrato gosta d'aperceber a profissão de fé do retratista. Em resumo, a exposição de Malhóa constitue este anno uma pequenina resenha do universo, um *tute-li-mundi* de zoologia e botanica, seleccionado por fórmula a produzir, positivamente a curva ascencional da criação. Começa por aboboras, sobe depois ás batatas, d'ahi deriva no burro, d'onde passa p'rás pastorinhas, — e depois para o presumptivo, e d'ahi p'ró ministro, e d'ahi p'ró monarcha. . Se entre as batatas e o asno nos tem pintado um lagarto, e seguidamente ao monarcha figurasse a oleo um Padre eterno, a arca de Noé seria completa, ficando ao artista o direito de dizer: depois de mim, o diluvio!

ANTONIO CARVALHO DA SILVA PORTO: discreto, pequenino, o ar d'um Christo que tivesse pedido feriado na ceia dos apostolos. Por baixo da ultima

tela do anno passado escreveu a palavra *continúa*, dando a entender que a sua paysagem fórma série, como nos romances-folhetins. E de facto, eil-a est'anno proseguindo, no mesmo estylo equal, personagens identicos, a mesma falta de surpresas, e a mesma impermeavel monotonia. Lembra estes saloios que dizem: eu cá sou Frúscisco Castanha, aqui e em toda a parte! Elle por toda a parte é Silva Porto. Está este anno um pouco definhado, e a sua paysagem dir-se-hia convalescer d'um ataque d'influenza, tão doces tintas de esmaio lhe desmereceram a elysea mocidade. Tem uma grande tela minhota, *Barca de passagem em Serleis*, onde a intuição da vida rustica lhe fez aperceber recantos flagrantissimos. Ao centro o rio corcova e espraia-se pela areia, no fundo serras, um grupo d'arvores á esquerda, e o ceu opaco, como se o sol tivesse posto oculos de fumo. A barca vae largar d'uma das margens, transportando um carro de milho, com carreiro e bois, de rustilhada, e já a barqueira fincando a vara na riba, impelle o barco na direcção da riba opposta. Toda a porção esquerda do quadro, areia, arvores, serra, e sombras de verde poeiroso na água quieta, são d'uma realidade evocativa, penetrada d'encanto, d'uma justeza de tons, maravilhosa. A postura da barqueira sabe ligeiramente a academia, a água que reflecte o folhelho do milho é francamente má, e os bois do carro se me afiguram um tudo nada de cartão. *Cabeças de camponeza*: typo de povo, vincado por signaes scientificos de raça, que o artista fixou

num momento de synthese genial. É a gulodice rara da exposição de Silva Porto, esta cabecita chata de sopeira, queixo redondo, a pelle de grão vermelho, olhando de lado — como quem diz que não é d'essas... Fragrancia de rosa rustica respiram-se das suas chitas lavadinhas, do mandrião pintalgado, do lenço vermelho do pescoço, do aventalinho fazendo-lhe peitoral na castidade do seio ainda adormecido.

A bocca, humida, plebéa, d'um riso besta de camponeza que se sente observada, é uma maravilha de *rendu*, e no modelado da testa sente-se o mestre acostumado a estudar amorosamente o seu modelo. D'ahi por diante, a exposição de Silva Porto é uma série de manchas rapidas e vagas, historiando instantâneos d'impessão: aqui uma casita entre arvoredos, charcos reflectindo ramarias d'outomno, empoeiradas, mais além veredas com silhuetas de camponios, alpendres, beirões, cancellos rusticos, moitas, marinhas, bocadinhos emfim de natureza áphona, desenhados com arte, coloridos com verdade, perfeitos, fieis, sentidos e banaes.

ANTONIO MONTEIRO RAMALHO: pachorra gorda, com um excesso de cabello na fachada, e olhitos onde a bonhomia catrapisca de malicia. O seu *Claustro de Cellas* é azulejado a primor, e excellentemente posto em perspectiva. Faz um *remember* poetico d'essa saudosissima estancia de Cellas, escola de doçaria portugueza do norte, hoje deserta, e retalho d'uma architectura sacra que não

tem parceiro nas crastas dos mais antigos mosteiros do paiz. Do claustro de Cellas dois lanços só valem menção de coisas d'arte; são contemporaneos de D. Diniz, dos começos do seculo xiv por consequência, quando a escriptura transige do periodo hieratico romano para a iniciação do gothico primitivo. Ha o estilobato geral sobre que vão arcadas de cintro pleno, pouco extensas de raio, geminadas e de capiteis quadrangulo-pyramidaes de vertice invertido, em cujas faces correm a alto relevo scenas da vida da Virgem, lendas de santos, e ornatos de mui caprichosa brincatura. São estas devotas passagens o que mais tornam a crasta interessante, pois os altos-relevos, polychromos ao uso do tempo, teem, a par de ingenuidades adoraveis, uma expressão de fé profunda, alliada ao génio do grosseiro esculptor que as trabalhou. Ramalho produziu artisticamente a crise scenica que a veneravel reliquia de D. Diniz usa infundir no visitante, e se não fôra a brejeira que toma croquis sentada no poial, e as verduras um pouco hortaliças de dentro da quadra, o effeito intensivo seria completo, o que não quer dizer que o não seja, sob o ponto de vista simples da paysagem decoral.

Tambem a sua creança de velludo vermelho, e cabelleira á bretã, tem certa espaventura — devia ser assim a infancia do cardeal Americo dos Santos, — e ainda os pasteis de dama loira e dama bruna, esta ultima co'os olhos tão grilantes, que a não serem de vidro, por força estão a olhar p'ra alguma alface.

JOSÉ QUEIROZ: tinta biliosa, olheiras fatigadas, e a polidez discreta dos que muito vêem e muito calam. Sabendo que o beliscam, evita pôr-se em fóco, com os olhos no dia em que conquistada a carreira, e installado sem dependencia na vida, então tenha tempo para julgar a frio os seus algozes. Em arte tem progredido um pouco ao desamparo, sem a revalenta do pensionato de Paris, e sem o *biberon* da Academia, mas nem por isso os seus quadrinhos são peores que os da maioria erudita do certamen. Tem uma grande tela d'água e ceus nublados (o Tejo na Gollegã) cujo effeito sem ser poderoso, accusa todavia curiosidades sympathicas, e progressos em que o labor por enquanto suppre a inspiração. Mais cinco quadrinhos a branco, colhidos na villegiatura de Villa Viçosa, factura simples, pequenas coisas humildes, com filetes de sombra, beiraes caiados, rodapés d'almagre, onde o paiz quente deixa alguma coisa do seu sol. Póde ficar sendo o Queiroz de Villa Viçosa, *pendant* da Josepha... d'Obidos.

JOSÉ VELLOSO SALGADO: hespanhol de Lisboa, educado em Paris, actualmente em Florença a apurar. Aptidão complexa, grandes faculdades d'assimilação, perigosas, dada a sua tendencia em seguir os modelos que o captivem. O seu panno decoral, *Amor e Psyché*, tem uma figura esplendida d'Ephebo, desenhada com seiva, e pintada com verdadeira comprehensão da vida intima dos tegumentos. Poder-se-lhe-hia exigir talvez que a pelle d'esse bello nú da fabula, evocado da edade

grega, tivesse a gamma fulva dos corpos habituados a girar sem vestimenta, que assim branco e exangue, o corpo do rapaz evoca logo o modelo habituado a ceroulas e camisola, e despindo-se só para a meia hora de sessão no *atelier*. A figurinha de Psyché é uma especie de gelado de virgindade, com sua gotta de calda de morango no nombril, e nas pontas dos dedos o lys symbolico das fontes onde ninguem ainda metteu bilha. Expõe tambem um *Hamlet* preto, num fundo gemma d'ovo, vendo, depois de roer as unhas, se lhe ficaram espinhas no sabugo. Esta *pochade*, o unico ponto commum que tem com Shakespeare, é... ser o retrato do esculptor Teixeira Lopes, cuja physionomia caseira e trunfa de cabello archi-latina me parecem bexigar seu tanto a concepção que Salgado tem do extranho principe dinamarquez. Infinitamente superior é a cabecita de creança, posta de perfil, numa attitude implorativa, o nimbo d'oiro na frente, como um estudo de seraphim, dos primitivos.

JOÃO RODRIGUES VIEIRA : ar bom rapaz, luneta esperta, e professor da universidade — o que não quer dizer capello de pintura. Tem do *Claustro de Cellas* o bocado que Ramalho produziu na sua tela, visto porém da quadra, por fórmula a dar o contraste entre a archaria gothica de D. Diniz, e a porção toscana, banal, da outra face. Toda a parte architectural do quadro é interessante, e justo o desenho; quanto ás verduras do pateo, simplesmente decorativas, servem para fazer valer os relevos e tons de pedra, e pouco dizem. No mesmo

caso a *Orchídea*, onde se reproduz um bocado do claustro, ajardinado, e sua monja descendo, com um pote de flores numa das mãos.

JOÃO VAZ: setubalense, poeta do seu rio, d'onde uns pescam salmonetes, e elle pesca marinhas e paysagens. Tem pintado o Sado a todas a luzes, estados do ceu, aspectos de navegação e *toilette*. De manhã, com bruma; ao meio dia, sob a reverberação solar pondo listrões de metal na agua indolente; ao entardecer, quando a bahia escorre azues saphira; sombreado de nuvens, com barcos, navios d'alto bordo, banhistas; ou então mettendo gaiotas, torres d'Outão, e chaminés de fabricas de sardinha... Entre as peças da sua exposição, que é numerosa, destacarei duas telasinhas pictorescas: *Barcos do Sado* e a *Praia*, filtradas ambas da observação do rio predilecto. No *Desembarque do Peixe* ha coisas justas, os barcos fluctuam e agrupam-se animadamente, mas a agua tem um aspecto escamoso que não resulta da visão directa, e é formula d'*atelier*, e pelo que respeita aos pescadores, dão a illusão d'estarem pendurados do tecto por cordeis.

MARQUES D'OLIVEIRA: um portuense, persiste em só vêr paysagens côr de rosa, e se fôsse scenographo daria decorações ideaes para a *Griselidis*. Infelizmente nem todos os assumptos apetezem no molho d'aurora boreal que o seu chlorotico pincel serve aos *touristes*, e d'ahi certos bocados que são verdadeiras excentricidades. Todavia, mesmo dentro da scarlatina das suas paysagens, não se lhe



póde negar uma vaga percepção da poesia mystica das coisas, vê-se que procura na natureza, não a cópia servil, mas a ballada, e póde muito bem ser que do fundo d'este lunatico venha a desagregar-se um delicioso pantheïsta. No quadro *Esperando os barcos*, tem uma figura de rapariga admiravelmente pintada e desenhada. Esta, e a camponeza de Silva Porto, são para mim, com os pasteis do rei, as tres coisas verdadeiramente bem da exposição. A tal figura, posta, quasi de tamanho natural, numa mesquinha enseada de caldo verde, com filetes d'areia inexpressiva, silhuetas de pescadores e de moinhos, suffoca no pouco ar da paisagem que a circunda, e está assim, naquella perspectiva de convenção, como invalidada e transida pela indiferença com que todos passam, sem a vêr. Quereria uma tela duas ou tres vezes maior, ao alto, com horisontes largos, aguas profundas e agitantes, uma sombra de vela no entre-ceu e mar do extremo além, e deslumbrantes ceus d'abobada altisona, largueza e ar onde a sua impassivel graça dissesse como uma esphinge nupcial sonhando o noivo errante. Tudo isto lhe falta infelizmente, e é necessario arrancar-a, abstrahir do fundo, para lhe aperceber então as finas qualidades, a propriedade da côr, honesta e forte, a belleza das mãos e pés, delicados e rusticos a um tempo, e a humana postura, d'uma flagrante verdade que afasta a ideia do modelo aborrecido de pousar.

Não me é possivel citar, por curteza d'espaco, os nomes de todos que na exposição subscrevem

quadros, e entre os que omitto, alguns, como Josepha Greno, mereceriam registro especial, ao lado d'outros, cuja polychromia faria rir os proprios saguis. No grupo novo despontam, aqui e além mãos feitas a projectar na tela (por em quanto) a maneira de seus mestres, forcejando já umas por libertar-se da tutela — por exemplo, Baeta, que tem um saloio bem pintadinho, e uma cabeça de velho cheia de firmeza — persistindo outras ainda em da paleta mentora beberem os effeitos mais typicos — caso d'Ezequiel Pereira, discipulo de Porto — num orgulho de bem mostrar d'onde procedem. Neste ultimo se pronuncia um paysagista cheio d'aspirações: tem duas manchitas tocadas e bem vistas, *Caminho do Arieiro*, onde perpassa a melancholia do mestre, rejuvenescida pela timidez do debutante, e *Tapada da Ajuda*, estrophe de primavera, onde se esboça, penso, um futuro pintor de pastoraes. No grupo novo o lugar de honra pertence ao rei D. Carlos, cujos pasteis passam de prenda á cathegoria d'um verdadeiro trabalho d'arte. O curioso acabou-se, e agora é necessario apontal-o entre os pouquissimos que neste paiz de costa verdadeiramente sentem a marinha, e entre os raros que na exposição se esforçam por pintar em portuguez. Os seus dois pasteis de leziria revelam o olho afeito, não a aperceber objectos, mas conjunctos, e a guiar-lhe o pincel por um caminho de *nuances*, d'onde os nossos pastellistas mais habeis raro teem conseguido tirar triumpho a limpo.

Visitada a parte séria do Gremio, entremos na

secção do para rir. O snr. João Amaral tem um quadrinho, *Peixes*, onde uma pescada namora uns rabanetes, sob as vistas maternas d'uma couve, e as vigilancias policiaes de dois gorazes. A couve, gorda, vestida de folhos, marrafa ao meio, tem uns empanzinamentos de matrona que soffre de ventos, e por modos a sua austera pessoa não basta para garantir decencia no idylio da pescada c'os rabanetes, pois os guitas dos gorazes não tiram do ditoso par, os luzios desconfiados. Aos snrs. subdelegados de saude; desconfio que a pescada não está fresca. E trinta mil réis! Ai não se póde comprar peixe...

João Brandão pede por tres carapaus assados, um bocado de brôa, e uma caneca de verde, sete libras. É uma *conciencia!* Demais os carapaus já tinham servido de folhagem numa corôa de loiro offerecida pelo Gymnasio Club, á Geraldine. Na parede do quadro, cebolas, gottejando da restea, como a lagrima que a rainha verteu pelos inundados da Povia de Varzim. Francamente, sete libras... oh Francisca, offereça lá quatro vintens.

A snr.<sup>a</sup> D. Christina Camacho fez nos *Coelhos da avó* um magnifico estudo sobre os progressos do christianismo entre os coelhos. Vê-se uma menina com erysipella na cara, de tabaqueiro ao lado, catechizando, do alto do pulpito, uma ranchada de roedores. — Porquanto, o abuso da rapioca meus amados irmãos... tem o ar d'ir dizendo a serigaita. E no cacifro da esquerda, um coelho livre-pensador.

A mim, tu, padre, não me engodas!

A *Caldeira de Pero Botelho* (S. Miguel) do snr. Faria e Maia, é uma natureza rochosa, fumando cigarro, e com sua mosca de relva na ponta do queixo. Paysagem dupla: de pernas para o ar representa a toirada do Barreiro. O mesmo artista pendura uma *natureza morta*, constante do arco hysterico de tres bananas, ao pé d'uma lata d'es-cabeche. Presenceando o chilique, diversas frutas verdes. É o amphitheatro da Salpêtrièrè, em comestiveis. Na *Ração*, do snr. Luciano Freire, uma moça de granja vasa comer na celha d'um bezerro. A mulher não é má; quanto ao bezerro bacharelado em direito, defronte o espectador, como a dizer-lhe: oh cavalheiro, nós não andamos juntos no collegio?

ARTHUR VIÇOSO MAY, uma *Perna de Pau*, por cinco libras. Côxa de mais a mais. *Aperitivos*, por Marques Guimarães: garraforia do Porto, bem pintada, num pires duas ostras, que nos meses com *R* facilmente podem passar por peras cosidas; num bocal, azeitonas — azeitonas ou pepinos — e á borda da mesa, na quebra do guardanapo, um limão velho, hamletico, de casca em caracol: que é a maneira especial dos limões fazerem manguitos...

Chegados ao fim d'esta viagem, natural se faz que os que me leram, peçam o resumo de tão fas-

tídiolas digressões. É facil d'exprimir, pensando no que lhes disse atraz sobre cada exposição parcial d'artista em vóga, e indo S. Francisco depois verificar, durante um quarto de hora. Dos pintores que ha cinco ou seis annos se afoitam a expôr e vender publicamente os seus trabalhos, a mór parte assentou e está senhora das principaes qualidades que uma educação *d'atelier* pôde offerter. Alguns desenham, e preoccupam-se com a maneira de fazer a côr e dar o effeito. Raros apostolisam a fórmula linear, que sendo nos poucos praticos, angulosa, pega as figuras ao fundo, ou recorta os perfis em aço, como de bonecos. Ha uma tendencia terrivel para só vêr da fórmula, a mancha, e assim a pintar, tornando-a, muitos, em symbolos que só servem de rubrica no quadro, como a dizer que em tal ponto devia d'estar pintada uma arvore, nest'outro uma casa, e em tal um pescador, um barco, ou um boi ratinho. O estylo porém é novo, ha certo movimento na *mise-en-scène*, e entra a surgir nas paletas como uma educação do claro escuro. Aqui e além o tom irisa-se, dividindo-se em luzes e sombras, a côr toma solidez ; mas em quasi todos falta o temperamento, de sorte que senhores do processo, os nossos artistas estão tão impotentes como na primeira hora em que surgiram ; sabem pintar mas nenhum sabe dizer para que pinta. De feito, tudo neste movimento d'arte que o antigo grupo do Leão prefaciou, se vae limitando á cópia do modelo, e os artistas julgam ter feito quadros, finda a reprodução pela tinta,

d'um certo numero de coisas ou pessoas. A intenção, o *dessous*, que dá á obra d'arte, paisagem ou figura, a expressão *synthetica* da vida, essa, os pintores nem dão por ella, e se perguntamos ao auctor d'um d'esses quadros — que quer isto exprimir? — o artista encolherá os hombros, e mandar-nos-ha desdenhosamente áquella parte. As razões d'esta vacuidade explicar-se-hão por causas varias, umas geraes, como sejam, no actual momento artistico, uma quasi completa carencia de faculdades *psychologicas* e creadoras, restrictas outras por exemplo á miseria da procura, e a deploravel ignorancia dos nossos encarregues da arte de pintar. D'aquellas causas, as primeiras são um resultado da atrophia d'alma e d'imaginação trazida á arte pelos exclusivismos naturalistas, que eliminando o auctor por traz da obra impassivel, e pré-gando que o artista deve exprimir apenas o que vê, pouco a pouco amorteceram o eu na obra d'arte, reduzindo esta a frios e impessoaes exercicios praticos d'esthetica, mais irritantes do que profundos, e mais habilidosos que inspirados. Traçando a curva d'evolução que a litteratura tem seguido, desde o inicio romantico, té ao seu periodo d'actual perplexibilidade, reconhecer-se-ha como ella responde desde o principio do século, ponto por ponto, á da pintura. Vêr-se-ha no romantismo litteratos e pintores proclamando «abismos intransponiveis entre a realidade segundo a natureza, e a realidade segundo a arte», e que em arte não ha *commum*, o próprio trivial deve ter character, e

comparando emfim o drama litterário a um espelho, que em vez de reflectir a simples vida ordinária, bem ao contrário a concentra, intensificando os raios corantes, fazendo do clarão luz, e da luz, chamma ou fogacho.

O sublime e o grotesco, eis os dois polos entre que a imaginação romantica se compraz em nobilitar a natureza, e extrahir do homem o heroe e o semi-deus. Dentro d'este programma, Hugo é o similar de Delacroix, Delavigne o irmão colaço d'Ingres e Delaroche, Gerard de Nerval a projecção litteraria do orientalismo de Marillac. O realismo triumphando do romantismo, é o predomínio, da sciencia sobre a imaginação e o sentimento. A sciencia tem nesse dia uma hora de vertigem, apoz tantos seculos de descobertas, tendo por instrumentos a analyse e o calculo — precisamente os arados que o realismo mette á terra da arte. O seu proposito é obter da natureza noções cada vez mais exactas e completas; a sua ambição, reduzir factos particulares, e complexos, a factos geraes e a factos simples, sem inquirir se para além da analyse que remonta dos factos ás leis, outra mais alta um dia não conduzirá o homem a uma fórmula suprema, que lhe deixe entrevêr, nitida, intensa, a unidade logica do universo.

Sob este cyclo, as fórmulas que em litteratura mais se especializam são o romance e a poesia chamada de combate: o primeiro aspirando a condensar em si todas as histórias, desde a politica até á do vestuario e á do calão: a segunda partindo da ideia

de que todos os interesses humanos são igualmente assumptos de poemas, e de que sob o ponto de vista o estro, tão inspirativo é o amor lyrico, como uma altercação de lavadeiras. Para a mór parte dos seguidores da nova igreja, a litteratura é o collaborador assalariado da philosophia scientifica, tudo nella deve convergir á missão d'um grande archivista que ao microscopio analysa as sensações e os sentimentos, disseca os homens, para os colleccionar depois regularmente em grandes albuns. N'esta faina obsedante, toda a espécie d'imaginação é prohibida por contraria ao espirito d'analyse que lhe preside, e assim a arte reduz-se a uma cópia servil da natureza, sem commentarios, tendo por ideal a photographia colorida.

Eis a que resvala alfim o realismo, quando os fundadores da seita se fatigam, e discipulos sem talento começam a ganhar a vida repizando os manuaes *Roret*, de Zola e de Flaubert. Julgo inutil dizer como e por que é que os nomes de Bastien-Lepage, Coubert, Manet, etc., sejam em pintura os equivalentes do positivismo que *Germinie Lacer-teux* e *Madame Bovary* trazem ao romance, e como é que, á semelhança do succedido nas lettras, do realismo glacido, mas pujante ainda dos mestres, extrahiram os imitadores receitas para chamar pintura a crostas caricatas.

Os portuguezes idos a Paris polir a polychromia aprendida em cinco annos d'escolas nacionaes, de lá trouxeram com algumas coisas bôas, todos os mortaes defeitos que a pintura franceza estava atra-



vessando. A formula «pintar só o que se vê», cumprida á risca, deu de si todo o discipulado antigo e moderno de Silva Porto e dos pensionistas do governo, seus contemporaneos, d'onde o grupo do Leão sahiu, e depois d'elle o *Gremio Artistico*, e esse naturalismo impassivel que tanta monotonia derrama nas telas do mestre, resvala como uma marca de fabrica por dezenas d'oleographias neutras, copiadas sem alma, uniforme de tom, como banaes farrapos d'um mesmo *coloriage* rasgado em bocadinhos. Effectivamente, observando toda essa exposição de duzentos e setenta e cinco trechos d'arte, a secura dos motivos assombra o visitante, e a falta de conjuncto em cada quadro redu-lo a uma charada de que elle só terá o conceito, para a exposição do anno seguinte. Não ha esses recantos d'imaginação individual, de pintura inédita, de suggestão emotiva, que a gente surprehende em telas antigas, mesmo más: vê-se que o artista esteve alli sapateiramente, sem febre esthetica, agarradinho ás formas do objecto, recordando-se do quadro d'este e mais d'aquelle, copiando o modelo por lista, com uma mordança na phantasia, e prohibido, em homenagem á formula famosa, de fazer valer no quadro, o temperamento. O temperamento? Se elle o tivesse!... Para os verdadeiramente possessos de talento, bem lhes importa a elles a escola, as regras do estylo dominante, os conselhos dos mestres e a inclinação do publico amador. Vão para diante, se não ha caminho rasgam-no; se os acautella a censura, derrubem-na,

e o publico a desdenhal-os, e elles a passarem-lhe por cima, com a insolencia do genio, para irem pedir justiça ás gerações. Outra cousa depressiva, disse, é a miseria do mercado. Claro que quem pinta ao palmo, para ganhar a vida, não póde consagrar gestões profundas a uma pintalgada de dez libras. Finalmente, a ignorancia, que na maioria dos casos é supina. Ninguem ignora o quanto a cultura mental, mesmo scientifica, amplifica e robustece o roseiral das faculdades creadoras. Indispensavel para pintar uma arvore, entre outras coisas, saber como ella cresce, assim como para exprimir uma scena histórica, possuir não só a história da scena, como a minuciosa psychologia dos typos, e todo o accessorio archeologico das particularidades exteriores. Um artista alias laborioso, o snr. Luciano Freire, faz uma decoração sobre as nymphas perseguidas por Leonardo, no episodio da ilha dos *Lusíadas*: as nymphas em bailarinas de beterraba, Leonardo de chapéu á tyrolesa, e o todo da scena hybernando numa paisagem de papel de casa de jantar.

É culpa de Camões, coisa tão pobre? Não se está vendo como uma imaginação d'artista lido, executaria o episodio, entre requintes de sabio, e vaporosidades voantes de phantastico? Malhóa sorveu o estro do seu quadro pombalino d'um texto pallido de Chagas, á mistura com um bufete de pés torcidos, e estofos varios de rica estampa-ria. Se elle tem podido viver por textos mais profundos, a vida particular e publica do despota,

se por meditadas leituras *visse o homem*, outro seria o alcance do seu trabalho enorme, e bem diversa a impressão produzida por aquelle monstro d'amarello.

Em resumo, a pintura portugueza d'este anno accentua principalmente, sobre a dos outros, uma tal ou qual firmeza de processo, vontades de chegar, luctas, procuras; mas com tristeza o digo, tem mais artifices que artistas, mais repetidores que creadores: algum trabalho, muito pouco talento, e a deploravel tendencia, generalisada, de não tirarem do «assumpto» senão a cópia morta. É possível que redobrando esforços, e provendo-se algumas cabeças da educação litteraria que lhes falta, a apathia «naturalista» emfim se esgarce, e noções mais largas da arte ponham dois ou tres d'esses batalhadores a caminho d'um ideal differente do da photographia colorida. Por em quanto teem todos as as asas cortadas, vôos muito curtos, e o grande pintor portuguez do nosso tempo, se já nasceu, com certeza não está na exposição.



## SUMMARIO

---

Inauguração do theatro d'Evora, e sua importancia como obra decorativa — Edificios sumptuosos de Lisboa : escaiola como ideal de magnificencia, papeis de seis vintens, doirados de pacotilha — Historia do theatro d'Evora, e iniciativa de Ramalho, o grande lavrador — O theatro por fóra e por dentro — O salão d'espera, casa de bebidas, escadaria e sala de espectaculo — Descrevem-se as sumptuosidades e as pinturas : o panno de bocca, o PLAFOND, a talha dourada e as scenographias — O salão nobre, e harmonia gracil dos seus estuques — Cento e cincoenta contos de despesas, e primeiros dissabores dos donatarios — Ovação das senhoras á familia Barahona — A rainha d'Evora e sua philantropia recatada — Physionomia das ruas eborenses : o hotel, a cidade historica e a paysagem — Um velho padre — Crepusculo e physionomia tragica da cidade : kiosque do pateo de S. Miguel, janellas da casa Garcia de Rezende, mirantes gothicos — Sermão malogrado, e dialogo philosophico sobre os vinhos —

— Refeitório do convento de Santa Martha, e physionomia vetusta d'uma adega — Um pote de 1600 — A prohibição dos VENCIDOS DA VIDA, recurso do auctor para a “censura” — Inconvenientes de se prohibir uma peça má — Historia dos verdadeiros vencidos da vida, e de como constituem um admiravel motivo de comedia — Requisitos para escrever comedia fina — Perscrutam-se as razões da prohibição dos VENCIDOS DA VIDA — Diffamação? Allusão? Caricatura? Offensas á moral? — De como a censura dramatica é a decrepitude de toga — “Principios moraes” da commissão, futuro e projectos de reforma — Escan-galhemol-a !

1 de Julho de 1892.

O theatro Garcia de Rezende, que deve estar inaugurado em Evora á hora do leitor percorrer este fasciculo, é o primeiro que em Portugal recusa os auxilios da decoração mercenaria, para entregar seus muros e pertences á inspiração d'artistas verdadeiros.

Num paiz que tem a escaiola por ideal de magnificencia, e onde os edificios melhores da capital são decorados num estylo de barracão, a fazer sorrir de piedade os mais pacovios, a obra do theatro d'Evora é um exemplo raro de benemerencia, e deve exalçar-se entre as solitudes civicas que neste utilitario tempo mais nobremente frisam o altruismo d'um prestimoso e verdadeiramente illustre cidadão. Effectivamente quando se olha para S. Carlos e para D. Maria, com as suas riquezas de pacotilha, os brancos sujos, os oiros delidos, papeis de seis vintens, salões de grisalha besta, e *plafonds* de botequim de cavallinhos: quando se analisa de perto o interior do palacio municipal, onde se gastaram thesoiros, e onde subsiste o immorredoiro

documento das nossas bestificantes predilecções pelo reles rico: quando d'ahi se desce emfim ás mais modernas casas particulares, para estudar a evolução do gosto decoral, ao reconhecer como em todas estas peças tressua o banal por copia, e a empreitada do borra-botas tomando o passo ás serenas e ovantes concepções da pura arte, criminoso seria passar em silencio essa obra, já não digo impecavel, mas fidalga, brinde real que uma opulenta familia atira ao regaço da sua terra, na prodigalidade dos que se impõem a philantropia por caso moral, e que ao fazer bem, vão já com os ouvidos surdos á lisonja, e as mãos insensiveis á mordedura da inveja babugenta.

Tive occasião de visitar ha um anno o theatro d'Evora, por esse tempo quasi concluido, e se não trouxe deslumbrados os olhos das refulgencias feericas dos seus adornos, explica-se o caso não por mesquinharia dos doadores (que abriram praça a todos os recursos estheticos do paiz) mas por inexperiencia d'artistas acordados decoradores por incidente, e incapazes portanto de conceberem a obra sob um rosicler d'arte excepcional.

A ideia do theatro proveio d'umas eleições, renhidas, complicadas, d'uma crise de trabalho. Ramalho, o grande lavrador alemtejano, que aliava á opulencia as iniciativas d'um fertilissimo homem d'acção, conseguira em pouco tempo organizar um grupo de ricos, amigos e compadres, todos mais ou menos junjidos ao respeito que os milhões sabem captar onde aparecem, o qual, justado em



sociedade constructora, e exposto o plano da obra, logo se atirou a fazel-a, sem para assim dizer perguntar quanto custava.

Foi Adriano Monteiro que deu o risco, começaram em 81 as fundações. A obra teve entretanto mais d'um guia, e interrompida varias vezes, d'estas primitivas desordens se resentiu na architectura, um pouquinho. Externamente tem a configuração do piano de cauda, pesadona, que em Lisboa S. Carlos offerece ao desconsolo dos physionomistas de monumentos: a arcada vestibular com varanda por cima, dando o arremedo do teclado, janellas de volta redonda, sem friso ou corramento ornamental de nenhuma especie, frontão d'armazem, platibanda de predio d'aluguel, e para traz um casarão esburacado de rectangulos de vidraça, caiado e com um incaracteristico aspecto de fabrica de moagens, escola academica, e quartel de bombeiros voluntarios.

Pela escada vestibular entra-se, por portas d'adega, para o salão d'espera, que tem o botequim á esquerda, e os cubiculos do bengaleiro e bilheteiro do outro lado. O salão comunica com os corredores da plateia por dois porticos estreitissimos, d'um accesso difficil, e mesmo perigoso em casos de sinistro. A escada que d'aqui leva ao salão nobre e aos camarotes, tem amplidão sem duvida, mas ninguem pôz mira em lhe imprimir uma feição decorativa: não ha um candelabro, uma balaustrada, um simples corrimão de ferro ou marmore, nem prepara tam-pouco, um golpe visual galante

em noites de concorrência ; é uma escada da Baixa, nua, dura, estupidamente posta a um canto, e onde nenhuma cauda de *soirée* terá prazer em desdobrar-se, para no salão fazer a sua entrada triumphal. Querera significar que estejamos numa terra onde a entrada das senhoras não constitua preambulo d'espectaculo, ou deve tomar-se por lapso a omissão d'um pormenor em que Garnier, esgotou na opera de Paris, quasi todo o seu genio d'architecto ?

Peças ornadas : no pavimento terreo, o salão d'espera, o botequim e a sala d'espectaculos ; no primeiro andar, o salão nobre e alguns pequenos *boudoirs* antecedendo os camarotes.

O salão d'espera é pouco extenso, de pé direito curto, e portas de volta redonda dando ingresso nas dependencias que já disse. A decoração figura, para o tecto, uma especie de clara-boia ovalar, tapada por uma colcha de brocado amarello, atada pelos cantos, e tendo no papo, ao centro, as armas da cidade. As das paredes são quatro telas a oleo, rectangulares, querendo arremedar Gobelinos onde se tivessem tracejadas, em fundo amarello, estatuetas allegoricas da Comedia, da Musica, da Litteratura e da Dança, com algumas flores enramalhando-lhes sensaboronamente os pedestaes. O conjuncto, mesquinho, e infinitamente insignificante.

Com o pouco pé direito da casa, a pintura do

tecto não causa especção : nem os retalhos de ceu entrevistos por entre a colcha e o aro da clara-boia, dão illusões do *plein-air*, nem o brocado se distancia por forma a se tomarem por verdadeiras as pregas e atados que o artista intentou dar-lhes, sendo além d'isso o brazão da cidade tão pequenino, a meio do estofo, que em vez d'encher a sala, levando os olhos como uma consagração do theatro á grande capital do Alemtejo, mais parece uma marca de linha, para distinguir a colcha das mais, quando algum vereador aceado tenha d'envial-a á lavadeira. Quanto aos retabulos dos muros, a impressão inda é mais desagradavel, pois o artista inconsciente do papel da decoração mural, limitou-se a emmoldurar em rectangulos de carvalho, composições sem o menor vislumbre de gosto ou formosura adequada, deixando pelos muros grandes claros nús, barrados de pedra pómes descu-rando os frisos, e occupando os cimos de portas por grotescas plaquetas deletreando os nomes dos que entraram na obra. Já vêem como nesta peça, prologo da obra a seguir, a visão do conjunto é dessorada e desharmonica ; repararão agora como também a unidade lhe fallece. Por exemplo os *panneaux* muraes, em Gobelino, o toldo do tecto em simples brocado ; nos primeiros, molduras, uma etrusca pintada, outra em carvalho, com relevos — no segundo, rebordo algum volteando a clara-boia, superficies lisas, nenhuma cercadura ; nos *panneaux*, a tinta das figuras reproduzindo os tons da pedra, no brocado do tecto o brazão d'armas

pintado a côres gritantes . . . De sorte que a decoração não obedece a nenhum principio ornamental, as tonalidades são desconexas e sem convergencia a nenhuma logica de harmonia: uma coisa toda feita de bocados, e esses mal postos e quasi todos fóra do seu lugar. No botequim ha uma pintura de tecto, interessantinha, a fingir envidraçamentos d'estufa, e por entre o caixilhame dos vidros, trepadeiras mui leves, coqueteando: e em camafeus, nos angulos, attributos de loja de bebidas.

Entra-se depois na sala d'espectaculo, mais pequena que a de D. Maria, e muito mais alta, defeituosamente alta, e a branco e oiro segundo a sumptuaria rotina de todos os salões onde os olhos querem gozar sem reflectir. Tres ordens de camarotes, forros de papel vermelho, columnellos dourados com capiteis ligeiros e bordaduras de talha fazendo *à jour*, por cima de cada ordem, uma especie d'arcaria gothica, de bom gosto. A mesma bocca de scena emmoldura num grande arco manuelino, leve e aereo, onde Leandro Braga faz florir alguns caprichos da sua ebenesteria tão pessoal. Todo o trabalho, delicado, sobrio, elegante, deixa uma impressão de graça vaporosa, de riqueza e de nobreza esparsa\$, que o espectador digere sem vertigens, e emfim d'alguma fórmula aparentella este arcabouço de quartel que parecia o edificio em bruto, com alguns dos admiraveis monumentos antigos da cidade.

O panno de bocca é bem achado: por uma es-

cadaria de terraço, que tem no fundo verduras e silhuetas d'edificios eborenses, um pagem desce, em seu costume de côrte, adolescencias d'Antinoüs amoroso, moreno e todo elle vibrando a vida livre dos bellos insectos d'oiro entre açucenas. Balastradas de marmore aos dois lados, fechando jardins cercados d'arcarias, e na direita uma colcha de raz amarfanhada, mostrando o brazão da cidade a meio do estofo.

Já não é feliz a pintura do tecto, em lona, que se me afigura uma vasta trapalhada. Uma arcaria gothica circumtorna uma porção de ceus nublados, de cujo centro rompe uma esphera armilar, que serve á sala de respiradoiro, amparada por dois microscopicos cherubins. De roda, allegorias genios, mas numa agrupação tão confusa, numa desymetria de poisos tão maluca, que o espectador, impossibilitado d'aperceber o conceito da assoisse, imagina vêr no ceu d'um claustro uma trompa d'arlequins ás cabriolas. Na zona posterior do painel, sobranceira ao palco, tres deidades morenas tangem lira, núas quasi, e com cabeças de creadas de hotel surprehendidas em cabelo, em quanto outras, de glorias e victorias voejam pelas nuvens, com suas asas mythologicas em guisa d'orelhas, nas espadoas, offertando corôas, palmas, e mesmo trombeteando soffrivelmente a fama do rapaz pintado no panno de bocca, e que figura ser Garcia de Rezende em estudantinho. Toda esta mythologia pecca por burgueza, as figuras não teem transfiguração nemi divindade, e a

copia excessivamente real de modelos fanados, reproduzida em tons violentos, carnes trigueiras, anatomias sopeiraes, tunicas vermelhas, verdes, azues e roxas, tira ao espectador a visão poetica d'um olympto decorrido em regiões de meia tinta, vago e diáphano como um sonho, o que seria a unica decoração de *plafond* conveniente a uma sala onde a coloração dominante é branco e oiro.

O resto da composição inda é mais emmaranhado que o preambulo : á parte esquerda, allegorisando a tragedia, dois figurões desafiam-se a punhal. . . evidentemente em desordem — policia, moita ! — d'espavorir duas pobres mulheres que iam passando, uma das quaes, de mão na bocca, é evidente berra, aqui-del-rei. Povinho da fabula em dias de hortas — muito me admira até de não haver mais zaragatas. O grupo allegorico da direita, por mim permanece indecifavel. Está uma typa, de facha em gigo em torno á pinha, acceitando a parodia que lhe faz uma especie de João Baptista, ajoelhado, e por cima quatro purrios de quatro genios botando-lhes flôres, a modos d'évohé. O duo desenhado por fórma que o espectador apercebe um pouco em escorço o namorado, ao passo que ella, reteza, ao comprido, de barriga p'ra baixo, dir-se-hia pegada ás nuvens, como se fôra de papel.

Quer dizer : esta pintura de tecto falseia a intenção decoral por onde quer que se analyse.

Composição de mau gosto, execução desgraciosa, e pelos plebeismos da côr, insuperaveis divergen-

cias da *symphonia pallida*, implicita no branco e oiro da obra de talha, as duas côres mães da sala toda. Leis da fôrma e leis da decoração, as duas coisas que combinadas elevam o nível social d'uma obra, salvando-a da chatinagem industrial, hoje invasora, me pareceram ausentes d'esse tecto de luxo, que primitivamente fôra estuque, e que o donatario do theatro quiz a oleo, por lhe imprimir caracter d'arte, e entrajá o monumento do melhor que as paletas nacionaes pudessem dar. O defeito capital inda assim é a falta de clareza, que o leitor constatará na descripção que atraz lhe deixo, e que não permite abranger num olhar o entrecho da composição, nem descreminal-a tão pouco em partes lógicas, ou extrahir d'ellas criterio esthetico, já não digo genial, mas pelo menos lúcido e inspirado.

O palco é vastissimo, entre o de D. Maria e o de S. Carlos, mais completo quanto a machinismos e apetrechos: scenario de Manini, que fez dos cinco panos *dotaes* uma maravilha de scenographia larga, na sua maneira italiana, tão pouco disposta a transigir com motivos portuguezes. Resta um pouco dizer do salão nobre, estucado em Luiz XVI, de phantasia. Sem ignorar que a estucagem industrial não paga décima á grande arte, nem por isto este salão deixa de ser, para meu gosto, o bocado harmonioso. Tem configuração rectangular, portas dos lados, o rodapés de molduras muito simples, e pannos d'espelho alternando com almofadas de lilaz tenue, circumdadas d'elegantissimas

bordaduras. Nss angulos do tecto, medalhões com cabeças d'actores e dramaturgos, escolhidos em guisa de haver p'ra pobre e rico. Sobre a varanda da arcada, tres janellas, bancos de bambú doirado á roda das paredes, tremós junto aos espelhos... Sou a dizer que em toda a obra decorativa do theatro d'Evora fôsse o estucador o verdadeiramente possuidor d'instincto ornamental.

Certo que não é prodigio sublime estucar muros! A applicação de gessos moldados, caso elles não sejam composição pessoal, mas reproduções de fórmas conhecidas, não passa d'um automatismo de trolha d'obra fina, e em pouco pôde thuriferar um nome, em fumos d'arte. Entanto a execução d'esta minusculuria é tão perfeita, ha um tal cheio de ornamentação por toda a sala, os tons fundem tão bem com os ornatos, está tudo tão a tempo no seu logar, que o conjuncto da peça alegra os olhos — é isto mesmo! — respira-se melhor do que entre as lonas pintadas lá de baixo, e graças que appareceu alguem conhecedor do seu officio, desenfastiado, gracil, e prodigalizando phantasia a sabor do senso commum!

Orçam por cento e cincoenta contos de réis as obras do theatro, desde o inicio até completar-se o ultimo detalhe — cifra choruda, cento e cincoenta contos! nove décimos da qual a casa Ramalho-Barahona despendeu do seu bolsilho. Consignar o brinde, é por sua natureza encarecel-o, nesta epocha em que a philantropia dos grandes, como nas kermesses, é quasi toda feita á custa dos pequenos.



Difficuldades sem conta, os doadores bateram, primeiro que vissem materializada em monumento a sua admiravel bôa accção. Em principio omissões que o lavrador Ramalho tomára para si, intactas quasi, vendo os outros societários fugirem-lhe, e esquivarem-se os ricos, deixando-o só no campo das despezas. Ramalho morto, a herdeira solicita e magnanina tomando sobre si o proseguimento da obra, e seu marido guiando-a, empenhado em lhe dar sumptuosidade insólita, e condições de conforto extra-moderno. Durante todo este tempo de faina, intrigas surdas, injurias babando a má fé da mesquinharia mordida pelo pulgão da inveja virulenta, a politica dos coios deformando as intenções, forjando partidinhas, ateando o braseiro das cubiças collectivas, em termos que até na propria hora de se entregar o theatro quando seria praxe a camara receber de bôa sombra a offerta em nome de doze mil almas incultas entrando na posse d'um magnifico alcaçar d'instrucção, até nessa os offertantes sentiram a calumnia vir de rastos, porque Evora, furiosa, sentia-se roubada, tão persuadida fôra de que em vez do logradouro d'um theatro, lhe assistia direito á posse da herança universal d'uma fortuna.

Felizmente as senhoras se encarregaram de reconduzir a alma da cidade ás apothèses de justiça que são o galardão melhor dos bons sem mácula, e por entre as palmas das suas mãos e as flôres dos seus regaços passaram na ultima das seis noites de récita inaugural do theatro eborense,

a snr.<sup>a</sup> Baharona e seu marido, num d'estes cortejos de sympathias expandidas, ternuras súbitas e reconsiderações feitas a tempo, que afinal pagam bem as delongas da desforra. Diga-se já que ninguém ainda mereceu melhor as ovações d'um povo inteiro, do que essa illustre senhora, cujo tacto é bem o d'uma creatura superior que só pelos lados da sympathia quer pezar. Manuseando fortuna principesca, que poderiam fruir lançando-a pelo mundo em cata de distracções e de prazeres, os dois esposos preferem todavia aos turbilhões do luxo e á vida emocional das viagens e das festas, esta especie de realeza rural que é tradição da sua casa, e cuja galharda independencia destaca bem da cobardia de tantas grandes familias do Alemtejo; arruinados pelo desleixo, hypothecadas nos bancos, entregues aos rendeiros, e tornando a provincia cada vez mais num odioso feudo dos capitalistas de Lisboa. A philantropia de que por toda a parte se faz industria e *sport*, tirando-lhe como virtude o perfume, para a tornar em taboleta de vaidade, a rainha d'Evora pratica-a christãmente, qual sustentando hospicios de velhos e creanças, qual fazendo a fartura de muitas mesas, ignorantes talvez de qual vergel a Providencia lhes faz chover tantos favores.

D'estas generosidades exercidas sob sigillo, com um respeito pelo pudor dos pobres, delicioso, com uma solicitude pelas obscuras miserias, fina e terna está cheia Evora, e as que se ignoram inda serão talvez mais numerosas. Ponha-se agora

apar do dinheiro esparso em caridade e obras d'educação e philantropia, ess'outro que uma grande casa agricola expende pelas industrias locais, operarios, trabalhadores do campo, empregados de toda a casta ; e do pezo d'esta influencia benefica, que não pede gratidões nem apotheoses, surdirá necessariamente o applauso dos sinceros, e um stygma formal contra a ingratição profunda com que em Evora mais d'uma vez se tem pretendido desgostar esta familia.

Pela cidade, espairecer...

É um sabbado, tres horas, com um calor d'Argélia fazendo ganir os cães ao contacto das pedras escaldantes, e leves fitas de sombras rez dos muros, onde uma ou outra velha claudica, ou caminham em passinhos molles, de femea, senhores ecclesiasticos de sapato de fivela e batina, tres-suando como muringues, sob guarda-soes d'alpaca escura.

As ruas me parecem, naquella primeira excursão, tortuosissimos novellos que levam constantemente ao mesmo sitio. Por toda a parte ha coisas d'album, fachadas d'estranhos estylos, baldaquinos de granito por cima de porticos, ruinas com ar d'opera, janellas manuelinas embutidas em paredes de casas modernas, claustros d'ogiva, torrellas, palacios brasonados, fortalezas romanas, muralhas fernandinas, inscrições, arcos, passagens medie-

vas, que é um não acabar de surpresas historicas, de presuposições romanticas, d'escapadas no sonho e d'aerostações pelo irreal.

A cada paragem em algum alto pictoresco, terraço de templo, recanto de claustro ou de jardim, o que sobretudo perturba é a calada singular que paira na cidade, um silencio de terra que á força de ter visto tudo, matou em si o alvoroço, de que já nenhuma surpresa é capaz d'acordar a desolada espectação.

Poiso num hotel que, como construcção é um specimen perfeito da antiga casa de lavrador rico do Alemtejo, com coisas de palacio e coisas de choupana, necessidades d'ar livre e d'isolamento, e a magnifica independencia ativa da raça, separando por altos muros o viver da familia, do viver da vizinhança, e interdizendo por gradarias e rotulas de clautro, á curiosidade da rua, as intimidades e pequenos mysterios do *chez soi*.

A entrada é por uma portinhla baixa de granito, cavada num muro, abrindo para uma grande escada de descansados patamares, onde no topo um terraço ladrilhado, que serve de vestibulo e pateo á residencia.

Este terraço, com seu alpendre de telha e traves de castanho, abre sobre a rua numa galeria d'arcos separados por columnellos de pedra d'Extremoz. É a galeria de verão das habitações dos paizes quentes, herdada da casa arabe, e creditando-se na residencia christã pelas similares das claustros dos mosteiros. Só deparavel nas antigas grandes casas

do Alemtejo, em cidades archeologicas como Evora e Beja, e que eu saiba, só na primeira frequente.

A esta varanda ou terraço vem abrir o corredor do andar nobre, que pelo outro extremo deita para o quintal onde estão as abegoarias, celeiros, e outras dependencias rusticas da morada.

Na decoração interna, uma rusticidade de provincia rude, agravada pela circumstancia da casa ser um hotel, e d'á cidade quasi não virem forasteiros nem visitantes.

Todo o pavimento é tijollo meúdo, sem revestimento d'esteira ou taboado. As paredes, umas caidas, forradas outras com papeis de preços infimos, e tudo em pedaços, de côres e tons desencontrados. Aqui e além, cadeiras d'Evora, pinho pintado de flôres de rosa e d'eloendro, o assento de tabúa secca, alternando com restos de pobres mobílias marcadas com o stygma da penhora, e adquiridas em leilões d'espolio orphanologico. Na casa de jantar um bafio especial d'adega suja, paredes de cal sem rodapés nem esquadria adoçando-lhes a nudez hospitalar, duas ou tres oleographias de frades borrachos e comilões mostrando ratos na cabidella — e sobre a mesa demasiado alta para as cadeiras que a circumdam, dois candieiros suspensos d'um tecto de caixões pintado a fresco, um medalhão da fabula ao centro, e molduras de grotescos e papagaios foliando-lhe desenxabidamente ao de redor.

Janto a correr um jantar de vacca contemporanea de Sertorio, e algumas fructas que pelo en-

gelhado devem ter visto a entrada dos francezes. A tarde refresca, o sol amarellece, com uma coruscação d'ouro velho, nas clara-boias e vidros das igrejas, chilream passaros num largo, e como é vespera de dia santo, sinos sem conta carrilhonam no ar joviaes esfusiadas, contemporaneas das celebres procissões eborenses, que até ha sessenta annos não conheceram rival nas outras terras do paiz.

A tarde morre, e eu demoro-me um instante junto á grade que delimita o jardim público por cima da antiga muralha, a olhar o horizonte immenso, ao de leve ondulado, que para aquella banda se perspectiva, com os eucalyptos gigantes da via ferrea, o gazometro, a praça de toiros, a correioira da feira, e as longinquas serranias translúcidas dos ultimos planos da paysagem. Atravesando pouco depois, já sol posto, os terrenos fronteiros a S. Francisco, formidavel e estranho santuario, uma das maravilhas d'arrojo architectonico em Portugal, impressionou-me uma d'estas coisas evocativas, poeticamente locaes, que sem valor, recordam apezar d'isso toda a vida. Por deante da fachada do templo vinha passando de vagar um velho padre, pela mão d'um rapazinho (cego me pareceu, pela attitude) e de repente trindades soaram num gong terrifico, subterraneo, distante, um d'estes sinos da torre medieva que enrouquece-

ram a soar o alarme dos motins e das invasões. O padre descobriu-se, a rezar, e como parasse ante o portico, os descalcinhos da rua, que brincavam na terra, lhe vieram pedir todos a benção. Elle deixava-se beijar na mão cachetica, que os mais grulhas lambusavam de ranho e migalhas de pão meio salivado, e com a outra mão procuravallhes as cabeças, o seu ar tartamudante de cego, esboçando afagos que só uma ou outra recebia...

Ao crepusculo a cidade é maravilhosa de dramatico, porque as linhas hanaes dos predios, perdem-se, as dimensões rodooram, as perspectivas cavam-se, e é o momento em que os bairros, purgados pela sombra do modernismo pifio que os emplastra, readquirem o burel medieval p'rás frontarias agigantam o lóbrego das suas escadinholas, passagens e gargantas, e emfim resumem num agregado de tragicas arestas, o que devera ser ha quatro seculos uma grande povoação peninsular.

Em muitas ruas, exemplo as que avizinham da praça de Geraldo, os predios assentam em arcarias d'abobada solidissima, fazendo d'uma e outra banda de passagens cobertas, para onde abrem as lojas de venda e as escadas. Não ha meio d'encontrar um predio no seu devido alinhamento, ou uma extenção de rua no piso geometrico que o mac-adam moderno lhe assignou : por toda a parte escadinhas e cunhaes reentrando e resaindo da esquadria, estrangulamentos e ampolas na via pública, ondulações e depressões pela calçada,

ruellas que mergulham por baixo d'arcos de Bastilha, escadas levando a porticos inferiores ao nivel da rua, e esqueletos de ruinas emfim, espavorindo o crepusculo d'esmagadoras fórmas tenebrosas. Os nomes de certas ruas, torres, portas, são todo um elucidario para inquirir do passado d'esta terra «*Rua da Alarcova — Porta da Moira — Travessa de Burgos — Torre de Sisebuto — Rua dos Infantes — Arco de D. Izabel — Rua das Cozinhos d'el-rei — Rua das Amas do Cardeal*».

A cada passo, onde menos se espera, *remembers* d'architectura e d'archeologia avocando os cyclos d'arte e historia antiga, mais flagrantés. Num lúgubre pateo atraz da Sé, todo esfumado pela forja d'um ferreiro, uma escadinha de losangos de lousa, cravados na parede, com seu balcão ligeiro, leva a um patamar superior, onde uma porta baixa d'ogiva dá ingresso numa especie de casarão de bruxas, mutilado nas quinas, amesandando para um lado, esburacado, deixando vêr os silhares colossaes dos alicerces, e janelliculas de cella, aqui e além sangrando, como orbitas sem olhos, a luz interior dos candieiros e lumareus d'assar sardinhas. No topo da escadinha, como abrigando a ogiva que dá ingresso ao casarão, um kiosque adoravel, todo aberto, com seu cocoruto conico de betume, e quatro columnellos esbeltos aos cantos, acceitando os arcos de ferradura, lavrados, que recortam esta mimeira construcção pelas tres fâces.

Junto a uma passagem de rua, entre duas tor-



res de que não posso recordar agora o nome, alguém me mostrou, embutidas na parede d'uma casa inda não acabada, tres janellas manuelinas, tão juvenilmente lançadas, tão ricamente decoraes na sua pompa de folhas, cordões, remates historiadados, que toda a miseravel ruella tinha um ar de festa, commungando na arte que as divinas janellas radiavam.

No Largo do Cordovil, jacente a uma velha casa, outra especie de kiosque com ferraduras amouriscadas e columnellos gracis nos angulos, que uma trepadeira florida meio reveste; e ainda outro num mirante de jardim perto da Casa-Pia, a antiga universidade do cardeal D. Henrique, com os columnellos em salomnico, e os capiteis em folhitas de cardo, arabescadas... Inscrições, tumulos, azulejos, ruinarias escoradas no ar por um prodigio da scenografia tragica — torres e fachadas de carrancuda sanha, lúgubres palacios d'atrios silenciosos, cubellos e muralhas de guerra sobre que se debruçam arbustos de jardins — de tal maneira estas camadas de civilização se ensandwicham, comprimem, sobrepõem, que a cidade se me afigura, neste meu vaguear á luz morrente, uma necropole-museu de grande povo, aguardando propheta que sobre ella desencadeie, em versiculos de fogo, o *dies iræ* derradeiro! Musica d'orchestra e vozes latinando. Matinas num convento, não sei, cuja fachada reverbera de lanterninhas dispostas em compridos zig-zagues.

A igreja cheia até á porta, um translucido vapor

fanando as talhas doiradas e os grandes pannos d'azulejo das muralhas, lustres no ar onde o clarão das tochas se arcoirisa... E toda a gente a tossir, quando a um pulpito esplendido de talha d'oiro, assoma o prégador, tatibitateando os latins do exordio, como é de lei.

Neste momento aborda-me um amigo.

— E Evora, que tal?

— A historia portugueza escripta em obras d'arte.

— Convenho, mas garatujada á margem pela sociedade da *Bota Raza*.

— Isso que tem? Nas mais esplendidas paredes podem os graciosos da rua escrever chufas.

— Vem acabar o conceito á minha adega.

— Em Evora, já vejo que é costume afogar a philosophia em vinho tiuto.

— Depende tudo da riqueza do vinho, e do alcance do philosopho. De mais quero fazer-te uma surpresa.

— Algum vinagre de 1815...

— Um claustro gothico a me cobrir os potes da zurraga. Has-de gostar.

E era verdade! A adega do meu amigo Cabrera, vinicultor e cavalheiro da melhor agua (agua, não respeitante á condimenta do vinho, mas á transparente estofa do character), por um acaso de secularização, patusca, vulgar em todas as terras velhas de Portugal, meteu para dentro do seu plano de construcção, o refeitório e parte do côro do

antigo mosteiro de Santa Martha; e lá se vê, coberta de cal e intacta, a abobada artozoada, com feixes de nervuras radiando das pilastras dos cantos, e entrecruzando-se em polygonos symetricamente irregulares; lá estão as misulas, capitais e columnellos em feixes delgados, e no remate das abobadas ainda, a cruz de Malta, polychroma, unica coisa que a broxa do caiador poupado tem.

A adega não tem tonneis, e guarda-se o vinho ainda no vasilhame tradicional do velho Alemtejo — explicando melhor, em talhas de barro, pesgadas, das quaes multiseccularmente tiveram monopolio as olarias de Reguengos e algumas vilas mais. As talhas primitivas eram de formato pequeno, barrigudas, comicas, côr de saragoça como frades gordos, e sem pescoço, apopleticas, de boccal curtissimo, levando entre vinte e cinco e trinta almudes. As modernas dobraram e triplicaram mesmo de capacidade receptora, esvasando-se no gargallo e base, curiosamente, e rebatendo até, na epocha da fermentação do mosto, com uma relativa galhardia.

Entre o vasilhame velho do armazem ha, como curiosidade historica, uma tabella datada de 1600. D'aqui se tiraria vinho para libar os tres Filippes, d'aqui se tiraria vinho para beber depois á Restauração do malandrim que foi D. João IV... Pote impassivel, que vês desfilar a historia sem que um vislumbre d'emoção se manifeste no apurar ou avinagrar da pinga que encarceras. Cynico

pote, egoismo vidrado, bonacheirão com todas as patrias, e governando bem com todos os regimens — perfido como a onda! diria o Shakespeare. De ti não vou sem que me forneças petroleo para uma tachada ao advento proximo da republica. Hurrah!

8 de Junho de 1892.

Representou o Gymnasio uma comedia d'Abel Acacio, *Vencidos da Vida*, de cujo texto a policia não consentiu segunda audição. O auctor, inconforme com a violencia d'esta medida, recorreu para a chamada «commissão de censura», que confirmou aquella, archivando-se a peça juntamente com uma especie de relatorio-sermão, onde se desenrolam os pontos incursos na lei prohibitiva, e se legisla quanto aos requisitos que as obras de theatro devem ter para agradar aos familiares da (sic) «arte pura».

Eu assisti por acaso á primeira representação dos *Vencidos da Vida*, e d'um camarote escutei com a possivel paciencia os tres actos d'essa pequena indrómima dialogal, que me deu o effeito d'uma massada sem arcabouço coherente, contradictoria, dircursiva, manca de verve, manca d'intuito satyrico, e apenas bôa para cahir á segunda, sem as lamentações sinceras de ninguem.

Digo estas coisas na cara, assim á bruta, primeiro por ser costume meu fallar verdade, segundo por entender que Abel Acacio não preci-

sando d'este desastre para enramelhetar com elle a biographia, será o primeiro a criticar o seu trabalho como um d'estes expedientes financeiros que a dureza da vida impõe aos mais escrupulosos. Como o titulo da comedia coincidia com o d'uma sociedade de jantadores, conhecida em Lisboa, quiz o publico por força vêr nas personagens dos *Vencidos*, caricaturas injuriosas para varios gastronomos e papagueadores da sociedade; vae, deu á comedia intenções demolidoras que ella não tinha, e tomou como rechaço á vida particular, scenas e inventos que só devia ter explicado por uma falta d'espírito lastimavel, e por uma pobreza d'invenção, consternadora. Porque apparecia em scena um critico, concluiu-se que era o sr. Ramalho Ortigão; porque apparecia um diplomata, não podia ser outro senão o sr. Luiz Soveral; se houvesse um pulha, lá estaria o José Julio indigitado.

Esta obsessão de que os *Vencidos* d'Abel forçosamente deviam ser os mesmos do *Braganza*, produziu de si os seguintes desagradaveis contrastos:

- Fazer dos primeiros uma peça estúpida.
- Fazer dos segundos um grupo de bandalhos.
- Estragar um excellente titulo de comedia.
- Levar a uma arbitrariedade odiosa o commissario.

— Finalmente, pôr em evidencia a comissão de censura dramatica, que tendo sido creada para muda, apenas lhe deram voz, destrellou a parvoejar por uma academia.

Todos sabem a proveniencia dos *Vencidos da Vida*. Foi uma d'estas tentativas de cenaculo espirital, d'escola de portico feita para crear em Lisboa uma opinião superior e d'alto esparecida, de sorte que dada qualquer questão transcendente, todos tivessem os olhos na voz do infalibillissimo tribunal. Para levar a cabo este proposito, reuniram-se a uma meza de jantar os espiritos nucleos da quadrilha, de casaca, brilhantes falsos, unhas em ovo, e alguns grandes paradoxos na moeira. Os primeiros tiroteios não foram fecundos, porque os *beaux esprits* congraçados para a conquista philosophica de Lisboa, freqüentes vezes omittiam nas praticas a serenidade dos julgadores impassiveis, pegando de se nicar com biscoas de filhotes.

Profusas vezes tambem, obliquavam as discussões da sua bella abstracção scientifica, para mais estreitos criterios d'utilidade pessoal, e *faz-me-conta*, não sendo raro que certas grandes reformas planeadas sobre o melhor das doutrinas dos economistas e sociologos francezes e allemães, mais puritanos, fossem a pique, por não haver logares de conto e quinhentos para todos os reformadores.

Não obstava isto a que os vencidos da vida, homens feitos na victoria de todas as cumieiras, elles lenteis, publicistas, consules, industriaes e ricos homens, não estivessem habilitados mais ou menos a nos trazer dos seus jantares no *Braganza*,

como Moysés do Sinai, umas tabuas da lei, e a se julgarem os primeiros numa terra onde a primazia é uma questão de tenacidade e *toilette*. Entretanto parece que d'entretidos co'a thuriferação dos proprios meritos, se esqueceram da obra espiritual premeditada, e que os restos d'actividade sobrece-lentes da meza e da volupia de se acharem formosos e magnificos, elles os esbanjassem em disputinhas pessoaes, na redacção do *Tempo* e do *Reporter*, onde os noticiaristas lhe ouviam coisas edificantes. Como quer que fôsse, se é certo que os vencidos da vida nunca foram capazes de formar um feixe de pensamento solido e com frondentes bracejos para todos os cantos da vida material e moral da sua epocha, nem por isso como assumpto litterario elles ficaram desguarnecidos do encanto que a sua linha de snobs e gozadores eméritos lhes prestava.

Assim considerado, constitue o grupo um admiravel motivo de comedia satyrica, de nuances, toda observada nas meias tintas dos caracteres que se defendem do ridiculo por fugas habeis de scepticismo e democracia, manuseadas a bom tempo — comedia litteraria, affectuosa e palaciana d'aparencia, com terriveis seccuras d'alma por debaixo, bem vestida, dialogada ao som d'orchestras, e correndo em meios de luxo, entre algumas mulheres com vicios masculinos, que fumam, pintam, fundam asylos e jogam a batota...

Ha assumptos que exigem ser tratados com rudeza, mas este, quem o exprimir no theatro, carece de ser um artista inteiramente mestre na



tessitura do paradoxo e da ironia à *double sens*, mundano á foita para ter conhecido de perto a gente de quem falla, e bastante superior para a manusear no palco sem incorrer no grotesco de parecer um creado de mesa arremedando os patrões que o puzeram fóra. Das figuras que compõem a confraria dos vencidos da vida, quasi todas se mostram por uma face individual, que póde ser cavalheirosa, grotesca, ou cynica, mas de nenhuma maneira banal na banalidade ambiente, e por isso mesmo dando o individuo distincto, na série contemporanea. Para um escriptor de raça, conhecendo o assumpto a fundo, a comedia dos vencidos estava pois feita: bastaria ligar as personagens por um filete d'entrecho bem tecido, e transportal-os da vida para a peça com os pequenos disfarces que a cortezia pede, tratando-se de pessoas respeitaveis.

Não comprehendeu isto infelizmente o meu amigo Abel Botelho, auctor da peça, que sem mais cuidar das responsabilidades do titulo, confeccionou uma caldeirada massuda, entre janotas d'algibebe, mulhersinhas d'Alfama, e pintores da sociedade das portas e janellas, inverosimil, confusa, sem esfusiadas nem recantos flagrantés de ridiculo como quem apercebe da scena apenas a saburra das *charges* grossas, e não sente forças para prender á espada do enredo senão gallinaças asas de chalaça, hesitando entre o obsceno e o fastidioso.

Mostrei como o titulo de *Vencidos da Vida* dado á comedia, puzera o espectador na contingen-

cia de busoar identificações entre o entrecho satyrico d'ella, e a existencia mundana, levada em Lisboa pelo grupo de snobs que atraz disse, trabalho inutil, por não haver entre as duas coisas a menor coherencia ou parentesco. Pergunto-lhes agora se me podem fundamentar solidamente a prohibição da comedia d'Abel Botelho pela policia. Diffamação? não vejo. Primeiro o entrecho da peça não joga com factos da vida particular de cada vencido, sendo uma effabulação d'evidente phantasia. Segundo, é impossivel assignar a cada typo da peça uma origem copiada da feição pictoresca e individual d'esses senhores, porque o auctor ou os não conhece, ou não soube, ou então não os quiz stenographar. Terceiro, sendo a caricatura estúpida, a vingança do caricaturado é nunca se aperceber do caricaturista, deixando que o publico o desforce, ou não comprando o producto, ou correndo com o escarnecedor sensaborão. Allusões pessoaes? Aonde? No poeta que réclama em verso os sabonetes do Congo, feito por um discipulo gago, e onde os applicadores de carapuças quizeram vêr Guerra Junqueiro? Na leitura do trecho d'uma viagem á Hollanda, por um homem de patilhas que manda desafiar o retratista que lhe poz luvas canario? Offensas á moral? Isso é mais sério. Mas sempre quero que me digam em que a comedia d'Abel Botelho offende o pudor a mais que todo o repertorio do Gymnasio, do Rua dos Condes, do Trindade e do Avenida, de ha quinze ou vinte annos para cá.

Quando me tiverem mostrado á evidencia que a comedia *Vencidos da Vida* violava subversivamente as barreiras da tolerancia habitual dos nossos ouvidos e dos nossos costumes litterarios, praticados na dialogação da *Infeliz Carolina*, da *Patifa da Primavera*, e dos *qui proquós* pornographicos das operetas e das revistas, quando me convencerem de que o theatro seja em nosso tempo uma escola de costumes, e uma filial das catecheses de doutrina, então consentirei em crêr que a policia tivesse prohibido a comedia por expontanea insurreição de melindres seus.

Até lá desculparão que eu continue a vêr no acto um attentado estúpido á liberdade do pensamento, suggerido talvez por quem, tendo de seu lado a força, não permite que nos antigos convivas de jantar se bata sequer com uma flôr — quanto mais com um chinguço. E é isto o que o encerro dos *Vencidos da Vida* tem d'embirrativo, o seu resaibo de mordança encommendada, de tyrannia por conta, bem revelando o como neste paiz tudo continua a estar nas mãos de dez ou doze manécocos, meio cerebraes, meio maduros, e manejando os poderes do Estado a sabor da sua effeminada farfalhice.

De feito, em face da comedia escripta como disse, o que a policia ou a censura tinham a fazer, dada a suspeita d'ella ser um attentado de satyra pessoal, era mudar-lhe simplesmente o titulo, e prohibir aos actores o caracterisarem-se pela phisionomia dos vencidos; depois do que, deixal-a-hiam

esgueirar-se pelo buraco do ponto, o que verdade, verdade, não levaria muito, dada a insulsez do seu descosimento.

Emfim, prohibida a comedia, recurso do auctor para a censura, e eis a matrona mijoteando em estylo cathedratico (côro dos velhos, no *Fausto*) postulados immortaes da «arte pura». Acha razão á policia, porquanto a comedia incorria, accrescenta, nos delictos todos da lei coercitiva de 29 de março — caricaturas, imitações pessoaes, referencias directas, offensas ao pudor e á moral publica — e ao rez da obra, como ao d'uma parede quando se quer fazer uma emboscada, uma lenga-lenga mansa sobre a «obscuridade na distincção do bem e do mal nas obras do theatro», sobre as ideias moraes e a necessidade de corrigir o gosto e reduzir «á sua primitiva simplicidade» a veniaga da arte de hoje: lenga-lenga chóchinha, padresca, jesuitica, com apparencias de razão e fundos falsos de despotico retorno á epocha do Pina Manique, com ares de fallar só da peça e ronhas d'ir generalizando a doutrina a todas as expressões da ideia formulada, onde se reconhece logo uma estreiteza de bestuntos velhos barrando a passagem a correntes de que elles já são incapazes de cotar as tendencias, e uma necessidade de paragem em critérios harmonicos com a esterilidade dos respectivos bojos litterários.

A ladainha, disse, é habil, e á primeira vista, generosa. Considerada unicamente nas suas relações co'a peça prohibida, poder-se-lhe-hia quasi

achar coherencia, dado o provar-se, insisto, que os *Vencidos da Vida* d'Abel Botelho contivessem referencias directas, diffamações, e offensas á moral sobrelevando as das outras peças de theatro.

Mas não é esse o lado perfido, ia mesmo a dizer terrivel, da sentença. Ha outro, e é o precedente aberto para a censura em obras d'outro fôlego, a aboiz armada para fazer cahir o pensamento litterário, liberrimo até'gora, nos formalismos inquisitoriaes d'um tribunal de catracegos, emanado d'uma politica de repressão que quer civilisar peando as intelligencias, explicando por uma necessidade de moral pública, *conveniencias particulares* que a arte de escrever não pode nem deve mais tolerar nos tempos de hoje. Apareçam amanhã peças bem feitas e elaboradas sobre o vivo, onde este ou aquelle vaidoso julgue d'estar steno-graphado, e ahi o teremos suggerindo á policia que o trabalho em questão lhe visa a honra, e coagindo a censura por alguma d'essas conspiraçõesinhas, ao ouvido, tão efficazes d'acção nos meios pequenos, a encontrar no feitio das personagens, no corte dos dialogos, na caracterisação dos actores, no entrecho da obra, etc., allusões, incitações, diffamações, e indecencias até, facilmente incursas no cadinho depurador da lei terrivel. Raspail tirava arsénico do pé d'uma cadeira: que peçonhas não será capaz de tirar uma censura afinada, do acto d'uma peça a mais cataplasmosa e inoffensiva!? Saltar da peça de theatro para o artigo de jornal, d'este pr'o livro, d'ahi para o discurso, e do

discurso depois para a conversa, eis uma gymnastica d'escada que qualquer preboste real conseguirá com uma pouca d'insistencia, se não correremos todos á brecha por onde os sinistros esbirros veem, com pés de lã, ciladear a liberdade, e se do alto dos nossos pulpitos de jornalistas e homens de letras não buscarmos evitar que da tal «censura» a desinfecção pouco a pouco se venha tornando asphixia.

## SUMMARIO

---

Esterilidades e tristezas do anno litterario — A educação geral e o gosto público — Porque não ha uma litteratura robusta — Modas de França e importações boulevardieras — Nephelibatas e sósistas, suas madurezas, inventos e horizontes — Um seculo de historia em quatro paginas : Romantismo, Naturalismo e Decadentismo — Evoluções do assumpto e evoluções do estylo — Litteratura scientifica e sua queda — Caracteres da poesia parnasiana : Leconte de Lisle, Heredia, Catulle Mendés, Dierx, e Sully Prudhomme — Poetas realistas : o DES VERS de Maupassant, e o EUDEL, de Paul Bourget — Baudelaire na poesia contemporanea — Pequena monographia do genio degenerativo — Hereditariedade, emotividade, espirito religioso e moral de Baudelaire — As FLEURS DU MAL, Biblia do decadentismo — Nevropathias dominantes, suas diversas fórmas e characteristics — Os sete circulos da alma — O que seja no individuo ou na série, a decadencia? e de como pela neurasthenia a litteratura actual é de-

cadentista, e pela necessidade d'ideal, symbolica, satanica, etc. — Seitas poeticas d'agora — Stéphane Mallarmé, Jean Moréas, e o symbolismo — Litteratura symbolica — Bainville e Hugo, symbolistas — Para fechar.



30 de Junho de 1892.

O anno litterario que em poucos mezes vae fechar-se continua impassivelmente a esterilidade dos seus progenitores, e apenas cuida assignalar-se por obras minusculas, na maior parte poeticas, e tão falhas d'inspiração como de factura. O facto não surprehende, des'que se avenha na convicção de que não póde haver litteratura sem publico que vibre d'ella, e sem vida nacional que a suggestione, e des'que relanceando o olhar pelas gerações cultivadas dos ultimos tempos, se descubra nellas apenas parcerias cynicas de negocios, gafas de manhas interesseiras, e rebatendo no balcão do jornalismo politico, via conspirata *d'arcada*, faculdades que noutro meio se deviam expender em nobres lucubrações de Bellas-Lettras.

D'este desvio do talento creador e das sympathias do público pagante para longe do campo esthetico, resulta uma estiagem d'arte de que os mediocres se aproveitam para impingir gato por lebre, e uma vacuidade intellectual de que se aproveita a

livraria franceza para dar voga entre nós a escriptores desconhecidos quasi intra-barreiras de Paris.

Assim por exemplo, os poetas symbolistas, decadentistas (cada qual feito, segundo a etymologia do termo, de dez dentistas), delinquentes, e *tutti quanti*, que como nucleo d'escola não lograram ainda ser reconhecidos pelas grandes potencias, e que em França não passam, mau grado o talento do mystico Verlaine, d'um grupo de telhudos destinado a morrer d'esgana, entre dous vinhos, estão determinando entre os nossos imberbes uma tal reflexibilidade artistica, um tal *émoi* d'imitação, que não é raro vêr-se nos jornaes ou em pequenos volumes de typographia exotica, ridiculas trovadorias esmaltadas d'epithetos sem nexo, onde os recém-nascidos se declaram já scepticos, e espaçando, como elles proprios dizem «*na nevrose d'este final de seculo, que vio tudo*».

Entre os que mais petulantemente arvoraram por gonfalão de guerra, a nevropathia impotente das gerações «liquidadas» de que se fazem echo, destacam os srs. Antonio d'Oliveira Soares, Eugenio de Castro, e João de Castro, procurando fazer com os livros *Oaristos*, *Horas*, *Exame de consciencia*, *Azul*, *Paraizo Perdido*, *Alma posthuma*, etc., a bagagem d'uma especie d'academia de maduros — os nephelibatas, ditos — cuja proclamação d' independencia ainda agora está fazendo gaudiar muitos trocistas.

Parallelamente a estes se vieram esfalfando ou-

tros mocinhos, algo decadentistas assi, porém cheios de desdem pela artificial reputação dos nephelibatas; e foram os snrs. Alberto d'Oliveira, Antonio Nobre, Julio Brandão, que com os livros *Biblia do Sonho*, *Pôres do Sol*, *Só e Livro d'Aglais*, se propunham divergir dos antagonistas por uma especie de renovação lyrica fundada na innocencia do sentimento popular, reivindicado por Garrett, e expresso em linguagem tão simples e ingenua, quanto pudessem tel-a homens lidos em cancioneros nacionaes, mas ao mesmo tempo intellectualisados por todos os suggestivos requintes da poesia e da prosa do seu tempo. Ora, é de saber que ninguem recusa a qualquer d'estes bardos com ciumes uns dos outros, as sympathias devidas a todas as indoles, que buscam renovações d'ideal, mesmo espavorido o senso commum.

Em primeiro lugar, nas suas ancias de novo está o globulo vermelho que ingurgita de seiva a evolução das litteraturas. Em segundo lugar, isolando da poesia de todos, a porção d'acrobatismo que é pura escamoteação p'ra galeria, ainda fica oiro com que lhes construir um thuribulo, e gomas finas para queimar em preto ao seu valor.

Não me soffre porém o animo d'assistir a profissões de fé feitas de cór, e a mascaradas grotescas em que rapazes validos, regorgitantes de força e alegres como a luz, veem para as *vitrines* dos livreiros alardear decrepitudes precoces, e fazer praça de bizzarras pouco harmonicas com o justo equilibrio dos seus nervos.

Sob este aspecto de *cabotinage* é-me tão odiosa a poesia nonagenaria do sr. Thomaz Ribeiro, de cuiã postiga e olheiras pintadas, a fingir-se menina, como a d'esses snrs. humoristicos imberbes, occultando os impetos moços em *partis pris* de fadiga idosa, pondo brancas de fio de pita na barbicha loira, e tartamudeando emfim da falla, esquecendo os termos proprios das coisas, só porque lhes veio de Paris esta monomania!

Não me referirei por agora ao decadentismo, senão para a exposição de generalidades, que o estudo quer antes que propriamente se abordem as litanias dos seus padres e sacristães cá da Parvo-nia. O que é o decadentismo? O ramo descendente da parabola em que se convenha representar graphicamente o traçado evolutivo da litteratura do nosso seculo. Esta parabola composta de tres partes: ramo ascendente, representativo do periodo romantico, incluindo os precursores, e vindo por hi fóra até Flaubert: ramo transversal ou *plateau*, que abrange os naturalistas, o que devia ser o periodo de maturação e não passará d'uma tentativa pedante d'eruditos, como a vida das rosas, quinze ou vinte annos — litterariamente *l'espace d'un matin*: e emfim ramo descendente, periodo actual, phase nevropatha, gerado da influencia remota de Baudelaire, amamentado por Richepin nas *Chansons des Gueux*, por Huysmans no *À Rebours*, e achando a sua plena expansão em Stéphane Mallarmé, Paul Verlaine, Jean Moréas, Arthur Rimbaud, e outros que taes.

Acompanhando bibliographicamente a curva que lhes disse, poder-se-hão estudar não só as metempsychoses do ideal artistico no espaço d'um seculo, tanto em poesia como na prosa, mas seguir tambem a evolução do estylo na arte d'escrever, e ainda apreciar como fôsse, e em que fôsse, que os problemas sociologicos ou simplesmente especulativos interferiram nas differentes *poussées* litterarias (porque é de saber que em cada quarto de seculo o espirito muda, inovações num ponto, desfallencias n'outro, sem que os contemporaneos d'essas phases estheticas possam dizer se é uma litteratura que começa, se uma litteratura que agonisa) gerando as escolas e schismas que todos sabem. Assim por exemplo, no que respeita ao assumpto e ao estylo, temos no periodo romantico a predilecção das nobres aventuras, das situações anormaes, do heroico exotico, que escolhe scenarios na Edade Media, numa Hespanha de ruinas tragicas, e numa Grecia de magestosas columnatas.

O que preoccupa é a evocação dos tempos abolidos, a postura em scena de naturezas excepcionaes, o rasgo d'alma *en coup de vent*, e todas as divinas mentiras que heroicisam a alma contemporanea em epopéas de sonho, levantando-a pelos hombros, da vida real, cujas mesquinherias ella não quer vêr. Aqui o estylo é pelo menos tonitrante como o assumpto, a hyperbole córa de sorprendentes vitraes os episodios do poema ou do romance, tudo ressurreições grandiosas, vêem-se

gigantes nas nuvens do sol posto, gestos damnados nas ondas, e restos de gerações mal mortas, blasphemando, com ciumes da vida, pela bocca anonyma dos elementos. Quando o paroxismo d'esta epilepsia invalida, pela fadiga, o espirito litterario, desencantando o publico das suas concepções já por fim grosseiramente scénographicas, uma mocidade educada na contemplação dos factos scientificos, feita no amor das coisas positivas, d'avental e escalpello, dá o golpe d'estado que se ficou chamando naturalista, e proclama a *Bovary* como biblia da escola nova, legislando que a litteratura *definitiva*, a grande litteratura, será como a sciencia, sua auxiliar e inspiradora, feita d'alli por deante em mesas d'amphitheatro e cadinhos de laboratorio, e vivisecada com automatica precisão, na carne viva da besta humana que trabalha para comer.

«Applaudir une réthorique, s'enthousiasmer pour l'idéal, ce ne sont là que belles émotions nerveuses. Aujourd'hui nous avons besoin de la virilité du vrai» diz Zola na sua *Lettre à la jeunesse*. A «virilité du vrai» são os adulterios descriptos com todas as minucias physiologicas, as sensualidades prostibulares estatelando a sua pornographia vil por entre paginas hystericas, onde a factura clara do estylo não faz senão aggravar os duvidosissimos intuitos da these social que se escolheu para effabulação. A pretexto de litteratura scientifica, trasladam-se dos tratados de doenças mentaes, vesanias monstruosas, simplesmente dramaticas

por fóra, e encaixadas á pressa numa effabulação tão convencional como a romantica.

Ao mesmo tempo o *processo*, fechando a porta á phantasia individual de cada artista, e fixando a secura dos planos a que a factura da obra d'arte deve obedecer, reduz o realismo a uma culinaria de receitas sabidas, que qualquer mediocre póde aprender num manual.

De feito, nunca um movimento litterario pôz em celebridade mais insignificantes, do que esse naturalismo francez que durante quinze annos espavoriu os porteiros com o charivari dos seus escandalos, não querendo fallar senão d'aquillo que se palpa e d'aquillo que se vê, fazendo o inventario das mobílias, a descripção dos actos sem psychologia das determinantes, e suprimindo por toda a parte a alma, e ridicularisando o sonho, sem o qual a obra d'arte pouco mais é do que uma descorada photographia. Mas em quanto o assumpto assim se banalisa no naturalismo, e a factura da obra se reduz a uma carpintaria methodica que Zola ensinou a ir estudar aos manuaes da bibliotheca Roret, o que succede ao estylo.

O estylo alarga-se, perde a moldura nobre dos romanticsos, descasca-se da superabundancia de effeitos oratorios, e eil-o transformado num instrumento de precisão incomparavel, num estofo leve e firme, metallico e gazozo, que veste a idéa nos seus menores relevos, e lampeja e esvoaça aos ventos do capricho.

Servindo themas pobres, a trama d'elle em vez

de se abandalhar, ganha ao contrario uma precisão maravilhosa, um poder d'exprimir estonteador. A expansão scientifica, que com os seus serviços montados d'observação e d'experiencia, não conseguiu tornar interessante a effabulação do naturalismo, ao interferir no estylo, transfigurou-o, dando-lhe a reticulação sanguinea d'um tecido respirante, a plasticidade e a côr d'um alabastro oriental. Corta-se a bisturi um periodo de Flaubert, de Decaves, de Huysmans, Maupassant, e a tessitura d'elle sangra como carne, ha retracções de sêr na histologia sensivel de cada phrase, e ao mesmo tempo o periodo cheira, recorda, grita, e sabe a tudo!

É que a preocupação naturalista não conseguiu enganar, na phase da arte d'escrever que lhe corresponde, por mais que fizesse, essa eterna sêde de perfeição a que o talento aspira, mesmo exercendo o mister de trapeiro ou collecionador de vicios; é que a imaginação litteraria, eruptiva sempre, ao vêr-se preza ao carcere dos assumptos realistas, não tendo materia prima com que crear grandes obras, passou os seus quinze annos de captiveiro a aperfeiçoar e a cinzelar as ferramentas de trabalho. E assim chega ao seguinte: na escolha dos assumptos, na maneira de dispôr os materiaes de construcção, o naturalismo retrograda, comparativamente ao romantismo; na fórmula d'exprimir, avança, e os escriptores naturalistas são verdadeiramente os continuadores e os herdeiros dos poetas e prosadores do grupo Victor Hugo.



Nota-se que na reacção provocada pelo espirito realista, contra o romantismo sentimental, são os generos em prosa que mais depressa se imbúem da nova doutrina, visto como vivem sobretudo d'analyse, emquanto a poesia parece denunciar para assim dizer um estado d'alma em opposição directa com essa impassibilidade que é a condição primeira do realismo consequente.

Quer dizer que em pleno naturalismo ainda por muito tempo a poesia fica romantica, e que o brusco sobresalto que na lei litteraria se faz, sem transicção, por exemplo dos *Travailleurs de la mer* para o *Assomoir*, falta quasi por completo na poesia do mesmo periodo. De feito, os parnasianos foram apenas contemporaneos do naturalismo, mas sem lhe seguir doutrinas nem processos.

A poesia d'elles, escassa d'ideal, agarrada ao exagero plastico, insistindo no contorno exterior das coisas, passa ao lado de Flaubert e de Zola, dizendo a todos que é neta de Lamartine e filha de Victor Hugo. Falta-lhe por certo a cheia de paixão que sublimava os poetas da familia mussetiana, mas ainda é lyrica com Leconte de Lisle, cuja harpa desfere hymnos heroicos, com J. Maria de Hérédia, o cinzelador de panoplias e *bibelots*, com Catulle Mendés, o rondelista exotico que ascende ao épico quando nos quer fazer pensar em Victor Hugo, com Sully Prudhomme, com Anatole France, com Dierx, e tantos outros subtis que fazem na poesia, diletantismo, sem que porém isso os apeie da consagração de nobres visionarios.

Do grupo de poetas zolaistas que foi pequeno, e cuja arte não passou d'uma tentativa burgueza, aspirando a fazer com rimas, partes de policias e salpicões, nada me parece ficou que o rememore. No *Des vers* de Maupassant cantam-se os amores d'uma engommadeira com um operario, e vem detalhes sem fim sobre a vida da officina e lavadouro; Paul Bourget no *Eudel*, canta os cafés nocturnos e o bocks falsificados: e tudo isto são commercios resistentes á poesia, e *pochades* que degeneram afinal no obsceno, sem nenhuma especie de desculpa.

Sem Baudelaire, a evolução poética do nosso século ter-se-hia sepultado talvez no mausoléu naturalista, sob alguma epopéa aos panaricios, ou alguma Divina Comédia tendo por circulos dantescos os calabouços dos borrachos.

Essa vida trascendental do *au de là*, tão cara ás populações cerebraes das nossas cidades do velho mundo, e refugio d'existencias batidas pela rajada dolorosissima do *struggle*, a *virilité du vrai* do sr. Emilo Zola nol-a teria truncado para sempre, com os seus banaes inqueritos scientificos, que ás vezes fazem da arte uma feira da ladra d'immundicie.

A geração novissima comprehendeu perfeitamente o que haveria de esteril no seguir da trajectória zolaista, sobretudo em poesia, e divorciando-se d'ella, foi procurar no pezadello atormentado das *Flores do mal*, «*l'art qui voyage avec les nuages*, diz um poeta e critico decadentista, *qui appri-*

*voise des reflects, et pour qui le réel n'est qu'un point de départ et le papier lui même une frêle certitude blanche d'où s'élançer dans les gouffres du mystère, qui sont en haut et qui attirent».*

A igreja decadentista tem, como lhes disse, o seu S. Pedro, e salvo a blasphemia, essa pedra angular é Baudelaire, talento d'aparte, contornado, *surmené*, incapaz de crear, mas singularmente analytico por isso mesmo, e gastando em minucias de sentimento e subtilidades de fórma, a seiva vital que os grandes artistas expendem d'ordinário na concepção d'uma obra de pujança.

Baudelaire é no instante de debutar na scena litterária, entre o «impeccavel» Gautier e o ainda classico Hugo, nada menos do que o louco de hospital que faz da loucura estro d'uma poesia repulsante, mystica, dissoluta, e por tal fórma estranha que o calefrio que causa não deixa descriminar propriamente o assumpto, do que é fórma — de sorte que vão ambas ao fundo da mesma estrepitosa excommunhão!

Elle proprio se declara filho «*d'ancêtres fous ou maniaques, morts tous victimes de leurs furieuses passions*», e rebento d'uma civilização decrépita, a liquidar em abominações e monomanias. A volupia é o seu mundo, e nella mergulha té á deliquiscencia da energia, n'ella ceva a sua dolorosa colera de gozar, sem que d'esses prazeres lhe derive apazi-

guamento interior, senão refile o exaspero dos sentidos, seu remorso e motivo de viver. Por vezes, ao sahir d'uma alcova com a bocca ainda secca de todas as febres podres do deboche, o desgraçado detem-se a apostrofar o vagalhão d'infamia que o arrasta, e eil-o mordendo a poeira com uma religiosidade de penitente mystico, cheio do horror de si mesmo, e ferido, ai ! dilacerantemente ferido pela reminiscencia de todas as bellas coisas virginnais em que longe da crápula, podia ainda banhar-se a sua alma alada de poeta.

Para elle, o peccado d'Eva marcára a natureza d'um sello diffamatorio e irreparavel, desvirtuando-a na sua pureza, toruando-a num desenfreamento d'apetites e paixões egoistas.

A virtude a seus olhos é um embuste, e o vicio a mais natural inclinação do homem. Transponha-se isto da moral para arte, e tem-se immediatamante a esthética de Baudelaire. Não, o bello não procede da natureza, porque esthéticamente elle é tão convencional como a virtude. As paysagens naturaes deleitam a vista? É que se parecem com as telas dos pintores.

Belleza natural? Ora adeus ! o que o poeta adora é a facticia, e eil-o fazendo o elogio da caracterisação theatral pelos cosméticos, epopeisando o pó d'arroz e os signaes postiços, dizendo a sua preferencia pelos perfumes que lhe recordem excreções humanas — a valerianna, a mandragora, os sulfuretos e almiscares — e pelas côres que lhe tragam á memoria *phosphorences de la pourriture*.

O que mais o captiva são os productos de sociedades declinantes, refinamentos de vício ou de luxo onde se condensam séculos de civilização, obras atormentadas, concepções de cerebros, em delirio, epilepsias, perversões... Diz-se um romano da Roma de Petrónio, tem o horror da simplicidade, é o *dilletanti* do deboche e o «esthetico da depravação». Analysemos-lhe agora a fórmula: é um meticuloso, um precioso, um plastico occupado a cizelar, como elle proprio diz «a expressão absoluta», e a tal extremo, que para elle tudo é matéria prima p'ra estylo litterário — o vício sobretudo. Ora, approximem-se as *Flores do mal* de Baudelaire, da litteratura de certos desequilibrados de que se occupa Lombroso, da psychologia de certos criminosos, da sensibilidade especial de certos loucos, e vêr-se-ha como aquelle livro é patognomónico d'um *détraqué* do typo classico, e como elle está bem no seu papel d'evangelho na litteratura dos Verlaine, dos Moréas, dos Corbière e dos Rimbaud.

De feito, quaes as characteristics da vida dos differentes nevropathas que venho de citar? Primeira, um sentimento de mau estar com esfusias dolorosas, que attinge o pessimismo nos individuos, cuja intelligencia, mais cultivada, propenda á generalisação. Segunda, o amor exagerado da analyse, que no dizer de Guyau acaba por se tornar em força dissolvente, visto como «a acção desaparece, absorvida numa espécie de contemplação ociosa, esteril, e quasi que exclusivamente vol-

tada para o *eu*». Terceira, uma vaidade superior á média, facto freqüentissimo nos criminosos e nos loucos, que chega a revestir as modalidades mais extranhas, amplificando factos autobiográficos, e dando aos individuos um accentuado character d'exhibicionismo.

«É isto talvez uma simples applicação da lei geral de physiologia, junta Guyau, que estabelece que os movimentos reflexos são mais fortes, quando a acção dos centros nervosos é menor». Quarta, a necessidade impreterivel d'excitantes, vida ruidosa, evidencia mesmo á custa d'escandalos e de crimes, prazeres orgiacos, amores ultra-romanticos, e vesânias sensuaes emfim, que chegam até á violação da natureza. Quinta, obsessão d'ideias peza-deliformes que lhes fazem a vida angustiosa, o medo da morte, o respeito cego ás superstições mais caricatas, evocações de crimes não comettidos, porém *sonhados* com uma tal horripilancia de detalhes, que nem Edgar Pöe, nem Ribera poderiam traduzir as concepções homicidas d'estes imaginativos. Sexta, a idolatria da phrase, que quando levada ao exagero é uma prova da impotencia creadora, pois fere antes pela sonoridade do que pela coordenação racional que representa. Septima e ultima, a insociabilidade do typo intermittente, que lhes faz o character antipathico, tornando-os alternadamente falladores e misantropos, cínicos e compassivos, leaes e perfidos, e adultos e infantis conforme as emoções que os atravessam.

Baudelaire não é ainda bem no seu tempo o re-

presentante d'uma camada social com tendencias propagantes, mas um typo isolado, o caso raro d'uma doença que 'os psychopatas e os medico-legistas só trinta annos depois virão a diagnosticar em toda a gente. Eis porque no periodo romantico a litteratura d'elle captiva só pela estranheza dos propositos, e pela esquisita aristocracia da palavra. Contemporaneamente porém o typo generalisa-se. A lucta pela vida, a degenerescencia das raças pelos excessos de trabalho e abusos de prazer, a excessiva cultura mental levando o homem á negação de todas as fés e á consciencia da inutilidade de todos os esforços para attingir a perfeição absoluta; crearam (nos paizes latinos sobretudo, nos bairros de fome das grandes capitaes, mencionadamente) sociedades inquietantes, formalistas por calculo, desabusadas por vicio, desejosas de tudo e incapazes de coisa alguma, cujos antros teem por missão social encher as prisões e os hospitaes de loucos, impulsionar as gréves, dar voga aos schismas scientificos mais phantasticos, como a telepathia, a materialisação dos espiritos, a demonologia, etc., e finalmente inocular na alma hodierna, por via d'uma litteratura meio incomprehensivel, desconnexa, archi-furiosa, todos os fermentos de revolução capazes de destruir o que está sem maiormente curarem do que ha-de ser. Estas sociedades, ou antes esta sociedade, tem pronunciadamente uma feição de *decadencia*.

O que é no individuo ou na série, a decadencia? É o enfraquecimento ou a perversão vital do conjunto de forças que resistem á morte. «Uma socie-

dade, sendo um organismo dotado de vontade e consciencia collectiva, escreve Guyau, só pôde subsistir pela solidariedade e consenso dos individuos que são os seus órgãos elementares. Esta solidariedade exprime-se pelo *espírito publico*, isto é, por uma subordinação das consciencias particulares á vontade geral ; sendo esta subordinação o que constitue a moralidade civica.

Entanto vê-se que quanto mais a civilização avança, mais a individualidade se desenvolve, e este desenvolvimento pôde tornar-se em causa de decadencia, se ao tempo em que a individualidade se nos mostra mais livre e mais rica, ella se não fôr subordinando voluntariamente ao aggregado social. O equilibrio, a conciliação da individualidade co'a solidariedade crescentes, eis o difficil problema das sociedades modernas. Des'que esse equilibrio se rompe a proveito do que na individualidade houver d'exclusivo e d'egoista, teremos o bem estar social e o espirito publico enfraquecidos, e virá a doença, a velhice, a decadencia physica e a decadencia moral.

Ora é sobretudo pela procura do prazer individual que o egoismo se manifesta, assim como pela concentração da vontade sobre o eu : orgulho, inveja, luxuria, avareza, luxo, colera, preguiça, todos os peccados capitaes da moral, são tambem doenças da sociedade. O orgulho pousa o individuo no seu eu intellectual ou voluntario, em face dos outros, que assim se lhe tornam estranhos. A convicção que esse individuo tem do que lhe falta,



produz a inveja, começo de discordia entre os individuos ou entre as classes; a inveja torna-se em colera, des'que appareça o obstáculo; a luxuria, com o luxo que quasi sempre a acompanha, torna-se o alvo da vida, e para a satisfazer é necessario dinheiro — d'onde a cupidez e a avareza. Finalmente, a rejeição pelo individuo dos interesses da sociedade, a procura do bem estar individual, conduzem á preguiça.

E o resultado de tudo é a diminuição da fecundidade na nação envelhecida». Digam-me se não ha de todos estes passos na via dolorosa do nosso tempo! A excessiva cultura mental tirando-nos a fé, aboliu o respeito; o homem não conhece mais a disciplina, e por muito humilde que seja, considera-se sempre um chefe: elle no centro do mundo, e todas as coisas girando de roda do fóco solar que elle imagina ter dentro do craneo. Pobre e soberbo, com uma voracidade superior á somma de confortos que lhe é possivel angariar pelo trabalho, eil-o mirando de soslaio o quinhão dos outros, e a forjar estratagemas que lhe eliminem os rivaes, e lhe deixem livre o campo de colheita. A lucta então complica-se de carnagem; com as primeiras derrotas vem o descontentamento, quando já a energia do combatente forçara em subtileza d'ardis o limite de tensão cerebro-spinal permittido a corpos doentes — doentes por esbanjamento proprio, doentes por hereditariedade.

Qual ha-de ser então o resultado d'este estaque? Uma fadiga horrivel, que não podendo com-

bater de frente, liquida em escaramuças e *partidas*; um crescendo d'irritabilidade, que é o primeiro passo para a neurasthenia, e como estado moral, o pessimismo, mas d'origem mesquinha, e arcabouçado sobre pequeninas miserias pessoases. Querem exemplos? Vão ás redacções e estudem os jornalistas politicos e os reporters. Quando se tem a camisa suja ha tendencia para generalisar que o mundo é uma cloaca, e a mór parte dos malandros desculpam-se d'uma acção vil, dizendo : os mais fazem o mesmo ! Este mal de viver, Verlaine o traduz num soneto impeccavel de esculptura, mas tão podre !

«...L'âme seulette a mal au cœur d'un ennui dense ;  
Là-bas, on dit qu'il est de longs combats sanglants !  
Oh n'y pouvoir, étant si faible aux vœux si lents,  
Oh n'y vouloir fleurir un peu cette existence.

Oh n'y vouloir, ô n'y pouvoir mourir un peu !  
Ah ! tout est but ? Bathylle, as-tu fini de rire ?  
Ah ! tout est but ! tout est mangé ! plus rien à dire !

Seul, un poème un peu niais qu'on jette au feu,  
Seul, un esclave un peu curieux qui vous néglige,  
Seul, un ennui d'où ne sait quoi qui vous afflige !

Se da multidão geral passamos a considerar simplesmente a classe culta, o grupo intellectivo, acharemos nelle em exasperado todas as condições do *détraquement* que ficaram ditas; já porque neste grupo a lucha pela vida é mais encarniçada, já porque a intelligencia afia as condições d'essa lucha a uma acuidade que funde no mesmo jogo todos os perversos instinctos da besta, com todas as coleantes sagacidades do sêr superior.

Nas obras emanadas d'este grupo deve portanto exhalar-se a quintessencia da vida terebrante que o derranca, e basta seguir a politica dos jornaes, ir á sociedade, estudar a marcha dos negocios e processos de fortuna dos industriaes e dos banqueiros, para em flagrante surprehender as condições de desenvolvimento da litteratura actual, resenha de tudo isto, e mais ainda, para fixar desde já as que hão de presidir á litteratura do futuro.

Presentemente, dois grandes helices fazem curvetear as Bellas-Lettras dos recentes: um, a neurasthenia, com as sete characteristics que em paragrapho atraz insinuei: outro, essa sêde d'ideal que permitta á alma moderna, por demais sobrecarregada de negocios, o isolar-se em puras obras do espirito, e reagir por ellas contra o realismo, cuja natureza documental lhe traz asphixiada de todo a volitação da phantasia. Pela neurasthenia, a litteratura é decadentista; pela necessidade d'ideal é simbolista, satanista, etc.

E d'aqui as seitas, hesitantes ainda, dos modernos poetas e prosadores da escola franceza—poetas muitos dos quaes não souberam encontrar fórmula d'arte correspondente ás determinantes sociaes que os impulsionam—prosadores que mais desastradamente ainda do que os poetas, á força de polirem o verbo, fizeram dos seus livros e artigos grotescos logogriphos a que não corresponde nenhum destino genial. Entre os artistas que por hereditariedade baudelairiana tentaram evitar á poesia franceza a chatinagem zolaica, lançando-a num sorvedoiro

*d'au-delà*, lunar, diáphano, vem Stéphane Mallarmé como o mais bíblicamente mysterioso. A arte d'elle tem, como diz Baudelaire da sua propria «cette quantité d'esprit suggestif, quelque chose comme un courant souterrain de pensée, non visible, indéfini...» Por vezes as palavras que emprega não teem o sentido usual, mas inventado de proposito para provocar ideias virgens e combinações phonicas exoticas. Elipses, tropos, inversões, preciosidades de rimas e d'imagens, criam-lhe então uma optica phantastica, em que se não sabe se é disparate, se o genio balbuciante, o anão que guia o leitor travez d'esses espantos. E o requinte chega a cegar o artista, e desde esse momento leva-o por labirintos e diffusões, onde por fim nem elle mesmo sabe o que quer dizer. É este o ponto controverso do seu talento, o averiguar se certas passagens de Mallarmé correspondem a algum sentido, ou se não passam, como as dos que lhe vão no encalce, de symphonias labiaes, de combinações acusticas destinadas a impressionar apenas pela cadencia e pelo rythmo, á semelhança da musica.

O mesmo se pôde dizer de Moréas, poeta mysterioso, carbonoso, e mesmo chato como os que se prezam de o ter sido, mau grado o reclamo que a si proprio faz, dizendo que os maiores poetas francezes são, elle e... Ronsard. Jean Moréas põe-se como candidato á presidencia da escola que diz ter fundado, o *symbolismo*, como o introduzir na poesia duas coisas, o symbolo, e o verso livre.

Symbolo de que? Theodoro de Bainville disse

algures « não é descrevendo os objectos que o verso nol-os mostra, nem exprimindo as ideias *in extenso* que elle as communica aos auditores, senão suscitando no espirito imagens e ideias, o que para se conseguir, uma palavra basta ás vezes ».

Posteriormente escreve-se « a arte symbolista consiste em nunca chegar á concepção da ideia em si », o que é o dizer de Bainville em menos palavras. E Verlaine, que nestas igrejas de trovadores de cervejaria, inflados de prosapia, não perdôa facilmente a concorrência, criticando o pontificado *à outrance* do seu discipulo e rival Jeau Moréas, diz o seguinte: « quem diz symbolo, diz imagem, quem diz imagem, diz poesia. Por consequencia, todos os verdadeiros poetas são symbolistas ». E de feito, assim succede, dada a interpretação de symbolismo, acima escripta. Que maior symbolista do que Hugo ?

Que symbolismo mais cambiante, evocativo, longinquo, do que o que nos vem das brumas nostalgicas da poesia ingleza, onde Shelley e Dante Rossetti sobrelevam a todos na arte d'aperceber os mysterios, e fazer o *tour* de todos os sonhos ? Accrescendo que a poesia d'estes é limpida e pura de sentido, accessivel a todos, e sem obscuridades que a façam derivar no logogrifho. Querem o manual de receitas para cozinhar symbolismo á moda decadentista ?

É de Verlaine :

« De la musique avant toute chose  
Et pour cela préfère l'impair,

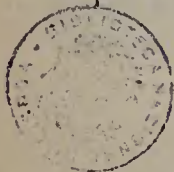
Plus vague et plus soluble dans l'air,  
Saus rien en lui qui pèse ou qui pose.

Il faut aussi que tu n'aïlles point  
Choisir tes mots sans quelque méprise :  
Rien de plus cher que la chanson grise  
Où l'indécis au précis se joint...

Car nous voulons la nuance encore,  
Pas la couleur, rien que la nuance !  
Oh ! la nuance seule fiance  
Le rêve au rêve et la flûte au cor...»

Isto em linguagem plebéa quer dizer que a poesia, cansada de fazer escultura e pintura em verso, decide-se a explorar agora a musica, e a fazer romances sem palavras.

Para attingir mais este cimo, o que faz ella ? Faz ramilhetes de phrases inintelligiveis, dá fórma rythmica a palavras sem pensamentos, e a isto chama symbolismo. É uma das fórmas da insociabilidade dos nevropathas, esta obscuridade procurada ; e como por detraz della pouco mais ha do que a fadiga cerebral que se compraz em rabiscar o exotico, e a inaptidão creadora que invalida o decadentista e o symbolista para a execuções de grandes planos, acontece ser aquella obscuridade tambem um outro symptoma de neurasthenia, já mencionada, *qual uma vaidade superior á média, facto frequente nos criminosos e nos loucos, e dando aos individuos um accentuado character d'exhibitionismo.* Noutra occasião estudaremos os senhores poetas cá da casa.





# Livraria Clássica Editora

Praça dos Restauradores, 17 — LISBOA

---

## DR. JOSÉ JOAQUIM NUNES

Gramática Histórica da Língua Portuguesa (*Fonética e Morfologia*). 2.<sup>a</sup> edição, revista e aumentada. 1 vol.

Digressões Lexicológicas — 1 vol.

---

## GONÇALVES VIANA

Palestras Filológicas. 2.<sup>a</sup> edição, revista conforme as correções feitas pelo autor, sobre a 1.<sup>a</sup> edição. 1 vol.

---

## A. EPIFÂNIO DA SILVA DIAS

Sintaxe Histórica Portuguesa. 2.<sup>a</sup> edição, revista pelo Dr. Rodrigo Sá Nogueira, compreendendo um índice analítico, alfabético e muito minucioso. 1 vol.

---

## J. LÚCIO DE AZEVEDO

Novas Epanáforas — Estudos de história e literatura. 1 vol.

---

## ÓSCAR DE PRATT

Gil Vicente (Notas e comentários)

---

## A. BARBOSA PIÇARRA

Nova Gramática Elementar da Língua Alemã. 1 vol. cartonado.

Curso prático de Alemão Comercial (Contendo correspondência, expressões, termos e fórmulas de comércio, de bolsa e câmbio, etc., além da gramática, conversação e um vocabulário das palavras empregadas no livro). 1 vol.

---

## ACÁCIO LÓBO

Curso prático de Francês Comercial (Compreendendo correspondência e conversação). 6.<sup>a</sup> edição melhorada. 1 vol.

Curso prático de Inglês Comercial (Compreendendo correspondência, conversação, expressões, etc., e um mapa comercial da Inglaterra). 6.<sup>a</sup> edição emendada. 1 vol.









